

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**FERNANDO MALUF DIB OLIVEIRA**

**A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE: O  
SIMULACRO DA REALIDADE**

**UBERLÂNDIA**

**2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**FERNANDO MALUF DIB OLIVEIRA**

**A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE: O  
SIMULACRO DA REALIDADE**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
à obtenção do grau de Mestre em Ciências  
Sociais pelo Programa de Pós-graduação em  
Ciências Sociais da Universidade Federal de  
Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Ferreira de Souza

**UBERLÂNDIA**

**2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

O48c  
2016      Oliveira, Fernando Maluf Dib, 1982-  
            A constituição da identidade na pós-modernidade : o simulacro da  
            realidade / Fernando Maluf Dib Oliveira. - 2016.  
            120 f.

            Orientador: Marcio Ferreira de Souza.  
            Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
            Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.  
            Inclui bibliografia.

            1. Ciências sociais - Teses. 2. Identidade - Teses. 3. Modernidade -  
            Teses. 4. Pós-modernismo - Teses. I. Souza, Marcio Ferreira de. II.  
            Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
            Ciências Sociais. III. Título.

---

CDU: 316

**FERNANDO MALUF DIB OLIVEIRA**

**A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE:  
O SIMULACRO DA REALIDADE**

**Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia.**

**BANCA EXAMINADORA:**

**Presidente:**

---

**Prof. Dr. Marcio Ferreira de Souza (Orientador)**  
**Universidade Federal de Uberlândia**

**1º Examinador:**

---

**Prof. Dra. Rafaela Cyrino Peralva Dias**  
**(INCIS-UFU)**

**2º Examinador:**

---

**Prof. Dr. Luiz Flávio Neubert**  
**(Universidade Federal de Juiz de Fora)**

## **Não sei quantas almas tenho**

Não sei quantas almas tenho.  
Cada momento mudei.  
Continuamente me estranho.  
Nunca me vi nem achei.  
De tanto ser, só tenho alma.  
Quem tem alma não tem calma.  
Quem vê é só o que vê,  
Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,  
Torno-me eles e não eu.  
Cada meu sonho ou desejo  
É do que nasce e não meu.  
Sou minha própria paisagem;  
Assisto à minha passagem,  
Diverso, móbil e só,  
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo  
Como páginas, meu ser.  
O que segue não prevendo,  
O que passou a esquecer.  
Noto à margem do que li  
O que julguei que senti.  
Releio e digo: "Fui eu ?"  
Deus sabe, porque o escreveu.

Fernando Pessoa

## **AGRADECIMENTO**

Gostaria de agradecer primeiramente a vida, por ter me possibilitado desbravar conhecimentos e sempre questionar o que não acreditei como certo. Pois nesta busca foram me trazidos grandes saberes e questionamentos pertinentes. Agradeço a minha mãe, por todo esforço e dedicação em cada passo desta jornada, pois sem ela não teria encarado esta jornada que me foi concebida. Aos professores do Mestrado em Ciências Sociais, por me ajudarem a desbravar caminhos até então não conhecidos, por meio das excelentes aulas que foram ministradas. Agradeço aos amigos sempre presentes e compreensivos durante esta jornada de crescimento. Ao meu orientador professor Marcio Ferreira de Souza pela rica orientação e paciência durante o processo de construção deste trabalho.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar como se constituem as identidades sociais na etapa da pós-modernidade, momento este que ocorre uma crise de direcionamento na formação das identidades quando comparadas ao período moderno. A problemática que resulta desta investigação busca seu fundamento no nascimento e desenvolvimento da modernidade, que após as apostas feitas para o seu desenvolvimento social e cultural, vieram a ruir, dando espaço e necessidade ao surgimento da pós-modernidade. A identidade se apresenta como resultado do desenvolvimento social e cultural, do ponto de vista teórico de Norbert Elias e Stuart Hall. O surgimento e emancipação da modernidade, suas principais características e como as mesmas irão influenciar na constituição da identidade e o nascimento do individualismo, com a contribuição teórica de Alain Touraine e Zygmunt Bauman. É este sujeito que no decorrer da pós-modernidade, não mais apresentará uma constituição fixa de sua identidade, uma vez que o mesmo está constantemente sendo bombardeado pela propaganda e pela mídia, por um jogo de sedução e adequação. Neste momento do desenvolvimento do pós-modernismo e da cultura de consumo toma um espaço cada vez determinante com o simulacro e a possibilidade de uma hiper-realidade, utilizei como elemento ilustrativo de minha discussão teórica, o filme Ela (2013) para demonstrar a possível relação estabelecida entre o simulacro e o indivíduo nas sociedades contemporâneas, tendo como teóricos principais Fredric Jameson e Jean Baudrillard.

Palavras Chave: Identidade; modernidade; pós-modernidade, pós-modernismo.

## ABSTRACT

This work aims to analyse how the identity is constituted in the post modern era, a period in which a crisis in the formation of the identity takes place if compared to the modern period. The subject of the present investigation concerns the rising and development of modernity, since the projections for the social and cultural development failed giving opportunities to the appearance of post modernity. The social identity presents itself as a result of the social and cultural development according to Norbert Elias and Stuart Hall. The appearance and unfolding of modernity and its main features along with how these features influences the constitution of identity and the rising of the subject are approached based upon Alain Tourraine and Zygmunt Bauman's theoretical work. It is this subject who no longer presents a fixed constitution of the identity during the post modernity since the subject is constantly exposed to the propaganda and to the media in a play of seduction and adequacy. At this point in the post modernism development – as a logic of the cultural development of this period – consumption culture is more and more determinant turning out to be a simulacrum and presenting a possibility of a hyper-reality. I used as an illustrative element of my theoretical discussion the movie *Her* (2013) to demonstrate the possible relationship between the simulacrum and the human being in contemporary societies, such unfolding has as its main authors Frederic Jameson and Jean Baudrillard whose contributions also features in this dissertation.

Keyword: Identity; modernity; postmodernity.



## SUMÁRIO

Introdução	9
1 – A identidade em questão	15
1.1 – Uma relação entre indivíduo e sociedades.	15
1.2 – A constituição da identidade	18
2 - Modernidade: um conceito a se criar	30
2.1 – Uma abordagem sobre crítica e nomenclatura	30
2.2 – As múltiplas facetas da modernidade	35
3 – Pós-modernidade: origens e condições	56
3.1- A consolidação da pós-modernidade e do pós-modernismo	56
3.2 - David Harvey e a constituição pós-moderna	67
4 – Pós-modernismo e cultura de consumo	77
4.1 – A cultura de consumo	85
5 – A identidade na pós-modernidade: o simulacro como solução	95
5.1 – A constituição da identidade na pós-modernidade	96
5.2 – A identidade pós-moderna vinculada ao simulacro: uma leitura do filme Ela	105
Considerações finais	114
Referências	118

## INTRODUÇÃO

O foco deste trabalho é o de desvendar como são constituídas as identidades sociais na pós-modernidade, momento este que ocorre uma crise de identidade (HALL, 2001) e uma transformação na constituição do sujeito, em um longo processo de rupturas e reinvenções que são típicos da era pós-moderna e do desenvolvimento capitalista das sociedades. Meio este que se desenvolve através de estruturas sintagmáticas em seu modo de constituição aliadas ao desenvolvimento cultural e subsequente transformação e reinvenção de todo o aparato social, em estruturas e instituições em constante desenvolvimento, meio este de grande importância para o desenvolvimento da identidade.

Era esta que se consolida após as apostas feitas para o progresso da modernidade, em um desenvolvimento que assevera mudanças e continuidades como certas e que não mais correspondem às necessidades sociais vigentes, dando início a Pós-Modernidade ou terceira fase do capitalismo, que se inicia no fim dos anos 50 e começo dos anos 60, do século XX, tratando-se de um estágio do capitalismo mais desenvolvido, tendo em vista a amplitude das barreiras temporais, do que aqueles que o antecederam e também que apresenta uma cultura voltada ao consumo sem barreiras e que se encontra no mais alto grau de desenvolvimento (JAMESON, 2004).

Assim, o tema a ser problematizado refere-se à transformação do indivíduo frente às mudanças constantes decorrentes da cultura pós-moderna e da cultura de consumo e seu referencial dominante, tendo em vista que a mesma atua sobre a transformação da personalidade individual, através do desenvolvimento cultural desenfreado e é dotada de novos estilos sempre presentes, cada vez mais abrangentes e determinantes (FEATHERSTONE, 1995).

É nessa era que, segundo alguns autores, é decretada a morte do próprio indivíduo unificado (HALL, 2001), presente na modernidade sólida (BAUMAN, 2000). O indivíduo se encontra mergulhado em um ambiente cultural e social descontínuo e repleto de incertezas durante o processo de sua formação pessoal. Imerso na cultura pós-moderna o indivíduo passa a representar diferentes identidades sociais, seja as mesmas repercutidas tendo como fundamento a diversidade étnica e até mesmo a diversidade

propagada pelo meio cultural, pois a mesma possibilita diferentes ambientes sociais a serem representados e significados pelo indivíduo, gerados pela lógica cultural dominante (JAMESON, 2004) e objeto determinante de transformação (HALL, 2001).

o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2001, p.34).

A cultura de consumo cada vez mais desenfreada, numa economia cada vez mais apelativa e direcionada ao lucro, executa papel importante nesse processo produzindo uma série ininterrupta de mercadorias que se assemelham cada vez mais umas às outras. As mesmas são pautadas pela estética que, como designa Baudrillard (1991), não passa de um *simulacro*, uma cópia que ao original não mais se assemelha, em meio a construção de uma *hiper-realidade* no momento de desenvolvimento do pós-modernismo aliado a cultura de consumo.

É na medida em que se multiplicam as possibilidades de identidades sociais disponíveis ao sujeito que se dá a sua transformação, o que acarreta uma enorme descontinuidade no processo de sua constituição. O sujeito na cultura pós-moderna se depara com diversos “eus”, através dos desenvolvimentos culturais relacionados a significações distorcidas e fragmentadas (FEATHERSTONE, 1997).

Tendo em vista a exposição sobre as características demonstradas como aspectos parciais e determinantes da formação social, a de se afirmar que este novo e original espaço, é o momento do Pós-Modernismo, como a lógica cultural da Pós-Modernidade. (JAMESON, 2004).

Mas o argumento de que a cultura hoje não é mais dotada da autonomia relativa que teve em momentos anteriores do capitalismo não implica, necessariamente, afirmar o seu desaparecimento, ou extinção. Ao contrário, o passo seguinte é afirmar que a dissolução da esfera autônoma da cultura deve ser antes pensada em termos de uma explosão: uma prodigiosa expansão da cultura por todo o domínio social, até o ponto de que tudo em nossa vida social – do valor econômico e do poder do estado às práticas e a própria estrutura da psique – pode ser considerado como cultural, em um sentido original que não foi, até agora, teorizado. Essa proposição, no entanto, é totalmente consistente com o diagnóstico de uma sociedade da imagem ou do simulacro, e da transformação do “real” em um série de pseudo-eventos. (JAMESON, 2004, p.74).

\_Tendo como foco esse universo social, o objetivo do presente trabalho é averiguar de que forma se dá a transformação contínua do sujeito na chamada era Pós-Moderna. O que aponta para diversos direcionamentos e opções para a constituição da identidade, tendo em vista que o meio de desenvolvimento cultural irá apresentar diversos estilos e possibilidades na veiculação de seus produtos culturais e no direcionamento e necessidade que os mesmos repercutem.

No meio de desenvolvimento do pós-modernismo e da cultural de consumo irão contribuir para uma longa diversidade de padrões para a constituição da identidade, nesta etapa do capitalismo que neste momento, mais do que em outros períodos, apresenta uma produção em larga escala. Na junção com o simulacro, mais do que opções, sugere a transformação de uma realidade em um jogo de imagens e sensações que mais se assemelham à *hiper-realidade*.

Para isso o desenvolvimento da presente dissertação segue uma estrutura organizada em cinco capítulos, buscando desvendar como se dá a constituição da modernidade, a formação de seu consequente sujeito, para adentrar no campo da pós-modernidade suas aplicações, seu amplo sentido e o aspecto cultural do pós-modernismo. O que culmina com um estudo sobre a cultura de consumo e seus ditames na formação da identidade pós-moderna.

No capítulo 1 apresenta-se como se dá a formação da identidade, como um conceito referente às transformações na esfera social e cultural, observando o indivíduo como um intermediário desse processo, tendo a sua identidade como resultante de tais transformações. Em sequência, focando na identidade na pós-modernidade, será apresentado como se constitui essa “crise” na formação que é um dos pontos centrais deste processo de constituição. Em um primeiro momento será utilizada a teoria desenvolvida por Norbert Elias (1994), na procura de elucidar como se constituem as relações estabelecidas entre o indivíduo e sociedade, desde o início da concepção do termo indivíduo, que dará suporte ao desenvolvimento pós-moderno desta relação. Dentro desta concepção da identidade cabe salientar como se dá a diferença, sua constituição e formulação sobre os argumentos teóricos de Stuart Hall (2001, 2003), Kathryn Woodward (1997) e Tomaz Tadeu da Silva (2000). Para encerrar o primeiro capítulo recorro à obra “Globalização as consequências humanas” (1999) de Zigmunt Bauman, para a introdução necessária de como se fundamenta e se repercute a

globalização e como a mesmas irão interferir no processo de formação das identidades, nesse momento de caráter global.

No capítulo 2, o foco de análise é a sociedade moderna. Utilizo como referência as teorizações e argumentações de Anthony Giddens (1991), que irá salientar para o dinamismo presente nesta sociedade moderna, por ele denominada como pós-tradicional, destacando que neste momento ocorre uma ruptura com o modelo presente nas sociedades tradicionais, demonstrando que o “eu” passa a ser constituído através de um projeto reflexivo e também demonstrando a necessidade e o poder das fichas *simbólicas* e dos *sistemas peritos* nesse momento em que ocorre uma ruptura nos padrões de tempo e espaço.

Marshall Berman (1992), outro autor que utilizo como referência teórica no capítulo 2, salientará que a experiência da modernidade se constituirá para todos os indivíduos que dela participam, tendo de suas variáveis e fragmentações que lhe são inerentes. Este autor destaca também, a importância do movimento do modernismo e a interação das artes como meio não só de promoção, mas também, de constituição do ideal moderno de transformação. Por outro lado Bauman (2000), na busca de apontar seus direcionamentos frente a duas etapas da modernidade, que seriam a modernidade sólida e a modernidade líquida, procura conceitualizar este momento em que a ansiedade e a confiança passam a apresentar um sentido cada vez mais presente nas vidas dos indivíduos em um processo de individualização como membros individuais e tendo em vista sua integração social.

Este capítulo será finalizado com as concepções sobre o sujeito moderno a partir das abordagens de Alain Touraine (1994), que apresenta o indivíduo moderno em um processo de integração entre o sujeito e sua razão na busca de seu individualismo e de seu lugar no mundo e Zygmunt Bauman (2000), no processo de integração social tendo em vista o poder de ameaça que a sociedade apresenta neste processo de identificação.

No capítulo 3, são apresentados os marcos iniciais para o uso do termo pós-moderno, assim como também do pós-modernismo, por Perry Anderson (1999), que leva em consideração seu início na língua anglófona, para em seguida passar pela arquitetura e pela filosofia até chegar, ao seu maior representante Fredric Jameson e as transformações culturais pelas quais a sociedade enfrenta neste momento. Palco para a proliferação da pós-modernidade e do pós-modernismo em diversos setores sociais e culturais, mudanças essas detectadas no final dos 1960 e começo dos anos 1970, que colocam por fim todas as crenças até então fundamentadas pela modernidade, em um

campo de forças conflitantes que podem ser notadas no sistema cultural, a arquitetura, assim como os projetos urbanos, na busca de elucidar como a fragmentação e a corrente de mudanças deste período de fragmentações e descontinuidades poderão definir o pós-modernismo, conforme observa David Harvey (2008).

No capítulo 4, será tratada a repercussão do termo pós-modernismo na sociedade e seus meios de alcance por toda a cultura de consumo, através da mídia e demais meios de comunicação. Apontarei Fredric Jameson (2004) novamente como referência, além da elaboração teórica da cultura de consumo com Mike Featherstone (1997).

No capítulo 4, o desenvolvimento do pós-modernismo e da cultura de consumo são os focos centrais, uma vez que é através do desenvolvimento desta nova lógica cultura (JAMESON, 2004) que irá se estabelecer a formação de uma sociedade de consumidores (BAUMAN, 2007), sua manifestação de transformar as pessoas em mercadorias interfere com grande significado em um mundo de consumidores e na própria constituição da identidade. Frente a esta nova ordem mundial presente na vida contemporânea, onde a cultura apresenta um novo estágio do capital, o que para Jameson seria a consciência cultural da pós-modernidade, ou melhor, o que apresenta um novo panorama da sociedade pós-moderna. Serão apresentados também como se estabelece a relação entre modernismo e pós-modernismo em relação ao consumo. Para Featherstone (1995, 1997), essas transformações são reflexos das transformações geradas pelo capitalismo. Nesse sentido Bauman (2007) emerge como um teórico que contribui para tal discussão ao desenvolver conceitos referentes a uma revolução consumista, que se apresenta na passagem de uma sociedade de produtores (modernidade sólida) para uma sociedade de consumidores (modernidade líquida) Características estas que se apresentam em uma sociedade que tem o consumo como uma condição permanente das sociedades, gerando assim um novo ideal de e transformação do indivíduo em uma mercadoria. Apresento também os conceitos referentes ao trabalho na passagem das modernidades propostas por Bauman através do trabalho de Sennet, e seu ideal de “corrosão do caráter”. Frente a este avanço tecnológico não deixarei de fora o termo simulacro empregado por Baudrillard, (1991), como um novo aspecto presente desta união entre o pós-modernismo e a cultura de consumo.

No capítulo 5, após apresentado o arcabouço teórico sobre a modernidade e a pós-modernidade e suas consequentes formações de identidade, será desenvolvido um referencial cruzado sobre as teorias acima apresentadas para se aproximar de uma

formulação que seja elucidativa da constituição da identidade pós-moderna vinculada ao desenvolvimento da tecnologia e da união das estruturas que formam a identidade com ideal de transformação da realidade em um hiper realidade através do simulacro. Para este intento utilizo, em um primeiro momento, da teoria relacionada dos autores até aqui trabalhados como forma de traçar um referencial cruzado, tendo como recurso metodológico o filme norte-americano *Ela* (2013). Tendo o filme como quadro ilustrativo, traçarei os pontos abordados para em seguida fazer uma aproximação com os principais pontos apresentados frente ao trabalho sobre a constituição da identidade na pós-modernidade. Serão apresentadas relações com o desenvolvimento pós-moderno, a tecnologia arrojada, o grande ideal exposto pela publicidade, a diversidade das identidades, a globalização como pano de fundo que resulta na solidão e na melancolia, que por sua vez são fruto destas mesmas relações efêmeras. Mais do que isso, pela busca por uma identidade, ressaltando o poder do simulacro, em relações propostas no “Amor líquido” de Bauman (2004), na sociedade em redes de Castells (2005), momentos estes que apresentam as características gerais da sociedade pós-moderna.

Nas considerações finais, apresento os pontos de transformação a partir dos quais a introdução e desenvolvimento do presente trabalho tomam como referencial e respostas das perguntas referentes à formação da sociedade pós-moderna e consequente constituição das identidades.

## **CAPÍTULO 1**

### **A IDENTIDADE EM QUESTÃO**

#### **1.1 - Uma relação entre indivíduo e sociedade**

Neste capítulo pretendo abordar sobre a questão da formação da identidade na etapa da pós-modernidade, ou seja ao desenvolvimento cultural desenfreado, a partir de argumentações teóricas que apontam para o conceito de identidade como decorrente de uma crise, que acarretará na formação de estruturas e instituições descontínuas e fragmentadas.

Este debate, em um primeiro momento, busca fundamentos na teoria desenvolvida pelo sociólogo alemão Norbert Elias (1994) que apresenta uma relação contundente entre a formação social dos indivíduos, tomando como referência o meio social do qual fazem parte, em uma relação estabelecida entre a identidade-eu e a identidade-nós. Tal relação se mostra de grande relevância para o desenvolvimento da identidade como também da diferença. Conceitos estes que são interdependentes e de grande importância para a constituição multicultural da identidade pós-moderna, em um processo de interação e adequação às normas sociais. Esta discussão contará com os argumentos sobre identidade desenvolvidos pelos teóricos, Stuart Hall (1996, 1997, 2001), Kathryn Woodward (1997) e Tomaz Tadeu da Silva (2000). Argumentos esses presentes no livro “Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais” (2014).

Na presente discussão abordarei, também, alguns processos de mudanças, no âmbito material e cultural, na economia global (BAUMAN, 1999) e como estas mudanças se mostrarão presentes como parte constituinte na formação da identidade, da diferença e da diversidade.

A identidade se constitui como resultante da interação entre o indivíduo e o meio social ou grupo do qual faça parte. Trata-se, pois, de uma relação estabelecida entre o individual, referentes a uma pessoa e suas necessidades particulares e o coletivo, que é formado através das normas de condutas sociais, que estrutura como os indivíduos irão se comportar e de como serão representados e articulados pelo aspecto cultural, decorrente do processo de sua identificação com o meio.



Ao descrever aspectos presentes nas transformações decorrentes da vida em sociedade podemos utilizar de diferentes conceitos para referirmos aos indivíduos ou ao grupo do qual fazem parte.

A palavra indivíduo, assim como é utilizada na teoria social contemporânea, expressa uma ideia de que todo ser humano deve se comportar como uma entidade autônoma, mas o que ocorre é que esta autonomia se encontra aliada às necessidades do meio social e da vida em grupo. A ideia de indivíduo sem grupo, no mundo antigo, era referente às pessoas isoladas que não compartilhavam das relações propostas dentro dos grupos, acreditando que as mesmas fossem consideradas sem importância. Nas línguas antigas nem mesmo uma menção existe referente ao conceito de indivíduo. Sua identidade era de caráter grupal, uma vez que a mesma se confunde nas relações estabelecidas entre os demais indivíduos e as necessidades sociais e culturais, desempenhando um papel importante como fundamento presente na Idade Média europeia, que é o momento em que a balança entre a identidade-eu e a identidade-nós começou a apresentar mudanças, tendo em vista a supremacia da primeira em relação à segunda. É somente no século XIX que aparecerão formações vocabulares como “individualismo”, “socialismo” e “coletivismo” e posteriormente “indivíduo” e “sociedade” como termos opostos. (ELIAS, 1994, p.134)

Não obstante tal comparação é indispensável, se quiser resistir à maneira displicente com que o problema da relação entre indivíduo e sociedade costuma ser discutido, como um problema aparentemente universal com base na experiência das pessoas que vivem em nosso tempo. (ELIAS, 1994, p.140)

Esta definição da relação entre indivíduo e sociedade, é constituída pelo caráter dinâmico de ambos os lados, que irão indicar como a estrutura do indivíduo singular se relaciona com os demais indivíduos e por consequência com a vida grupal.

A relação entre indivíduo e sociedade que se pode observar no século XX, em uma sociedade industrializada, se encontra permeada frente a um grande contingente de indivíduos, diversas estruturas de personalidade e aspectos estes que se encontram presentes na formação grupal. O que acarreta na impossibilidade de encontrar um conceito fixo diante da relação entre indivíduo e sociedade. pois “...as sociedades humanas estão em permanente fluxo; são sujeitas a mudanças constantes numa ou noutra direção.” (ELIAS, 1994, p.145)

O século XX é perpassado pelo movimento de modernização presente nas sociedades industriais (BERMAN, 1992), que buscam incessantemente a transformação e readequação dos pressupostos apontados pelos anseios e projetos apresentados como revolucionários, que se encontram presentes na era moderna. Apostas estas que iriam ruir frente a impossibilidade de seu desenvolvimento e ideal de transformação, dando lugar a um novo estágio de desenvolvimento cultural que pode ser denominado como “pós-moderno” (HARVEY, 2008).

A mudança na concepção do que vem a ser do indivíduo é fruto de uma transformação contínua que é mais acirrada a partir do desenvolvimento da sociedade moderna, uma vez que nos estágios mais primitivos do desenvolvimento social o indivíduo se encontra diretamente relacionado ao grupo em que nasceu e é dele uma representação. Neste momento tratando das concepções da sociedade moderna as identidades são constantemente transformadas e reorganizadas de acordo com a mudança nos aspectos sociais e culturais.

O indivíduo traz consigo o seu “habitus”, referente ao meio em que está inserido e que o individualiza através do desenvolvimento de necessidades e satisfações na sua relação com o ambiente. A vida em sociedade, tendo em vista sua multiplicidade de causalidades decorrentes de fenômenos dinâmicos frente as suas transformações, resulta na formação da identidade “eu-nós” e age como um processo para a identificação do indivíduo com o meio. Este processo diz respeito à pergunta sobre “quem sou eu?”, cuja resposta encontra respaldo em um ser determinado pelo meio social e com suas vontades individuais, que por muitas vezes vão de encontro com as necessidades da sociedade. (ELIAS, 1994)

O problema da identidade individual durante a vida inteira não pode ser intelectualmente apreendido, como agora podemos ver com mais clareza, enquanto não se levar em conta a natureza processual do ser humano e não se dispuser de instrumentos conceituais adequados, de símbolos linguísticos para identificar os processos de desenvolvimento. (ELIAS, 1994, p.153)

Norbert Elias ressalta que no atual processo de desenvolvimento da teoria social, se entrelaçam diferentes aspectos quando relacionados ao desenvolvimento da identidade, neste processo sua estrutura depende diretamente do fluxo de desenvolvimento. A identidade-eu deve ser compreendida como um organismo, ou,

melhor dizendo, como uma unidade biológica altamente organizada em meio ao desenvolvimento social contribuindo na fusão com a identidade-nós.

Frente a um processo de transformações relacionadas à modernidade o indivíduo experimenta de maneira singular e determinante sua identidade-eu. O seu processo de desenvolvimento e diferenciação irá acarretar em uma formação contínua de identidade.

## **1.2 - A constituição da identidade**

O termo identidade pode ser relacionado com uma ampla gama de conceitos, empregados na teoria social, referentes à concepção de sociedade, seja ela tradicional<sup>1</sup>, moderna ou pós-moderna, como também em relação aos processos individuais e não apenas coletivos presentes no processo de construção e desconstrução da identidade.

A noção de identidade será utilizada aqui como um processo que se constitui através dos meios culturais e sociais que são propagados na vida em sociedade e em relação a consequente formação individual e como a mesma irá se diferenciar. No presente debate me interessa realçar os aspectos apresentados pela pós-modernidade e que serão constituídos pela cultura pós-moderna (JAMESON, 2004), que é o objeto de análise da presente dissertação.

Os processos de identificação presentes na vida social são desenvolvidos pelos indivíduos e se configuram presentes no modo de desenvolvimento da cultura contemporânea, mostrando-se vinculados pelo reconhecimento de uma origem comum, que não poderá ser encontrada frente a diversidade dos grupos e aos indivíduos que deles participam.

Na busca por apresentar como a identidade se constitui na pós-modernidade, recorro a Stuart Hall (1996, 1997, 2001), que analisa a formação da identidade social, tendo como orientação como a mesma é formada e transformada através do processo de representação e identificação. Esta análise mostra-se de grande valia para a formulação de um arcabouço teórico e, mais do que isso, de uma fundamentação do que vem a ser a identidade.

A formação da identidade é uma questão que tem sido amplamente discutida na teoria sociológica contemporânea, que visa a compreensão e elaboração de como esta se

---

<sup>1</sup> Ao utilizar a referência com o termo tradicional, enfatizo que neste momento as sociedades se encontravam em um grau de desenvolvimento que muito se diferencia ao das sociedades modernas, quando voltado a industrialização e ao sistema capitalista.

fundamenta na pós-modernidade. Parte do debate contemporâneo argumenta no sentido de que as identidades, na denominada modernidade clássica, que ainda não passou pelo processo de industrialização, se mostravam coerentes e determinadas pelo meio social, que as estabilizavam em um primeiro momento, e com o desenvolvimento da modernidade se encontravam em declínio, o que constitui o palco para a descentralização da identidade na pós-modernidade. De acordo com tal assertiva veicula-se a noção de “morte do próprio sujeito” (JAMESON, 2004). Sobre tal questão discutirei no capítulo 2.

Em “O poder da identidade” (1996), Manuel Castells irá entender a construção da identidade como um processo decorrente das modificações de seu significado, tendo como base o seu atributo cultural, ou, melhor dizendo, o seu conjunto de atributos culturais. Castells apresenta uma distinção entre a formação da identidade e os papéis e conjunto de papéis atribuídos aos indivíduos, que são definidos através de normas estruturadas pelas instituições e organizadas pela sociedade. Cabe ressaltar neste momento que as identidades irão organizar significados enquanto os papéis ficariam por conta de organizar as funções, do ponto de vista sociológico toda e qualquer identidade é construída.

A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê isto acontece. A construção da identidade vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. (CASTELLS, 1996, p. 22-23)

Assim a identidade será constituída tendo como fundamento e manutenção diversas partes diferentes entre si, e que serão importantes e necessárias para a constituição de referências e aparatos que irão se vincular aos questionamentos pessoais e necessidades sociais.

Em “O poder da identidade”, Castells irá apresentar a constituição da identidade como marcada por relações de poder. Seriam elas: a identidade legitimadora, a identidade de resistência e o que é mais importante para o presente trabalho, que é a identidade de projeto. Esta é conceituada como a identidade presente quando os indivíduos se utilizam de qualquer material cultural que esteja ao seu alcance (que constitui um forte indício da cultura pós-moderna), construindo constantemente novas

identidades que os torna capaz de redefinir sua posição na sociedade e buscar a transformação de toda a estrutura social.

Para Woodward (1997) as identidades são constituídas por meio de aspectos simbólicos e sociais, que se apresentam como sistemas de representação em uma relação estabelecida entre cultura e significado. Como esta mesma identidade irá se diferenciar é um fundamento ainda presente na cultura pós-moderna, em uma relação compreendida frente aos significados simbólicos apresentados e a consequente posição dos sujeitos, o modo como eles se apresentam no interior das sociedades. Segunda a referida autora, “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis por um modo específico de subjetividade.” (WOODWARD, 1997, p.19)<sup>2</sup>.

Esta representação pode aqui ser tomada como práticas de significação aliadas aos sistemas simbólicos, no qual os mesmos são produzidos acarretando no posicionamento do indivíduo em seu processo de construção identitária.

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (WOODWARD, 1997, p.18)

A representação aqui abordada é um referencial de grande importância uma vez que apresenta ferramentas para elucidar como a identidade se forma dentro de uma sociedade. Pode ser apresentada como um processo cultural que irá estabelecer as identidades individuais e coletivas, onde os sistemas culturais fornecem respostas a questões individuais e a própria constituição da identidade. Estes discursos aliados aos sistemas de representação delimitam quais lugares serão habitados por determinada identidade.

O que denominarei como representante da identidade ao desenvolvimento da modernidade está diretamente relacionado com as diferenças referentes aos processos de identificação, que por sua vez determinarão as posições que adotamos no decorrer da vida e que são constituídas por um conjunto específico de “circunstâncias, sentimentos,

---

<sup>2</sup> Kathryn Woodward em “Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais” (2014), ressalta que as identidades são constituídas por meio de diferentes instituições nas quais os indivíduos estão inseridos, exercendo graus variados de escolha e autonomia, fundamentado em um contexto material e a um conjunto de recursos simbólicos.

histórias e experiências únicas como sujeitos individuais” (HALL, 1997). Assim as identidades são formadas a partir de conceitos de desenvolvimento estrutural.

Isto, de todo modo, é o que significa dizer que podemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles) (HALL, 1997, p.8).

Neste processo que tomarei neste momento como de identificação, o indivíduo passa a determinar sua própria identidade através de mecanismos internos e externos determinados pela sociedade e o meio cultural, por meio do desenvolvimento social e individual. O sistema cultural da pós-modernidade irá funcionar em meio a um aglomerado de sentidos, opções e possíveis tomadas de decisão, que por sua vez irão condicionar ou até mesmo consolidar as identidades individuais.

Neste sentido, surgem diversas possibilidades para o entendimento acerca da formação da identidade que se encontra em “crise” nas sociedades contemporâneas. Esta crise da identidade que emerge na época moderna, e vai acarretar maiores problemas a partir dos ditames da cultura pós-moderna, pode ser vista como decorrente de um processo amplo de mudanças, que se apresentam através dos deslocamentos das estruturas e dos processos centrais da sociedade moderna. Consequentemente, fornece condição para o surgimento de um novo sujeito.

Ao apontar para uma crise de identidade, Hall (2001) se fundamenta na fragmentação presente nas paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, que irão se apresentar como estruturas decorrentes e que serão determinantes nas transformações sociais e culturais que essa mesma cultura passa a repercutir. O que acarreta uma visão veiculada ao “descentramento” deve ser visto como causado por uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno.

Stuart Hall salienta que o termo identidade pode acarretar em uma múltipla representação muitas vezes contraditória mediante o seu real significado. Impasse que procuro desenvolver frente a concepção do que foi denominado identidade e como a mesma irá se consolidar no discurso da pós-modernidade, estas mudanças estão transformando as sociedades na modernidade tardia, tendo como marco temporal o final

do século XX. Estas mudanças fragmentam os mais diversificados componentes sociais presentes não só na esfera social, mas também, na formação dos indivíduos.

Segundo Woodward, uma concepção de identidade deve estar vinculada diretamente com a subjetividade presente em cada indivíduo, estando relacionada com a compreensão do que temos de mais próprio em nosso “eu”, que envolvem pensamentos e emoções conscientes e inconscientes, que por sua vez são definidos tendo em vista o meio cultural e social, momento este em que determinamos nossa própria identidade particular.

O termo subjetividade no presente trabalho aponta na direção da construção dos discursos e como os mesmos nos constituem como sujeitos, o que lhes permite explicar as razões pelas quais nos identificamos com as estruturas sociais e simbólicas que nos prometem uma maior identificação.

Este contínuo processo de identificação, pelo qual buscamos uma compreensão sobre nossa própria identidade por meio dos sistemas simbólicos, é construído pelo exterior do eu através de seus anseios e necessidades pessoais.

Para Silva (2000), a identidade deve ser entendida como um significado decorrente das transformações nas esferas culturais e sociais, oriundo de um sistema de significações, o resultado atribuído deve se referir a um conceito de representação. O processo que envolve a representação deve ser entendido como qualquer sistema de significação, que atribui um sentido as formas sociais e culturais que irão constituir a identidade, ligadas às relações de poder. Para o referido autor:

A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser um positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. (SILVA, 2007, p.74)

Mas a representação está diretamente ligada a identidade, que é proveniente da diferença. É através da representação que esta relação passa a fazer sentido. O sistema de poder relacionado a diferença é que irá definir e determinar a identidade.

A diferença, se tomada pela mesma linha de raciocínio adotada para descrever a identidade, como proposto por SILVA (2007), representa a contraposição em relação ao outro. As identidades, assim, são construídas por meio de discursos. As relações de poder demarcarão a diferença e a consequente exclusão no processo de formação da identidade.

Identidade e diferença se fundamentam a partir de um processo contínuo de criação e recriação em nosso comportamento cotidiano. Conforme Silva,

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tão pouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. (SILVA, 2000, p.96)

O que acarreta na formação de uma identidade constituída em meio a fragmentação dos espaços sociais e das estruturas de personificação, que não pode ser vista de forma centralizada. O que acarreta na constituição de identidade aos pedaços e inacabada, como pode ser notado no desenvolvimento da modernidade (GIDDENS, 2002). A existência da identidade tendo como fundamento a lógica cultural da pós-modernidade, o pós-modernismo, que busca através da produção estética se entregar cada vez mais com a produção de mercadorias, em uma economia cada vez mais veloz, através da inovação estética e ao experimentalismo, traços desta nova forma de desenvolvimento do capital, que pode ser tida como sendo constituída por um tipo de indivíduo inevitavelmente performativo. (HALL, 1997).

Assim, o tema a ser problematizado neste capítulo refere-se à transformação da identidade frente às mudanças constantes decorrentes da cultura pós-moderna e seu referencial dominante (JAMESON, 2004), tendo em vista que a mesma atua sobre a transformação da própria identidade pessoal.

A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos como os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2001, p.12)

Hall conforme o argumento supracitado revela uma conceituação referente a identidade complementar, que é de grande importância para o presente trabalho, uma vez que a identidade passa a ser vista como sendo constituída através dos meios pelos quais as estruturas sociais e culturais irão determinar, na busca por uma unificação, de um padrão, em que na verdade o que se encontra é uma multiplicidade de fatores determinantes da sociedade e de seu desenvolvimento cultural.



É neste processo de transformação que irá se constituir o sujeito pós-moderno como não possuindo uma identidade fixa, pois a mesma torna-se uma celebração móvel que é formada e transformada constantemente à luz dos sistemas culturais que nos rodeiam.

Stuart Hall (2001) desenvolve um estudo sobre a constituição da identidade pós-moderna, no qual apresenta três concepções de sujeito com suas diferenças quanto à constituição da identidade. Seriam eles, o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o consequente sujeito pós-moderno. Através desta tipologia procuro demonstrar como se apresentam e se diferenciam as características constituintes da formação da identidade, no contexto das constituições sociais sobre as quais os indivíduos estão inseridos e dispostos a suas transformações.

Ao tratar do sujeito presente no Iluminismo, Hall destaca que a concepção de identidade, naquele momento, se fundamenta tendo em vista a centralidade do indivíduo, da sua consciência e presente em sua ação que irá perdurar durante toda a sua vida de um modo unificado. Fato presente neste momento em uma sociedade moderna e que não mais se encontrará em nenhum outro período da história.<sup>3</sup>

Em se tratando do sujeito sociológico, este é compreendido como reflexo da grande complexidade em que as transformações sociais apresentam neste momento de mudanças contínuas das instituições culturais, na sociedade moderna, nas quais a identidade é formada pela interação entre o indivíduo e a sociedade. O indivíduo ainda se encontra com um núcleo, sendo o mesmo formado e modificado pelo mundo cultural do qual faz parte.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior"— entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando- os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2001, p.11-12)

---

<sup>3</sup> Para Giddens em *Modernidade e Identidade* (2002), estes contextos serão conhecidos como pré-modernos, nos quais a tradição representa a articulação entre os referenciais da própria natureza do ser e está presente em suas ações, em que a tradição oferece meios para a organização da vida social voltados para o desenvolvimento pessoal unificado, ordenando o tempo presente em suas ações. Meios estes que quando voltados ao desenvolvimento da modernidade não mais irão ser encontrado com tamanha unidade.

Assim, a identidade que se apresentava no Iluminismo como estável e mesmo do período de grande complexidade do mundo moderno para o sujeito sociológico que se apresentava com alguma unidade, passa a não mais apresentar nenhum sentido frente às descontinuidades presentes na vida pós-moderna. Neste sentido,

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2001, p.13)

À medida que os sistemas de significação vão se multiplicando e tomando cada vez mais espaço na vida do indivíduo, confrontando-o com uma grande variedade de identidades culturais possíveis, que não são encontradas em nenhum outro período precedente, moderno ou tradicional, abre-se para uma “crise de identidade”.

Neste momento em que a identidade se encontra em “crise”, essa questão passa a ter maior ressonância teórica. O conceito de identidade é empregado por diversos sociólogos e teóricos como uma característica das sociedades contemporâneas.

Segundo Hall (1997) a questão sobre a identidade e a diferença é de grande importância ao se tratar do tema da constituição da identidade pós-moderna, uma vez que as mesmas só são construídas por meio da diferença e não fora dela. A complexidade decorrente da vida moderna nos faz assumir diferentes identidades que por sua vez podem se mostrar contraditórias.

Segundo Silva (2000) a multiplicidade das identidades corresponde ao multiculturalismo presente neste momento de desenvolvimento da modernidade, o que acarreta na necessidade de um apelo à tolerância e ao respeito à diversidade e à consequente diferença.

Esta diferença implica em operações de exclusão e inclusão, uma vez que nossa própria identidade se torna mutante frente a estas operações. A demarcação de fronteiras resultantes deste processo de inclusão e exclusão acaba por determinar relações de poder, acarretando em uma divisão do mundo social entre “nós” e “eles”.

Dividir o mundo social entre “nós” e “eles” significa classificar. O processo de qualificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. A identidade

e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. (SILVA, 2000, P.82)

Conforme citado acima este processo de classificação está diretamente relacionado com a questão da formação da identidade em meio a sua produção da diferença. Mais do que isto, com o desenvolvimento e diversidade dos sistemas classificatórios irão ser determinantes na formação de diferentes identidades.

Neste contexto, identidade e diferença são interdependentes, pois são constituídas como fruto de uma criação, uma vez que não podemos compreender como originados de uma ordem natural e nem mesmo por elementos que estejam a sua disposição, mas sim como algo pertencente aos indivíduos, mas que ainda estão a serem descobertas.

Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2000, p.76)

A identidade e diferença trazem à tona a questão da multiplicidade de identidades que são representadas através da interação existente entre os indivíduos e os meios sociais e culturais aos quais estão submetidos. Na busca da construção de um “eu” coletivo que seja capaz de unificar e garantir um pertencimento cultural em meio a fragmentação, não pode ser tomado como algo concluído, podendo se tornar quase ilusório, a finalidade desta busca. (HALL, 1997)

Neste contexto torna-se impossível a formação de identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente. É uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis. Com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente, pois

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas —desalojadas —de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente". Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a

diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (HALL, 2001, p.75)

O que ainda pode ser ressaltado frente a estas mudanças constantes na formação da identidade é que

Dentro de nós as identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortável “narrativa do eu” (HALL, 2001, p.13)

Neste momento, aqui caracterizado como pós-modernidade, somos confrontados por uma enorme quantidade de possibilidades na formação das identidades, aspectos esses que se revelam através da difusão do consumismo, que se torna um fenômeno fortemente presente - e sobre o qual abordarei no capítulo 4 - com um debate sobre os conceitos formulados por Bauman (2004, 2007) e Jameson (2004). As diferenças e as difusões culturais entre os indivíduos foram reduzidas a um tipo de “moeda global”, uma vez que as diferenças entre as identidades podem ser traduzidas e reinterpretadas. Fenômeno conhecido como “homogeneização cultural”, que se apresenta como uma tentativa de unificar as diferentes identidades nacionais (HALL, 2001)

A globalização é aqui entendida como decorrente dos processos associados a mudanças nas esferas econômica, social e cultural. A constituição das identidades está fortemente vinculada a adesão dos indivíduos ao processo de globalização da sociedade, frente a uma diferente forma de conexão entre as diversas partes do mundo.

Zygmunt Bauman (1999) irá atentar ao fato de que a globalização é um termo que apresenta uma grande relevância na teoria social contemporânea, uma palavra reverenciada pela maioria e que se tornou um lema

Para alguns, “globalização” é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. (BAUMAN, 1999, p.7)

Em meio ao desenvolvimento da relação entre indivíduo e sociedade, o processo de globalização tanto divide como une os indivíduos e as mais diversas culturas. Onde a

causa desta diferença reside na semelhança e no processo de inclusão e exclusão, o que acarreta em uma extraordinária transformação na vida econômica e social.

Woodward (1997), por sua vez, ressalta que a globalização deve ser entendida como um processo que envolve também o meio econômico e social, em padrões de produção e consumo que produzem novas identidades.

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade. (WOODWARD, 1997, p.21)

Estas mudanças na economia global resultam em uma nova maneira para se pensar o mundo, que neste momento apresenta conexões com os mais diversos tipos de diferenças em qualquer parte do mundo. Uma referência da formação das identidades nacionais pode ser apresentada em caráter de conceituação das diferenças provocadas na relação entre indivíduo e sociedade, neste momento de desenvolvimento da modernidade, agora em caráter global.

O palco para a formação da identidade se fundamenta nas transformações constantes que são derivadas do desenvolvimento da modernidade, a mudança nas instituições sociais, assim como meios de regulamentação social e cultural irá se diferenciar dos até então presentes em outro período histórico.

No segundo capítulo buscarei elucidar como as transformações, oriundas da sociedade moderna, irão ser determinantes para a formação das identidades decorrentes das transformações do meio social e cultural. Irei utilizar termos diferentes ao seu desenvolvimento como alta modernidade (GIDDENS, 1991, 2002), modernidade líquida (BAUMAN, 2000), ao processo de modernização (BERMAN, 1992) e modernidade (TOURAINÉ, 1994) como princípio do pensamento voltado para subjetivação e objetivação tendo em vista o desenvolvimento do sistema capitalista, a burocracia, ao desenvolvimento da tecnologia e aos meios de proliferação cultural que irão acarretar na constituição das identidades. O arcabouço teórico desenvolvido a partir dos autores supracitados, apresenta como será a transformação do ambiente social após as apostas feitas sobre o progresso da modernidade ceder lugar a nova lógica cultural do capitalismo, o pós-modernismo (JAMESON, 2004). Serão argumentados no próximo

capítulo como a estrutura social e, mais do que isso, como a relação entre indivíduo e sociedade irá se fundamentar em quais meios sociais e culturais a identidade se formará, ou melhor, se fragmentará através do processo de individualização.

## CAPÍTULO 2

### A DIVERSIDADE DA MODERNIDADE

#### 2.1- Uma abordagem sobre crítica e nomenclatura

Devido à dificuldade muitas vezes encontrada na compreensão referente aos termos modernidade, modernismo, modernização, pós-modernidade e pós-modernismo, termos esses que serão empregados no decorrer do presente capítulo, apresento uma explicação conceitual de como serão utilizados e defendidos no decorrer da presente dissertação.

Tais conceitos foram elaborados tendo como referencia ao período moderno e a posterior utilização do prefixo “pós” sugere, ora um sentido de continuidade do projeto moderno, para alguns autores, ora até mesmo de ruptura com seu estágio precedente, para outros.

Determinados estudiosos também procuraram estabelecer marcos temporais, presentes nos séculos XIX e XX, sobre a emergência da modernidade. Cabe ressaltar, porém, que tais marcos são determinações arbitrárias e estão em consonância com as particularidades e objetivos específicos de cada autor, a exemplo da observação que se segue, de Mike Featherstone:

Afirma-se, de modo geral, que a modernidade surgiu com o Renascimento e foi definida em relação à Antiguidade, como nos debates entre os Antigos e os Modernos. Do ponto de vista da teoria sociológica alemã do final do século XIX e do começo do século XX, do qual derivamos grande parte de nosso sentido atual do termo, a modernidade contrapõe-se à ordem tradicional, implicando a progressiva racionalização e diferenciação econômica e administrativa do mundo social (Weber, Tonnies, Simmel) – processos que resultam na formação do moderno Estado capitalista-industrial. (FEATHERSTONE, 1995, p.20)

As transformações resultantes do modo de produção capitalista-industrial estão aliadas com o nascimento da era moderna, que realça incontáveis mudanças no desenvolvimento das sociedades e consequentemente na constituição do indivíduo. Tais transformações, resultam em um novo direcionamento das relações sociais, até então existentes, que colaboram para uma nova estrutura da formação das identidades.

Esses processos acabam por resultar na formação do estado capitalista moderno. A experiência da modernidade deve ser vista como uma qualidade presente neste momento de descontinuidade do tempo, no rompimento com a tradição. O que resulta em um novo sentimento de possibilidades.

Procuro destacar a experiência da modernidade tendo como referência a obra “Tudo que é sólido desmancha no ar”, de Marshall Berman (1992), na qual o autor apresenta o processo de modernização, sem deixar de lado a múltipla representação da sensibilidade moderna, com maior enfoque as artes plásticas, com o modernismo. Porém, voltarei a Berman mais a frente. Antes, porém, cabe destacar que o modernismo irá se identificar com os estilos associados aos movimentos artísticos que se originaram na virada do século XIX para o XX. Algumas de suas características centrais são apresentadas por Featherstone (1995)

Reflexividade e autoconsciência estética; rejeição da estrutura narrativa em favor da simultaneidade e da montagem; exploração da natureza paradoxal, ambígua e indeterminada da realidade e rejeição da noção de uma personalidade integrada, em favor da ênfase no sujeito desestruturado e desumanizado. (FEATHERSTONE, 1995, 24)

O modernismo, enquanto movimento de expressão cultural, traz consigo as características presentes na sociedade moderna quando relacionadas ao dinamismo e ao caráter reflexivo da ação social.

Já o processo de modernização indica os efeitos do desenvolvimento econômico sobre as estruturas sociais e os valores a serem empregados em determinada posição social.

Giddens (1991) aponta para o dinamismo das sociedades e a presença dos mecanismos de desencaixe e da reflexividade. Este autor utiliza de denominações como alta modernidade ou modernidade tardia.

Bauman irá apresentar uma distinção entre dois tipos de modernidade: a modernidade sólida, caracterizada pela segurança e um desenvolvimento linear e a modernidade líquida, que por sua vez é constituída frente a incertezas e mudanças contínuas. Este autor primeiramente adotou o termo pós-modernidade para, em obras posteriores substituí-lo por modernidade líquida.



Um dos principais elementos que dão sustentabilidade a base material da teoria pós-moderna é decorrente da crise do projeto moderno e em sua estrutura sócio-econômica. A industrialização e consequente mecanização é uma característica da era moderna e que ainda se encontra nos dias contemporâneos, fruto de invenções e sinônimo do desenvolvimento da modernidade.

O modo de produção fordista se caracteriza pela aplicação adequada do poder corporativo e regulamentação da economia, se apresenta como uma organização produtiva que se expande rapidamente por meio não apenas da massificação do mercado de produção e consumo, como também na busca de um mercado cada vez maior para seus produtos.

Foi apenas com o final da segunda guerra mundial que o fordismo teve um grande crescimento, caracterizado pela hegemonia do poder econômico e político norte-americano, baseado em um sistema de alianças e relações de poder. (SÁ, 2006, p.44)

Panorama este que irá demonstrar como se fundamentava o capitalismo no momento em que o sistema fordista de produção irá ditar as regras frente ao modo de produção industrial e econômico, quando voltado ao desenvolvimento da produção, mercado de trabalho e distribuição.

Mas nem todos estavam satisfeitos com o desenvolvimento do fordismo, com relação ao salário e a certos setores da economia e de produção em larga escala. As desigualdades geradas produziram sérias tensões sociais, produzindo assim um novo tipo de sociedade. Esta, que será o palco para o desenvolvimento do pós-fordismo e o alvorecer de uma sociedade da informação, a tecnologia, com vistas a um desenvolvimento em larga escala, toma cada vez mais espaço nesta sociedade não mais moderna e sim pós-moderna, tendo em vista a variabilidade de estilos e constituição das instituições culturais.

É essa nova tecnologia, que esta cada vez mais perto e necessária nas atividades cotidianas que podem possibilitar uma nova estruturação das relações de trabalho e dos sistemas produtivos em bases sociais e econômicas.

Para Harvey (2008), a acumulação flexível pode ser apresentada como um embate direto com a rigidez do fordismo, que busca sustento na flexibilização dos mercados de trabalho, produtos e padrões de consumo. Com isso, tem-se o surgimento

de novos setores de produção e novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, tecnológicos e organizacional com o pós-fordismo.

É a acumulação flexível que pode ser diretamente relacionada com uma sociedade de consumo, que voltará sua atenção às modas passageiras e de grandes transformações culturais.

A estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo o fermento, instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais. (HARVEY, 2008, p.148)

Neste embate entre modernidade e pós-modernidade, fordismo e pós-fordismo, ficam questões referentes não só a seu modo de produção, como na constituição desta passagem com o termo pós, que será o objetivo do item 3.2, quando será analisado o desenvolvimento da estrutura necessária à condição pós-moderna. Esta problemática relativa ao pós-fordismo, que levanta dúvidas referentes quantos aos fatos de os processos de desenvolvimento serem constituídos pelas mesmas características presentes na modernidade ou se as mesmas foram completamente substituídas.

Neste sentido, Ritzer (2002) irá questionar se há, realmente, uma quebra com os preceitos do modernismo, como o desenvolvimento das artes, ou se na verdade formou-se uma estrutura nova, com suas próprias características e um modo novo de ação, tanto individual como coletivo. É este direcionamento que conduz a teoria pós-moderna, e que resulta em que as duas etapas de desenvolvimento que apresentam elementos comuns.

David Harvey (2008), em *Condição Pós-Moderna* (2008), ainda que atribua valor ao pensamento pós-moderno, desenvolve uma análise crítica ao identificar, do ponto de vista marxista, o que considera os pontos fracos da perspectiva pós-moderna. Ao empregar o termo pós-moderno, Harvey está referindo a uma etapa histórica (marcada pelo pós-fordismo) na qual é possível identificar grandes mudanças que formam a base do pensamento pós-moderno, mas defende a argumentação de que existem “continuidades” entre os períodos fordistas e pós-fordistas. Essa condição seria fruto das transformações na esfera material, quando relacionada com o trabalho e a produção, que se repercute em todas as dimensões da vida coletiva. (PASTANA, 2013)

A pós-modernidade, para Jameson (2004) é decorrente de uma dúvida radical, que a coloca em posição diferente da modernidade, mas que conserva vários elementos em comum nos dois períodos. O autor aborda o capitalismo no contexto da pós-

modernidade, como desenvolvimento da mídia e um maior alcance e crescimento do capital interligado em várias partes do globo.

Jameson irá denominar esta nova força como um dominante cultural, este campo de força onde tipos diferentes de impulsos culturais buscam o seu caminho, constituindo uma nova cultura, composta por uma série de elementos bastante heterogêneos. O conjunto proposto pelo pós-modernismo atua com uma total falta de profundidade em seus produtos difundidos, uma vez que irá apresentar uma falta de significado em troca de um emaranhado de significantes. Essa forma de desenvolvimento cultural irá dar cada vez mais espaço para que o simulacro possa se desenvolver, quando voltado para a produção de novas sequências publicitárias, filmes e imagens propagadas pela mídia, sem preocupação com uma ordem coerente frente à historicidade. (RITZER, 2002).

Outro autor utilizado como referência da pós-modernidade, é Jean Baudrillard, tido como mais radical e extravagante com relação ao trabalho desenvolvido por Jameson. Baudrillard apresenta em sua obra a crítica marxiana, a lógica da sociedade de consumo. Estabelece uma crítica às sociedades contemporâneas, dominadas pela produção de signos e sistemas que representam o real. Seria esta a era da simulação, onde se torna difícil estabelecer uma distinção entre a realidade vivida e as imagens constantemente propagadas pelos meios de mídia e pela comunicação.

Mike Featherstone (1995, 1997) adota o termo pós-modernismo, como um dominante cultural, onde apresenta uma referência ao processo de desenvolvimento da sociedade de consumo, o desenvolvimento de novos mercados e a extensão dos estilos de vida ativos da cultura de consumo.

Este é o pano de fundo das transformações ocorridas no final do século XX e começo do XXI, marcado por profundas e irreversíveis transformações, sejam elas

A simbólica derrubada do muro de Berlim e as reformas políticas soviéticas (perestroika e glasnost) que culminaram no fim da URSS representaram com magnitude das mudanças e o rumo político que elas provocaram. O consenso de Washington e suas regras universais passaram a dominar o cenário político ocidental, tornando-se o espectro econômico de quase todas as nações. (PASTANA, 2013, p.163)

O que gerou uma mudança sem precedentes na história da humanidade, fruto de uma ampla reestruturação produtiva, uma liberação dos mercados, privatização das

indústrias, flexibilização dos salários inclusões e exclusões, que são características do neoliberalismo. Ou seja, um mundo cada vez mais preocupado com o valor econômico em detrimento do social.

É perante as essas características que se mostra necessário um aparato de como se fundamentou, e mais do que isso, como fora o desenvolvimento da modernidade, seu nascimento, desenvolvimento e abertura do espaço para a pós-modernidade.

## **2.2 - As múltiplas faces da modernidade**

No presente capítulo serão empregados termos referentes a uma sociedade tradicional, pós-tradicional (GIDDENS, 1991, 2002), seu processo de modernização (BERMAN, 1994), e modernidade sólida e modernidade líquida (BAUMAN, 2000). Conceitos que são utilizados para se fazer referência à constituição, da modernidade emergente em um primeiro momento e em seu desenvolvimento e suas possíveis consequências no decorrer do século XX. Serão utilizados também, os conceitos de subjetivação e objetivação empregados por Alain Touraine (1994) e a necessidade de um pensamento fundamentado na racionalização e na subjetivação como características do processo de formação das identidades modernas.

Bauman (2000) irá apresentar uma diferenciação entre a “modernidade sólida” em contraposição com a modernidade contemporânea, por ele denomina como “modernidade líquida”. Para além de outros pontos que serão discutidos, o referido autor argumenta que a modernidade do século XXI perdeu a capacidade para a crítica, que se encontra presente no desenvolvimento da modernidade sólida. Esta mudança pode ser detectada na profunda transformação do espaço público.

O tipo de modernidade que era alvo, mas também o quadro cognitivo, da teoria crítica clássica, numa análise retrospectiva, parece muito diferente daquele que enquadra a vida das gerações de hoje. (BAUMAN, 2000, p.33)

Esta modernidade, sólida era impregnada pela tendência ao totalitarismo e, mais do que isso, pela padronização e organização do espaço social e seu modo de produção, relacionada com os padrões de desenvolvimento do fordismo, que reduzia as atividades humanas a movimentos predeterminados.

Uma vez representada pela teoria crítica desenvolvida em meio à sociedade moderna em seu estágio sólido, Bauman buscava desarmar o totalitarismo e o modo que tirava dos indivíduos a sua própria liberdade.

Já a modernidade líquida, fruto da sociedade que se apresenta frente ao século XXI, se caracteriza como distinta de todas as outras formas de convívio humano, devido a sua forma fluida que aponta para o fim da crença adotada pela modernidade sólida de um fim próximo a se alcançar, de uma sociedade boa, justa e sem conflitos. Uma vez que será pautada pela desregulamentação e a privatização das tarefas e dos deveres.

Assim, o que nos remete quando vinculados às ideias de modernidade sólida e modernidade líquida, é que enquanto a primeira pode ser considerada pesada, tendo em vista seus limites, seu desenvolvimento e seu controle, a segunda pode ser veiculada com a leveza, livres de seus deveres e voltados à emancipação.

As várias possibilidades de escolhas possíveis na modernidade líquida conduzem a uma maior liberdade social e emancipação do indivíduo, como liberdade e construção social, o indivíduo se torna livre para experimentar o mundo, mas paradoxalmente sendo prisioneiro de suas escolhas constituintes de sua identidade.

Frente a este objetivo de traçar algumas linhas gerais deste momento histórico, segundo os autores elencados para a abordagem de um tema tão amplamente discutido, o que se segue é um apanhado geral de como as instituições modernas e suas formas de adequação à vida dos indivíduos tomam forma e se repercute em meio ao desenvolvimento social e cultural da modernidade sólida (BAUMAN, 2000).

Retornando a Berman (1992), cabe destacar que a modernidade pode ser vista como um tipo de experiência na qual a vida dos indivíduos se encontra completamente imersa dentro de suas variáveis e fragmentações, que se distingue completamente da forma em que se apresentavam em um período pré-moderno e que aponta para algumas características que serão detectadas na pós-modernidade.

Sejam elas transformações no tempo e no espaço, referentes ao próprio indivíduo, como também em referência a todos os outros, imersas nas diversas possibilidades e perigos que a vida passa a representar. Segundo Berman (1992), esse conjunto de transformações recebe o nome de modernidade.

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o

que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. (BERMAN, 1992, p.15)

O que se pode previamente concluir frente a essa possível união da espécie humana, é que se forma mais uma falta de união ao invés de unidade, que o mesmo sistema provoca sobre os indivíduos, que a sociedade moderna constitui, que se encontram constantemente frente a um turbilhão de mudanças, lutas e contradições individuais. Todos se encontram frente ao mesmo formato descontínuo de desenvolvimento social, e é onde uma unidade, ou melhor uma união frente à formação individual e coletiva praticamente não existe, a mesma tornou-se individualizada. Essas transformações são características apresentadas pelo desenvolvimento da pós-modernidade quando relacionadas à fragmentação e à solidão experimentada em maior escala pelo sujeito e que se encontra imerso na pós-modernidade.

Em “Tudo que é sólido desmancha no ar” (1992), Marshal Berman, desenvolve um estudo sobre a modernidade onde a apresentará, a partir de uma divisão arbitrária, em três fases: a primeira tem início no século XVI até o fim do século XVIII, período no qual os indivíduos começam a experimentar a vida moderna; a segunda que começa com a Revolução Francesa, em uma época revolucionária que desencadeia explosivas mudanças da vida pessoal, social e política; a terceira fase marca o século XX, onde o processo de modernização se expande em todo o mundo com grandes triunfos na arte e no pensamento. (BERMAN, 1992)

O século XX, de acordo com Berman, pode ser visto como o período mais brilhante e criativo da história da humanidade, sendo que sua energia criativa se espalhou por todas as partes do mundo. Através da tecnologia moderna e sua organização social condicionou o destino do homem, acreditando que desta forma os indivíduos poderiam compreender e modificar este destino.

Ao lado disso tivemos a visão de um modernismo como interminável, permanente revolução contra a totalidade da existência moderna: foi “uma tradição de destruir a tradição” (Harold Rosenberg), uma “cultura de combate” (Lionel Trilling), uma “cultura de negação” (Renato Poggioli). Foi dito da obra de arte moderna que ela deve “molestar-nos com agressiva absurdidade” (Leo Steinberg). (BERMAN, 1992, p.29)

Nesta abordagem sobre o movimento do modernismo sob a qual Berman argumenta como o desenvolvimento das artes, ressaltando como a mesma vai tomar grandes dimensões dentro do desenvolvimento da sociedade moderna, buscando a violenta destruição de todos os valores propagados e se preocupando muito pouco em solidificar o que a mesma destrói. (BERMAN, 1992) Valores estes propagados em larga escala e que serão determinantes para a constituição do sujeito moderno

Eliminando assim todas as barreiras então existentes entre a arte e as demais atividades humanas, sem com isso desenvolver uma perspectiva crítica que pudesse esclarecer a relação entre o que é produzido pelos artistas modernos como uma representação e denuncia do mundo.

Todas essas visões e revisões da modernidade constituíram orientações ativas em relação à história, tentativas de conectar o conturbado presente com o passado e o futuro, afim de ajudar homens e mulheres de todo o mundo contemporâneo a se sentirem em casa com esse mundo. (BERMAN, 1992, p.32)

Berman, por meio de suas formulações sobre a estrutura da modernidade e da constituição estética da obra de arte através do modernismo, busca uma concepção com o passado, uma crítica à modernidade de hoje e dos homens e mulheres que fazem parte de sua consolidação e perpetuação.

É neste momento que o público moderno se expande, frente a uma multiplicidade de fragmentos que darão suporte a uma concepção de modernidade, perdendo assim muito de sua nitidez e profundidade que representava a sua forma tradicional.

Anthony Giddens (1991), estabelece uma formulação acerca da noção de modernidade, formada por um estilo que torna-se inerente em todos os momentos de desenvolvimento da sociedade moderna. É por meio de fragmentos que constituem um apontamento deixado por Berman, mais do que isso aos costumes de vida ou organização social.

Isto associa a modernidade a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial, mas por enquanto deixa as suas características principais guardadas em segurança em uma caixa preta. (GIDDENS, 1991, p.11)

Já no final do século XX, este tema irá ser abordado referente às transformações presentes nesta mesma modernidade e ao palco criado frente a seu desenvolvimento. Como as mesmas irão se fundamentar, é objeto deste trabalho, uma vez que pode-se notar grandes transformações não só apenas na sociedade como também na estrutura de formação dos próprios indivíduos. Giddens irá utilizar o termo alta modernidade para se referir as mudanças sociais e culturais significativas deste momento de desenvolvimento da modernidade.

O mundo da alta modernidade certamente se estende bem além dos domínios das atividades individuais e dos compromissos pessoais. E está repleto de riscos e perigos, para os quais o termo “crise” – não como uma mera interrupção, mas como um estado de coisas mais ou menos permanente – é particularmente adequado. (GIDDENS, 2002, p. 19)

O que se pode notar é que o advento da modernidade traz junto a si um emaranhado de possíveis soluções, que acabam por resultar em transformações significativas causadas no ambiente social, que refletem de maneira substancial em toda a rotina desempenhada e uma necessidade constante de adaptação que refletem no desenvolvimento individual. Uma vez que ao enfrentar essas novas soluções propostas pelos meios sociais o indivíduo reconstrói todo o universo social a sua volta.

Bauman (2000), por sua vez irá ressaltar que esta mesma modernidade quando voltada ao século XXI, denominada como modernidade líquida, que irá se diferenciar muito da proposta cunhada pela modernidade sólida, que pode ser descrita através de seu projeto de desenvolvimento e superação da modernidade, constituído na crença em que há um final para este processo de desenvolvimento. Como argumenta Bauman

(...) um Estado de perfeição a ser atingido amanhã, no próximo ano ou no próximo milênio, algum tipo de sociedade boa, de sociedade justa e sem conflitos em todos ou alguns de seus objetos postulados: do firme equilíbrio entre oferta e procura e a satisfação de todas as necessidades. (BAUMAN, 2000, p.37)

Isso aponta para a busca de uma ordem perfeita, que não pode ser encontrada no desenvolvimento da modernidade líquida, onde ao contrário da busca pela perfeição somos confrontados por uma imensa quantidade de significantes e representações que se distanciam cada vez mais de um elo coerente entre a forma de desenvolvimento social e



cultural quando relacionado à formação da identidade e na crença de um completo domínio sobre o futuro. Que são as metas traçadas pelo projeto da modernidade sólida.

O que pode ser explicitado frente a um panorama com a modernidade sólida e sua forma de desenvolvimento e constituição da identidade, é que a vida ainda não chegou a extremos que a faria sem sentido, que seria fruto dos grandes estragos que a passagem da modernidade sólida para a líquida causou. A certeza na utilização das ferramentas que davam suporte a modernidade sólida não mais pode ser encontrada.

O que foi separado não pode ser colocado novamente. Abandonai toda esperança de totalidade, tanto futura quanto passada, vós que entraís no mundo da modernidade fluída. Chegou o tempo de anunciar, como o fez recentemente Alain Touraine, “o fim da definição do ser humano como um ser social, definido por seu lugar na sociedade, que determina o seu comportamento e ações. (BAUMAN, 2000, p.29)

Com a emergência da modernidade deve ser vista como parte determinante da interação entre o sujeito e a sua razão, que Touraine (1994) salienta que neste movimento entre o sujeito e a sociedade moderna irá dar frutos a concepção de liberdade esmagando com isso as categorias identificadas como padrões estabelecidos.

Destaca que as respostas, uma vez buscadas através do desenvolvimento da sociedade, agora podem ser encontradas dentro do próprio indivíduo e não mais em instituições sociais ou em princípios universais, o que vai de encontro com a teoria apresentada por Giddens na contextualização do homem com a sociedade e da necessidade de reciprocidade, em uma sociedade reflexiva como característica do desenvolvimento da sociedade moderna.

Em uma formulação do que seria ser moderno e suas necessidades vigentes, Bauman argumenta que

Ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado. Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo “adiamento da satisfação”, como sugeriu Max Weber, mas por causa da impossibilidade de atingir a satisfação: o horizonte da satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da auto-congratulação tranquila movem-se rápido demais. (BAUMAN, 2000, p.37)

Bauman, assim como Giddens, irá utilizar o termo dinamismo referente a forma como as mudanças apresentadas neste momento da modernidade, se apresentam

frente a busca irrefreável pela satisfação, que coloca o indivíduo como um projeto não realizado e muitas vezes também não realizável, o que vai acarretar no desenvolvimento da ansiedade, tão presente no curso da sociedade moderna e do próprio indivíduo e que irá se modificar na sociedade pós-moderna, dando espaço para esquizofrenia (JAMESON, 2004).

O processo de individualização se tornou um elemento relevante para a concepção da modernidade líquida proposta por Bauman (2000), como uma característica desta modernidade, advinda de toda uma elaboração sobre os meios de enfrentar o seu impacto sobre o modo pelo qual levamos a nossa vida. Trouxe junto a ela uma liberdade sem precedentes para experimentar, e enfrentar suas consequências.

Cabe a este momento, ao indivíduo, mais do que nunca descobrir o que pode ser capaz, podendo escolher os fins determinados por suas ações de uma maneira que melhor possa nos servir para a formação da identidade.

Giddens (2002) irá utilizar o termo auto-identidade para descrever os modos pelos quais a identidade do indivíduo é formada, argumentando que a mesma irá se apresentar constituída através de sua trajetória, de seu cotidiano, por intermédios das diferentes situações institucionais que a modernidade apresenta em toda a duração da vida do indivíduo. “Cada um de nós não apenas “tem”, mas vive uma biografia reflexivamente organizada em termos do fluxo de informações sociais e psicológicas sobre possíveis modos de vida.” (GIDDENS, 2002, p.20)

A modernidade pode ser diretamente relacionada com a possibilidade do desenvolvimento do pensamento e da ação reflexiva, cunhada neste momento como pós-tradicional (GIDDENS, 2002), no qual a relação entre o tempo e o espaço é pautada pelos mecanismos de desencaixe que afastam a vida social de preceitos preestabelecidos, devido ao dinamismo presente nesse momento em que desenvolve a luz da informação e da tecnologia. Tem seu ponto de transição e importância no desenvolvimento da modernidade, mas que irá ser palco das transformações da cultura pós-moderna e consequente constituição da identidade.

As instituições sociais modernas se diferem daquela dos períodos predecessores, apresentando características e formas de manutenção e consolidação que sob alguns aspectos se distanciam fortemente das instituições sociais presentes em uma era da modernidade sólida (BAUMAN, 2000) ou tradicional (GIDDENS, 1991).

Irão se diferenciar frente ao seu dinamismo e ao modo como passarão a interferir nos hábitos e costume tradicionais em seu aspecto global. As transformações

causadas nas instituições modernas se entrelaçam com o desenvolvimento do indivíduo, em um duplo aspecto que se torna complementar e que se apresenta, de um lado, pelas influências globalizantes e de outro pela necessidade de uma formação individual. A globalização e as consequentes tendências globalizantes, buscam reorganizar o tempo e o espaço, os mecanismos de desençaixe e se adequar a reflexividade da modernidade.

O que se encontra frente a essa institucionalização presente na modernidade é um princípio de dúvida radical, o que aponta para a concepção do conhecimento por meio de hipóteses. O que vai acarretar em uma formação social e individual constituída pela incerteza, onde os pontos abordados frente as escolhas individuais podem ser verdadeiros como também podem ser falsos, frente a constituição da sociedade, assim como meios de fundamentação individual.

O que abre espaço para a formulação de uma cultura de risco, o que não quer dizer que em outro período os riscos não estavam presentes, mas sim que nas condições da modernidade gera uma incerteza, pois o futuro, sem uma garantia do presente.

Os “passageiros do navio capitalismo pesado” confiavam que os membros da tripulação os conduziram ao seu destino, através de um algum tipo de segurança. Os passageiros do capitalismo líquido, nem mesmo um piloto possuem. Demonstrando, por isso, uma maior incerteza e assertividade frente aos seus destinos. (BAUMAN, 2000), Frente a esta insegurança que será parte constituinte da cultura de risco, e um ideal que irá se agravar com a cultura pós-moderna.

Essa cultura de risco só pode ser visualizada através do desenvolvimento de uma teoria focando nas descontinuidades presentes no período moderno, e como essas descontinuidades irão formar um novo terreno, agora dominado pelas condições impostas pela sociedade moderna.

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intensionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. (GIDDENS, 1991, p.14)

Como fatores presentes frente à descontinuidade apresentada na modernidade Giddens ressalta alguns instrumentos do meio social moderno que seriam primordiais para esta descontinuidade. Seriam eles: o “ritmo de mudança”, tendo em vista que a

rapidez da mudança encontrada na era moderna é extrema em comparação a outras condições sociais, o “escopo da mudança” referente às interconexões das diversas áreas do globo, e o último fator que seria “a natureza intrínseca das instituições modernas”, pelas quais as formas sociais encontradas não se encontram em nenhum período anterior. Neste sentido o autor destaca “...o sistema político do Estado-nação, a dependência por atacado da produção de fontes de energia inanimada, ou a completa transformação em mercadoria de produtos e trabalho assalariado.” (GIDDENS, 1991, p.16)

Uma vez que o desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua proliferação em uma escala mundial, fazem nascer junto a elas uma larga escala de oportunidades, para que com isso os indivíduos possam experimentar uma nova condição frente ao desenvolvimento da sociedade moderna.

O mundo em que vivemos hoje é um mundo carregado e perigoso. Isso tem servido para fazer mais do que simplesmente enfraquecer ou nos forçar a provar a suposição de que a emergência da modernidade levaria a formação de uma ordem social mais feliz e mais segura. (GIDDENS, 1991, p.19)

Esse panorama se torna fundamental para se entender como se formam as relações sociais na sociedade moderna e suas formas de produção, com a perda da crença no progresso se mostra de forma latente e com ela a dissolução das narrativas da história.

Para uma compreensão da natureza da modernidade, deve-se voltar à atenção para o extremo dinamismo globalizante das instituições modernas e de sua constituição fundamentada em descontinuidades.

O grande dinamismo presente na modernidade deriva de como vai se apresentar sua separação no tempo e no espaço, do desencaixe dos sistemas sociais e da ordenação e reordenação reflexiva que afetam não só as ações dos indivíduos como também de todo o grupo. (GIDDENS, 1991)

Na busca de uma compreensão entre as conexões estabelecidas entre a modernidade e as transformações no tempo e no espaço, Giddens, estabelece um processo de comparação da sociedade moderna em contraste com o mundo tradicional, tendo em vista o seu desenvolvimento.

Irá salientar que no período tradicional (Idade Média) a relação entre tempo e espaço constituía a base da vida cotidiana, estabelecendo um vínculo entre tempo e

lugar que se encontra, em uma constante relação de reciprocidade, uma vez que o espaço e o tempo estão interligados, sendo que as dimensões espaciais da vida social são determinadas por atividades localizadas.

Com o advento da modernidade essa relação até então estabelecida entre o tempo e o espaço, irá se transformar

O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. (GIDDENS, 1991, p.29)

Nas condições estabelecidas pela modernidade o lugar ocupado no espaço e no tempo se torna cada vez mais “irreal”, os locais determinados são completamente ocupados e modelados por influências sociais que muitas vezes não se mostram presentes.

O mecanismo de desencaixe do sistema social, ou seja, o deslocamento das relações sociais em contexto que remetem a sua interação e reestruturação em extensões indefinidas no tempo e no espaço, é uma importante característica da modernidade. São articulados como um processo de grande importância para os estudos, das condições de perpetuação, como também um processo de interação social característica da modernidade. (GIDDENS, 1991)

Dois mecanismos de desencaixe que estão fortemente entrelaçados ao desenvolvimento das instituições sociais modernas são apresentados pelo autor e são determinados através dos termos “fichas simbólicas” e “sistemas peritos”.

As fichas simbólicas são os meios utilizados como intercâmbio para a satisfação de determinada atividade social, que assim como os sistemas peritos envolvem confiança. Que possa circular sem que necessite para isso das características pessoais ou dos grupos que estão inseridos em determinada conjuntura.

O dinheiro é um modo de adiamento, proporcionando os meios de conectar crédito e dívida em circunstâncias em que a troca imediata de produtos é impossível. O dinheiro, pode-se dizer, é um meio de retardar o tempo e assim separar as transações de um local particular de troca.[...] é um meio de distanciamento tempo-espaço. O dinheiro possibilita a realização de transações entre agentes amplamente separados no tempo e no espaço (GIDDENS, 1991, p.24).

O dinheiro é um ótimo exemplo de um mecanismo de desencaixe que pode ser associado à modernidade. Com uma grande contribuição para economia monetária e para a constituição das instituições modernas.

Já os sistemas peritos se referem a um sistema de referências técnicas ou de competência profissionais, são os meios tomados como referências da organização material e social da modernidade.

Os sistemas peritos são mecanismos de desencaixe porque, em comum com as fichas simbólicas, eles removem as relações sociais das imediações dos contextos. Ambos os tipos de mecanismos de desencaixe pressupõem, embora também promovam, a separação entre o tempo e o espaço como condição do distanciamento tempo-espaço que eles realizam. (GIDDENS, 1991, p.36)

A relação entre o tempo e espaço é uma característica constante na obra de Giddens, em referência às transformações apresentadas no desenvolvimento da modernidade. Uma vez que todos os mecanismos apontados pelo autor como referentes aos desencaixes e as transformações ocorridas na era moderna se apresentam coordenados por referências no tempo e no espaço, que se encontram cada vez mais distantes.

A “confiança” é um termo empregado pelo autor, que passa a ter grande importância nos tempos modernos, sendo que a confiança pressupõe uma consciência das circunstâncias de riscos, através de expectativas que podem ser frustradas ou até mesmo desencorajadas, frequentes na elaboração da teoria sobre a modernidade e aos mecanismos de desencaixe. Que geram também a ansiedade que passa a ser fruto dos perigos apresentados e das circunstâncias perturbadoras que mobilizem respostas adaptativas e com isso gerando novas iniciativas.

Neste momento a ansiedade deve ser entendida não apenas como uma relação existente entre o sistema total de segurança que o indivíduo desenvolve, mas sim também como um fenômeno diretamente relacionado com riscos e perigos particulares.

A ansiedade, parece razoável concluir, não deriva de repressão inconsciente; ao contrário, a repressão é gerada pela ansiedade, como também o são os sintomas de comportamento associados a ela. A ansiedade é essencialmente o medo que perdeu seu objeto pelas tensões emocionais inconscientemente formadas que expressam “perigos internos” e não ameaças externalizadas. (GIDDENS, 2002, p.47)

Esta ansiedade que surge neste momento da modernidade, pode ameaçar na formação de uma consciência de auto-identidade, tendo como referência os aspectos dinâmicos das transformações sociais e culturais e na constituição com o mundo-objeto que é criado e transformando constantemente.

Estes aspectos apontados por Giddens referentes à confiança e a ansiedade mostram-se presente na rotina cotidiana de todos os indivíduos que experimentam a alta modernidade. O enfrentamento necessário a essas novas condições podem ser descritos através dos atos e decisões tomados na vida cotidiana.

Outro termo de grande importância, utilizado na busca de uma elucidação não apenas da modernidade, mas também na constituição do indivíduo é o de reflexividade, que desponta como uma característica definidora de toda ação humana experimentada nesse contexto. Fazendo um paralelo com as civilizações pré-modernas este mesmo tipo de comportamento se encontra apenas como uma re interpretação da tradição. A modernidade reflexiva atua também direcionada ao núcleo do sujeito, neste momento de ordem pós tradicional (GIDDENS, 1991) o que tende a se tornar um projeto reflexivo.

Diz-se com frequência que a modernidade é marcada por um apetite pelo novo, mas talvez isso não seja completamente preciso. O que é característico da modernidade não é uma adoção do novo por si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada – que é, claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão. (GIDDENS, 1991, p.46)

A modernidade é constituída através do pensamento reflexivo, o que não pode ser tomado como um sinônimo de segurança, é onde ao mesmo tempo, nunca podemos nos encontrar seguros de que estes elementos formados não possam ser constantemente revisados. O que de fato irá acontecer com muita frequência, pois essa instabilidade é uma das características mais determinantes da modernidade.

Em “As consequências da modernidade”(1991) e “Modernidade e identidade (2002), Giddens apresenta novos elementos presentes na constituição e consolidação da modernidade, por sua vez as formulações da vida social moderna se encontram ligadas ao tempo e ao espaço. Onde a descontinuidade e o desencaixe tomam forma frente ao conhecimento reflexivo que se mostra presente, como uma articulação necessária e como fonte dominante do dinamismo presente na sociedade moderna e que continuarão a ser características presentes na sociedade pós-moderna.

Frente a este meio de profundas transformações que a sociedade da alta-modernidade apresenta se encontram questionamentos referentes ao comportamento individual, tais como

O que fazer? Como agir? Quem ser? São perguntas centrais para quem vive nas circunstâncias da modernidade tardia – e perguntas que, num ou noutro nível, todos respondemos, seja discursivamente, seja no comportamento do dia a dia. (GIDDENS, 2002, p.70)

Momento este em que o sujeito passa a representar o seu lugar na sociedade e suas responsabilidades que lhe são inerentes, dentro dessas questões existenciais apresentadas remetem a este novo momento de transformação do meio social e cultural e modo de ação a ser empregado pelo indivíduo.

A temporalidade é um termo muito empregado pelos autores que aqui são tratados, Giddens e Bauman apresentam como se constituem as relações expressas pelo indivíduo através das transformações no tempo e no espaço desta nova modernidade, em contraponto com a sociedade tradicional ou modernidade sólida.

Assim, o indivíduo deve se encontrar preparado frente a uma ruptura significativa com o passado e criar novos meios de ação que devem ser constituídos pelos novos hábitos estabelecidos. Nesta trajetória de desenvolvimento o indivíduo se apropria do seu passado na busca de antecipar o futuro.

Giddens ressalta que esta busca pela auto-identidade, como um problema moderno, que se enuncia no surgimento das sociedades modernas, e que emerge como fruto da extensa divisão do trabalho. Foi o momento no qual o indivíduo passa a ter maior visibilidade como um indivíduo autônomo.

O “eu” pode ser visto como um projeto reflexivo das transformações apresentadas na sociedade como um todo, no qual o questionamento referente ao modo de ação e o que fazemos da nossa existência toma uma maior proporção na constituição da auto-identidade. O que não significa dizer que este “eu” tão em voga na modernidade tardia é formado em meio a um vazio de conteúdo, sendo que junto a esta constituição podem ser destacados os processos e as necessidades psicológicas que o indivíduo traz consigo e que lhe são inerentes e que aponta para a necessidade de se reorganizar.

Estar inacabado, incompleto e subdeterminado é um estado cheio de riscos e ansiedade, mas seu contrário também não traz



um prazer pleno, pois fecha antecipadamente o que a liberdade precisa manter aberto. (BAUMAN, 2000, p.74)

O indivíduo torna-se um dependente da sociedade quanto relacionada com a formação de sua identidade. Mais do que isso, de um sentido latente frente as respostas de questões existenciais que cada vez mais tomam a direção frente a constituição do eu aliado aos imperativos sociais. Nesta tarefa de auto-conhecimento o mesmo é direcionado frente ao objetivo de construir e reconstruir seu sentido de identidade continuamente. É um momento onde a reflexividade desse período passa a determinar como deve se constituir não só a identidade como todas ações do sujeito.

Momento histórico este que segundo Giddens é o amplo espaço existencial da alta modernidade, em meio a todo este universo pós-tradicional repleto de sistemas abstratos em que o reordenamento do tempo está amplamente ligado em uma caráter global.

No nível do eu, um componente fundamental da atividade do dia-a-dia é simplesmente o da escolha. Obviamente nenhuma cultura elimina inteiramente a escolha dos assuntos cotidianos, e todas as tradições são efetivamente escolhas entre uma gama indeterminada de padrões possíveis de comportamento. (GIDDENS, 1991, p.79)

Escolha esta que não era compatível com a tradição, tendo em vista que os hábitos eram pré-estabelecidos e relativamente fixos. O grande diferencial proposto e imposto pela sociedade moderna é o de colocar o indivíduo frente a uma gama de possibilidades e ao mesmo tempo apresenta pouca ajuda nesta tarefa frente a formação de um estilo de vida. Uma vez que a propaganda com o desenvolvimento da modernidade irá tomar cada vez mais espaço, assim apresentando várias opções para a constituição de uma escolha de estilo de vida.

Para Giddens o estilo de vida se refere a um conjunto mais o menos integrado de práticas que um indivíduo abraça frente às necessidades utilitárias em sua forma material e a na constituição da auto-identidade. Aqui a noção de estilo de vida não está diretamente relacionada com o consumo, tema que será abordado no capítulo 4.

O que não é o mesmo que dizer que essas várias possibilidades frente a formação de um estilo de vida está aberta para todos sem distinção socioeconômicas, ou mesmo dizer que os indivíduos se sentem confortáveis ou até mesmo seguros frente as

suas escolhas. Traços estes que já foram problematizados em relação a “confiança”, “risco” e “ansiedade”.

Na busca de uma melhor compreensão de como se constitui o sujeito nesta modernidade avançada, tendo como marco a passagem de uma “sociedade tradicional” para a “sociedade moderna” (TOURAINÉ, 1994), e até mesmo a passagem da uma “modernidade sólida” para uma “modernidade líquida” (BAUMAN, 2000), se constitui a presente narrativa na busca de uma compreensão deste problema que assola a teoria contemporânea.

Neste sentido, encontra-se a justificativa para a elaboração do conteúdo frente as argumentações de Bauman e Touraine, considerando que o primeiro apontará para a necessidade de acomodação e integração social nesta nova sociedade e o segundo apontará possíveis ligações que nestes momento são necessária entre a razão e a formação do indivíduo moderno (modernidade sólida) como uma unidade particular. Ambos apresentam contribuições para o processo de individualização tão em voga na teoria sociológica moderna e que constituirá a formação da identidade na pós-modernidade (JAMESON, 2004) ou modernidade líquida (BAUMAN, 2000, 2004, 2007).

Em “Crítica da modernidade” (1994), Alain Touraine salienta que a modernidade é um movimento de transformação no qual todos os sujeitos estão inseridos. Movimento este que quando voltado à constituição do sujeito apresenta diferentes marcos voltados para sua formação, como também para sua transformação, quando comparados ao desenvolvimento da sociedade tradicional (modernidade sólida) e a constituição da individualidade do sujeito.

Outro termo utilizado por Touraine para fazer uma referência a entrada na modernidade, é “decolagem”, como se a entrada na modernidade, tivesse que ser feita com um certo esforço. Se desprendendo assim de toda a tradição e costumes até então arraigados, que durante o processo do voo apresentaria perturbações, até adquirir estabilidade.

A modernidade é identificada com o individualismo, o mesmo que desempenhou um papel importante na industrialização, ressaltado em uma vontade de unidade ou de independência nacional. Touraine ressalta que

...não existe modernidade sem racionalização; mas também não sem formação de um sujeito-no-mundo que se sente

responsável perante si mesmo e perante a sociedade.  
(TOURAINE, 1994, p.215)

A partir do momento em que o sujeito se encontra como determinante para uma formação e indispensável para o desenvolvimento da sociedade, é que a modernidade passou a desempenhar um papel fundamental na sua constituição. É através do pensamento racional que este mesmo sujeito irá se constituir de modo diferente do sujeito formado pela tradição.

A modernidade clássica deve ser vista como a antitradição, em que as convenções, costumes e crenças adotadas na tradição não mais fazem sentido, torna-se saída do particularismo, dando lugar ao universalismo, e a passagem de um estado natural para a idade da razão. (TOURAINE, 1994). A imagem mais visível da modernidade se constitui na incerteza e no vazio, seja na economia, nas formas de poder, de troca e de produção.

A modernidade não se desvincula de uma sociedade tradicional onde o sujeito está representado em um mundo repleto de intenções religiosas favoráveis ou desfavoráveis que lhe sejam determinantes. É através de forças ocultas que as ações são determinadas, através de uma ordem concebida, em um mundo sagrado. Mundo este criado por um sujeito divino e organizado segundo leis racionais.

A modernidade desencanta o mundo, dizia Weber, mas ele sabia também que esse desencantamento não se pode reduzir ao triunfo da razão; ele é, antes, a explosão dessa correspondência entre um sujeito divino e uma ordem natural, e portanto a separação entre a ordem do conhecimento objetivo e a ordem do sujeito. (TOURAINE, 1994, p.217).

Ao passo que adentramos mais na modernidade essa relação entre o sujeito e objeto cada vez mais se separam, estas mesmas classificações se encontravam interligadas no período pré-moderno.

A formação do sujeito humano tendo como foco a liberdade como criação, é um marco presente da modernidade. Assim, é colocado que não existe uma única sentença determinante neste momento apenas com a racionalização, e sim um diálogo entre racionalização e subjetivação.

A modernidade não pode ser definida através de um único princípio, seja de racionalização ou até mesmo de subjetivação, sendo que ela se define através da sua

interdependência. “A modernidade marcaria a passagem da subjetividade para objetividade.” (TOURAINÉ, 1994)

A sociedade tradicional é perpassada pela questão divina, que é substituída pela lei científica e pelo eu do sujeito, sendo que o conhecimento do homem se separa do conhecimento da natureza, assim como a ação se distingue da estrutura. Não pode existir modernidade sem uma interação crescente entre o sujeito e a razão e entre a consciência e a ciência.

O mundo moderno está constantemente veiculado a ideia de sujeito, em uma referência ao sujeito e em sua liberdade frente a suas ações e as situações geradas através de seu comportamento como componente de sua história pessoal (GIDDENS, 2002). Para Touraine, o sujeito é a vontade de um indivíduo de agir e de ser reconhecido como ator.

Segundo Zigmunt Bauman (2000), a apresentação dos membros da sociedade como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna, que existe em uma atividade incessante de individualização em uma atividade constante de reformulação e renegociação através de uma rede de entrelaçamento chamada sociedade.

O significado de “individualização” muda, assumindo sempre novas formas – à medida que os resultados acumulados de sua história passada solapam as regras herdadas, estabelecem novos preceitos comportamentais e fazem surgir novos prêmios pro jogo. (BAUMAN, 2000, p.39)

O indivíduo passa a ser visto como uma unidade particular. As demais parcelas da sociedade passam a servir como estruturas complementares na formação da individualidade, em uma soma entre vida e pensamento, experiência e consciência.

Ao utilizar o termo ator, Touraine constata que o mesmo não é quem age de acordo com as normas estipuladas pelo lugar ao qual ocupa na organização social, mas sim o que transforma o meio ao qual está inserido, sejam eles da divisão social do trabalho ou até mesmo das orientações culturais.

Esta ideia referente a formação do ator social não deve ser desvinculada da ideia de sujeito, uma vez que se o ator é aquele que não se define por sua utilidade ao corpo social, ele se guia pelos mesmos preceitos referentes a formação do sujeito.

O sujeito passa a desempenhar não mais uma presença unitária como um exemplo a ser seguido pelos demais sujeitos, deixando de lado as características universais ou leis da natureza, ele é tomado por um apelo a transformação do “Si mesmo” em ator.

Ao utilizar o termo subjetivação para se referir à penetração do sujeito no indivíduo e à transformação parcial do indivíduo em sujeito, Touraine, aponta uma das principais características que definem o sujeito moderno. Como princípio fundamental das condutas, a subjetivação se faz presente em um mundo onde a fundamentação dos valores se contradizem as formas de submissão da sociedade tradicional.

O sujeito torna-se a figura central da modernidade, bem como sua constituição e sua adequação como parte além de constituinte do mundo, instrumento necessário para toda a sua transformação e consolidação. Instrumento este que só é possível através da união entre consciência e corpo individual vinculada aos papéis sociais.

O processo de individualização, para Bauman, consiste em transformar a identidade humana de um “dado” para uma “tarefa”, ou seja, a transformação em um sujeito ativo dentro das mudanças presentes na sociedade a qual faz parte, realizando tarefas e sendo responsável pelas suas consequências.

Os pensadores do século XIX, Karl Marx e Friedrich Nietzsche afirmaram que neste momento o indivíduo pode se configurar como um sujeito e ocupar um lugar central na sociedade, momento este em que os indivíduos ousaram a se individualizar, podendo viver livremente os seus desejos individuais. (TOURAINÉ, 1994).

Berman (1992), partilha de uma convicção aproximada das análises das concepções formuladas pelos pensadores abordados. Argumenta que enquanto para Marx o indivíduo deve ser visto como um novo homem que está condenado a absorver as contradições dos abismos sociais, sobre o qual se pode traçar um paralelo a uma vida de contradições inerentes, para Nietzsche mais do que as contradições, este novo ambiente permite ao indivíduo se individualizar e buscar um conjunto de leis necessárias para a sua auto-preservação.

O indivíduo moderno se encontra constantemente ameaçado pelo poder da sociedade, suas próprias escolhas e tomadas de decisões são tomadas visando os ditames da sociedade e como os sujeitos se adaptam aos mesmos.

A ideia de sujeito, separada da ideia de natureza, tem dois destinos possíveis: ou ela se identifica com a Sociedade e mais

diretamente ao Poder ou, ao contrário, ela se transforma em princípio de liberdade e de responsabilidades pessoais. (TOURAINÉ, 1994, p.229)

A sociedade moderna, em seu nascimento, constitui-se em vista de uma ruptura com a ordem sagrada do mundo, dando abertura para uma separação e a interdependência entre a ação racional, que anteriormente era representado pela questão divina e que irá determinar a formação do sujeito pessoal. O pensamento só é considerado moderno quando abandona a ideia de que uma ordem geral, como sendo possível e que possa estabelecer uma relação entre determinismo e liberdade.

Atualmente, uma parte do mundo se curva sobre a defesa e a busca de sua identidade nacional, coletiva ou pessoal, enquanto uma outra parte, ao contrário, só acredita na mudança permanente, enxergando o mundo como um hipermercado onde novos produtos aparecem sem cessar. (TOURAINÉ, 1994, p.230)

Para os que enxergam o mundo como um hipermercado, este é visto como uma empresa, em uma sociedade de produção. Através de fragmentos, veiculados pela cultura moderna, os sujeitos irão constituir sua individualidade e passar a fazer parte do meio social ao qual estão inseridos. Na busca de "...restabelecer a unidade entre a vida e o consumo, a nação e a empresa, entre cada uma delas e o mundo de racionalidade instrumental."(TOURAINÉ, 1994, p.230)

Na modernidade, aqui tratada, fica clara a união entre a razão e o sujeito como inseparáveis. Mas o sujeito não pode ser visto como um meio para reunificar os elementos fragmentados que a modernidade apresenta, além disso, o sujeito religa esses fragmentos entre si, vida, nação, consumo, através de relações de complementaridade e de oposição.

Esse é o motivo pelo qual a ideia de sujeito resiste à sua identificação a cada um dos fragmentos despedaçados da modernidade. Nada de sujeito que se confunde com a comunidade, a nação ou a etnia; nada de empresa sujeito, nada de redução do sujeito a sexualidade, e, acima de tudo nada de confusão do sujeito com a liberdade do consumidor sobre o mercado de abundância. (TOURAINÉ, 1994, p.233)

É na possibilidade de um trabalho incansável de transformação, ou até mesmo construção da vida do sujeito como uma obra de arte constituída por materiais despropositados que melhor pode ser definido a formação do sujeito na modernidade,

enquanto na pós-modernidade como veremos será constituído em meio a fragmentos e constituído em meio a heterogeneidade.

A emergência do sujeito no indivíduo é o tema central da modernidade, tendo grande importância neste processo sua relação com o outro, para a formação da própria consciência do sujeito. Porque o indivíduo é o lugar de encontro entre o desejo e as leis estabelecidas.

Uma vez dentro dessas formulações que trazem à tona a constituição do sujeito, evidencia-se que somente quando o indivíduo sai de si mesmo e fala ao outro, que é o momento onde ele se projeta fora do seu próprio interior e de suas determinações sociais para se tornar liberdade. É através da relação estabelecida com o outro que o indivíduo deixa de ser um elemento funcional do sistema e se torna criador de si mesmo e produtor da sociedade. (TOURAINE, 1994)

Com o “nascimento” do sujeito marca o declínio de todos os unificadores da vida social, seja ele o Estado, como também no mercado, noção que se destrói ao ser associada ao individualismo.

A ideia de sujeito se destrói a si mesma se se confundir com o individualismo. Ela não é isolável do par que forma com a ideia de racionalização: ela impõe o retorno a uma visão dualista do homem e da sociedade, pondo fim ao orgulho de uma razão que julgava necessário destruir sentimentos e crenças, pertencimentos coletivos e história individual. (TOURAINE, 1994, p.242)

A modernidade pode ser vista como uma criação constante do mundo pelo próprio sujeito que pode ser constituído pelo poder que a sociedade apresenta, e tendo a capacidade de transformação do meio social ao qual está inserido, criando informações e linguagens que transformam o mundo a sua volta, ao mesmo tempo pode se defender dessas mesmas criações se voltam contra os mesmos.

A passagem para a modernidade pode ser vista como um momento de reencantamento do sujeito no mundo, após deixar para trás as amarras da sociedade tradicional ou pré-moderna, que era fundamentada pela questão religiosa. Diante das diversas facetas que o mesmo passa a representar no período moderno, tendo em vista “sua individualidade, sua capacidade de ser sujeito, seu ego e o si-mesmo que constroem fora dos papéis sociais.” (TOURAINE, 1994, p.243)

Para Bauman, o processo de individualização chegou para ficar, trazendo consigo um número sempre crescente de pessoas uma liberdade sem precedentes de experimentar e junto a ela uma tarefa de enfrentar suas consequências.

Segundo Touraine, esta passagem da sociedade tradicional para a sociedade moderna e a ascensão do sujeito no mundo, não pode ser entendida como a passagem da subjetividade para a objetividade, mas sim como uma adaptação do mundo na construção de novos mundos, onde a razão tem a função de descobrir ideias eternas para ação, racionalizando o mundo e libertando o sujeito.

Neste processo de modernização o que mais é ressaltado é o papel do sujeito, sua posição no mundo, sua liberdade e as consequências de seus atos, através da subjetivação e da racionalização (TOURAINÉ, 1994), e pela autoconstituição da vida individual ao tecer e manter as redes de laços com os outros indivíduos em processo de autoconstituição (BAUMAN, 2000).

Essas características apontadas sobre a modernidade, seu nascimento e desenvolvimento, apresenta-se como palco onde se desenvolverão as peculiaridades apresentadas neste momento com o surgimento deste novo modo de desenvolvimento cultural, a pós-modernidade, que em alguns aspectos se assemelha ao apresentado pela modernidade e em outros momentos apresenta uma grande renovação, dotada de um novo brilho e cheia de transformações com vista ao desenvolvimento social, cultural e individual.

Frente a este desenvolvimento é o indivíduo em busca de sua auto-constituição (BAUMAN, 2000) que irá ser o condutor dessas mudanças, na passagem de uma alta modernidade (GIDDENS, 1991), caracterizada pela confiança e ansiedade, para a pós-modernidade (JAMESON, 2004), onde a desconstrução das narrativas se volta para a esquizofrenia e uma quebra na cadeia de significados.

Discussão esta que abre caminhos para a delimitação desse novo espaço que será denominado como pós-modernidade, seguindo de uma apresentação de como o termo vai se originar e se transformar a luz das novas necessidades apresentadas pela cultura, através da literatura, filosofia, sociologia e crítica literária, até culminar com o desenvolvimento de pós-modernidade proposto por Jameson nos anos 80 pautada através das artes, as manifestações culturais, políticas e socioeconômicas.



## CAPITULO 3

### PÓS-MODERNIDADE: ORIGENS E CONDIÇÕES

#### 3.1 - A CONSOLIDAÇÃO DA PÓS-MODERNIDADE E DO PÓS-MODERNISMO

O objetivo principal para uma abordagem sobre as origens da pós-modernidade mostra-se presente, quando relacionado com a busca por identificar de forma precisa quais são as fontes que lhe deram origem, dando lugar a uma sequência de como se desenvolveu o termo pós-modernidade e sua determinante cultural o pós-modernismo. Não como ideia, mas sim como um fenômeno.

Segundo Perry Anderson o termo pós-modernismo, assim como o modernismo, não nasceu, de como poderia ser esperado, na Europa ou nos Estados Unidos, mas sim da América Hispânica. (ANDERSON, 1999).

Foi um amigo de Unamuno e Ortega, Federico de Onís, quem imprimiu o termo *postmodernismo*. Usou-o para descrever um refluxo conservador dentro do próprio modernismo: a busca de refúgio contra o seu formidável desafio lírico num perfeccionismo do detalhe e do humor irônico, sem surdina, cuja principal característica foi a nova expressão autêntica que concedeu às mulheres. (ANDERSON, 1999, p.10)

A ideia criada por Federico Onís, de um estilo “pós-moderno” passou a fazer parte do vocabulário da língua hispanófono, embora tenha sido raramente usada com a mesma precisão que foi fundamentada, o que acabou por não abranger uma maior ressonância a utilização do termo.

Após vinte anos da formulação do termo “pós-moderno” na língua espanhola, que o economista britânico Arnold Toynbee, vai cunhar o termo em língua anglófona, não mais para fazer uma referência à estética, mas sim no sentido de o adotar como uma caracterização de época.

Destacava que a idade pós-moderna era marcada por duas grandes evoluções: a ascensão de uma classe operária industrial no Ocidente e o convite de sucessivas *intelligentsias* fora do Ocidente a dominar os segredos da modernidade e voltá-los contra o mundo ocidental. (ANDERSON, 1999).

Segundo Anderson (1999), o século XX poderia ser descrito como a era pós-moderna, sendo que este século fora um pátio de manobras em que o moderno virou isso que temos, o pós-moderno, ou pós-Occidente.

No final dos anos 50, em Nova York, o termo reapareceu, numa conotação negativa, que se referia como menos e não mais moderno. Em 1959, C. Wright Mills e Irving Howe (apud ANDERSON, 1999) o empregaram neste sentido.

O sociólogo, de modo mais cáustico, usou o termo para justificar uma época na qual os ideais modernos do liberalismo e do socialismo tinham simplesmente falido, quando a razão e a liberdade se separaram numa sociedade pós-moderna de impulso cego e conformidade vazia. (ANDERSON, 1999, p.18-19)

O termo pós-moderno passa a fazer referência a uma sociedade onde o pensamento e a liberdade são governados pela incerteza e pela momentânea falta de um estilo que se mantenha e apresente o seu real significado, ou seja, como um ideal ao qual possa ser representada.

Nos anos 60 o termo toma uma nova roupagem, desta vez uma vertente positiva e ao mesmo tempo de difícil compreensão.

Em 1969, a versão de Fiedler<sup>4</sup> para o pós-moderno podia ser vista, no seu apelo a emancipação do vulgar e à liberação dos instintos, como um eco prudentemente despolitizado da insurreição estudantil da época, que, ao contrário, não se podia certamente considerar indiferente a história. (ANDERSON, 1999, p.19).

É só a partir dos anos 70, que o termo pós-moderno irá ganhar uma projeção mais ampla. Em 1971 quando Ihab Hassan<sup>5</sup> lançou a sua visão de pós-modernismo, o mesmo abrangia diversas tendências que eram características do modernismo e que se estendem para as artes visuais, música, tecnologia e a sensibilidade em geral.

O pós-modernismo, neste momento, ainda não assegurava se representava apenas uma tendência artística ou um fenómeno social, ao sugerir um novo tipo de acomodação entre a arte e a sociedade.

No final dos anos 70 a perspectiva adotada por Hassan não era mais tomada como referência para a fundamentação do termo pós-moderno. Em 1979, uma das

---

<sup>4</sup> Leslie Fiedler Aaron (1917 – 2003), crítico literário.

<sup>5</sup> Ihab Habib Hassan ( 1925 – 2015), escritor e teórico da literatura árabe-americana nascido no Egito.

primeiras obras filosóficas a adotar o termo foi “A condição pós-moderna” (1979), de Jean-François Lyotard, que desenvolveu suas teorias sobre o pós-moderno diretamente dos pressupostos apontados por Hassan.

A chegada à pós-modernidade, segundo Lyotard era uma consequência do surgimento de uma sociedade pós-industrial, onde o conhecimento se transformara na principal força econômica de produção.

Outro ponto definidor da condição pós-moderna, para Lyotard, é a da perda da credibilidade nas metanarrativas, onde as mesmas foram desfeitas através da evolução imanente das ciências e do desenvolvimento do conhecimento. Este foi o primeiro livro a tratar o pós-moderno como uma mudança geral presente nas sociedades e que é parte constituinte da condição humana. Para Lyotard

O pós-moderno não vinha depois do moderno; era um movimento de renovação interna inerente ao moderno desde o início – aquela corrente cuja reação ao abalo do real era o oposto da nostalgia da unidade perdida, ou seja, uma alegre aceitação da liberdade de invenção que esse abalo liberava. (ANDERSON, 1999, p.38)

Ao escrever “A condição pós-moderna”, Lyotard, anunciou o eclipse de todas as narrativas grandiosas, a morte das grandes narrativas e a crença no ressurgimento de alguma projeção sobre o desenvolvimento social e cultural.

O filósofo e sociólogo alemão Jurgen Habermas, um ano após a publicação de Lyotard, profere em seu discurso intitulado: “Modernidade – Um projeto incompleto”, (ANDERSON, 1999) que o termo pós-moderno deve ser visto com certo grau de limitação, mas que posteriormente se tornará um referencial padrão a ser adotado<sup>6</sup>.

Para Habermas, a ideia de pós-modernidade encontra o seu poder de transformação causada por uma incontestável mudança, que irá se consolidar através do modernismo estético e suas constantes transformações na sociedade e na arte.

É no momento em que o sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard por meio da noção de “simulacro” toma território frente ao desenvolvimento do pós-modernismo e nas vanguardas europeias, com o dadaísmo em seu auge de poder, emerge em um

---

<sup>6</sup> HABERMAS, Jurgen. O Discurso Filosófico da Modernidade. São Paulo. Ed. Martins Fontes: 2002. Uma leitura que sintetiza bem a teoria da modernidade em Habermas pode ser encontrada em FREITAG, Barbara. “Habermas e a teoria da modernidade”. Salvador, Cadernos CRH, n.22, jan.-jun. 1995 [138-163].

momento em que o poder reservados às vanguardas havia envelhecido, e um novo modo de desenvolvimento cultural toma o seu lugar.

Fredric Jameson, cultuado crítico literário marxista, que escrevia sobre o tema da cultura pós-moderna ainda quando o mesmo começou a circular nos departamentos de literatura das universidades. Em sua concepção, apresenta novas questões a serem trabalhadas pelas ideias resultantes do conflito estético gerado entre realismo e modernismo. Na interpretação de Anderson.

A visão inicial que Jameson teve de pós-modernismo tendia assim a encará-lo como sinal da degenerescência interna do modernismo, para qual o remédio era um novo realismo ainda a ser ideado. (ANDERSON, 1999, p.60)

Com todas as novidades que a era pós-moderna trouxe e tendo em vista a grande colisão de ideologias propagadas, conectando uma grande transformação a um destino sem certezas propagado pelo sistema socioeconômico, aliado a deturpação do modelo modernista.

Duas influências foram de grande importância para a formulação do termo pós-modernismo, do modo como Jameson desenvolveu sua narrativa, a partir da formulação de novos conceitos. Nos anos 80, apresentou-o com um efeito diferente. Uma delas foi a publicação de *Capitalismo Avançado*, de Ernest Mandel<sup>7</sup>, considerada pelo autor como a primeira teoria da história do capital a surgir após a segunda guerra, e a influência de Baudrillard ao desenvolver o papel do simulacro no imaginário cultural do capitalismo contemporâneo.

Um fato importante sobre a teoria criada sobre o pós-modernismo, é que até os anos 80, Jameson concentrava sua atenção quase que exclusivamente na literatura. A virada que irá ocorrer na mudança do termo pós-moderno, se apresentará como uma mudança vertiginosa que passa a contemplar todas as artes e as manifestações culturais, políticas e socioeconômicas.

Em uma versão da *New Left Review* (1984), Jameson assinalou a explosão tecnológica da eletrônica moderna e seu papel como fonte de lucros e inovações.

---

<sup>7</sup> Ernest Ezra Mandel (1923 – 1995), economista e político belga, considerado um dos mais importantes dirigentes trotskistas da segunda metade do século XX.

...o predomínio empresarial das corporações multinacionais, deslocando as operações industriais para países distantes... e a ascensão dos conglomerados de comunicação com um poder sem precedentes sobre toda a mídia e ultrapassando fronteiras. (ANDERSON, 1999, p.66)

Tais fenômenos foram de grande importância e causaram profundas consequências em todas as divisões da vida nos países industriais avançados, onde os negócios, padrões de emprego, relações de classes e interesse político constituem transformações sociais que até então não tinham existido.

Com o processo de modernização neste momento quase concluído e com isto apagando os últimos vestígios das formas sociais pré-capitalistas, como de um território natural que esteja intacto.

Num universo assim purgado de natureza, a cultura necessariamente expandiu-se ao ponto de se tornar praticamente coextensiva à própria economia, não apenas como base sintomática de algumas das maiores indústrias do mundo – com o turismo agora superando todos os outros setores em emprego global – mas de maneira muito mais profunda, uma vez todo objeto material ou serviço imaterial vira, de forma inseparável, uma marca trabalhável ou produto vendável. (ANDERSON, 1999, p.67)

A cultura neste momento passa a desempenhar o papel de tecido da vida no capitalismo avançado, podendo ser denominado como sua segunda natureza. O pós-modernismo deve ser visto como a superação entre a cultura e o modernismo, superando a distância existente entre eles.

Essas mudanças no mundo objetivo criaram novas condições para a experiência do sujeito que multiplica as experiências constituintes frente à formação de sua identidade, momento este em que Jameson decreta como “a morte do sujeito”, “do indivíduo autônomo burguês”, onde pode-se estabelecer uma relação com os conceitos de psicopatologias tais como ansiedade e alienação, tão presentes no desenvolvimento da modernidade e que são substituídos pela proliferação de experiências com drogas e pela esquizofrenia, decorrente de uma ruptura na cadeia dos significados e decorrente do descentramento do sujeito.

o sujeito centrado que existia na época do capitalismo clássico e da família nuclear foi dissolvido no mundo da burocracia organizacional; e a posição mais radical do pós-estruturalismo, para qual o sujeito jamais existiu, mas constituía uma espécie de miragem ideológica. (JAMESON, 2004, p.42)

É este indivíduo formado em meio ao decreto de sua morte, que irá ter importância cultural e social, uma vez que é ele mesmo quem irá representar os ideais coletivos de sua época repleta de instituições e estruturas aos pedaços no desenvolvimento cultural e consequente formação da identidade, como não era possível para o indivíduo nuclear, ou clássico, encontrado na modernidade (modernidade sólida).

Os traços constituintes desta nova subjetividade, se fundamenta na perda de um sentido ativo frente à constituição da história. O conceito outrora empregado pelo modernismo não mais apresentava significação, o mesmo perdeu sua força frente à intensa expectativa no futuro.

Esta fundamentação frente à formação do indivíduo é uma das condições gerais da experiência pós-moderna, que é marcada por uma diminuição do afeto, resultante das mudanças até aqui abordadas, com o fim da celebração do modernismo e suas apostas que se tornaram obsoletas.

Mas, em compensação, a vida psíquica torna-se debilitantemente acidentada e espasmódica, marcada por súbitas depressões e mudanças de humor que lembram algo da fragmentação esquizofrênica. (ANDERSON, 1999, p.68)

Mediante as discontinuidades referentes e ao senso de diferença presente no nível social, que por sua vez acarretam mudanças frenéticas ao serem elaboradas frente ao nível individual. O que para a constituição do indivíduo acarreta em uma oscilação bipolar, demonstrada entre o lado eufórico do consumidor de um lado e a depressão por se encontrarem prisioneiros de um controle social, do outro.

Ao ter identificado como se fundamenta o campo de força da pós-modernidade, focando nas mudanças estruturais do capitalismo avançado e um complexo relacionamento na formação das identidades, Jameson, adota sua referência desta vez presente no campo da cultura.

Sua inovação aí foi tópica. Até então, toda sondagem do pós-moderno fora setorial. Levin<sup>8</sup> e Fiedler detectaram-no na literatura; Hassan estendeu-o à pintura e à música, ainda que mais por alusão que investigação; Jencks<sup>9</sup> concentrou-se na arquitetura; Lyotard deteve-se na ciência; Habermas lidou com a filosofia. A obra de Jameson teve outro escopo – uma majestosa expansão do pós-moderno por praticamente todo o

---

<sup>8</sup> Kim Levin: escritora e crítica de arte, nascida nos Estados Unidos.

<sup>9</sup> Charle Jencks: teórico de arquitetura, nascido nos Estados Unidos.

espectro das artes e grande parte do discurso sobre elas.  
(ANDERSON, 1999, p.69)

O resultado do trabalho proposto por Jameson é o da criação de um painel da época muito mais rico e abrangente, se comparado com qualquer outra formulação até então presente.

Frente ao sistema das artes pós-modernas, um meio que apresenta um grande destaque é o cinema. Marcados pelas compulsões nostálgicas e a imagem em movimento, o cinema, assim como os vídeos se despontaram como um meio dominante e tipicamente pós-moderno. Onde se fundiram ao entretenimento e a propaganda.

A falta de profundidade é uma marca inerente da produção artística do pós-modernismo, encontrando perfeita expressão no trabalho produzido pelo pintor americano Andy Warhol (1928-1987), através de suas representações vazias, na moda, na prateleira dos supermercados, na tela da televisão.

As mudanças ocorridas no campo da arte e em seu próprio interior causaram uma implosão na definição de todo o campo cultural, o que gerou um elo, até então não existente entre as disciplinas que a compõe. Seriam elas: história da arte, crítica literária, sociologia, ciência política e história. (ANDERSON, 1999)

Devido ao rápido aumento do sistema econômico e com a integração de todo o planeta no mercado mundial, a cultura pós-moderna alcança uma classificação de palco global onde novos e diferentes povos e classes sociais passam a fazer parte do mesmo sistema. Conforme Anderson, é possível estabelecer uma analogia com o sistema cultural da pós-modernidade e seu caráter sintagmático da estrutura a proliferação.

A cultura da pós-modernidade apresenta uma superação de fronteiras nas belas artes, sendo vista como um gesto de não acomodação à vanguarda. E com isso a dissolução das fronteiras entre os gêneros alto e baixo da cultura<sup>10</sup>, marcando este momento por novos padrões de consumo e produção.

---

<sup>10</sup> Do ponto de vista dos estudos culturais, os conceitos de “alta cultura” e “baixa cultura” são bastante complexo. Alfredo Bosi, em “Dialética da Colonização”, discutindo sobre a(s) cultura(s) brasileira(s), argumenta que “se pelo termo *cultura* entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e uma *cultura popular*, basicamente iletrada, que corresponde aos *mores* materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna. A essas duas faixas extremas bem marcadas (no limite *Academia* e *Folclore*) poderíamos acrescentar outras duas que o desenvolvimento da sociedade urbano-capitalista foi alargando. A *cultura criadora* individualizada de escritores, compositores, artistas plásticos, dramaturgos, cineastas, enfim, intelectuais que não vivem dentro da universidade, e que, agrupados ou não, formariam, para quem olha de fora, um

Segundo Anderson as consequências resultantes do estudo sobre a pós-modernidade apresentada por Jameson estabelecem um arcabouço teórico de uma maneira formidável. O domínio conquistado sobre o termo pós-modernismo cujo conceito encontra suas origens “...arrancadas por uma prodigiosa exibição de inteligência e energia teóricas pela causa de uma esquerda revolucionária.” (ANDERSON, 1999, p.79)

O que se apresenta como uma vitória contra todos os trunfos políticos, em um período de hegemonia neoliberal, onde o marco apresentado pela esquerda colocava um fim sobre as ondas de reação da direita. Neste momento estamos em presença de uma transformação cultural de grandes proporções.

A teorização proposta por Jameson sobre o pós-modernismo, tem início nos anos 80, tomando um lugar de destaque entre os grandes monumentos intelectuais do marxismo ocidental.

O objeto tradicional do marxismo ocidental foi enormemente ampliado. Assim, a retomada de sua herança por Jameson permitiria uma descrição muito mais central e política das condições da vida contemporânea do que as precedentes. (ANDERSON, 1999, p.86)

A abordagem adotada por Jameson sobre o sentido do pós-moderno, desenvolve uma teoria da lógica cultural do capital, oferecendo com isso um retrato geral das transformações sociais como um todo.

A teoria desenvolvida por Jameson sobre o pós-moderno, até a véspera dos anos 80 era exclusivamente literária e seus objetivos puramente ocidentais. “Proust, Hemingway, Balzac, Dickens, Eichendorff, Flaubert, Conrad, tais eram as figuras no primeiro plano de sua atenção.” (ANDERSON, 1999, p.87-88)

Com o nascimento da década de 80, ocorre uma mudança acentuada, as formas visuais começam a competir com a escrita e logo passam a predominar o movimento do pós-modernismo.

Os argumentos empregados por Jameson sobre a pós-modernidade logo atraíram um número crescente de adeptos, em países que muitas vezes eram pertencentes aos

---

sistema cultural *alto* [...]. Enfim, a *cultura de massas*, que, pela sua íntima imbricação com os sistemas de produção e mercado de bens de consumo, acabou sendo chamada pelos intérpretes da escola de Frankfurt, *indústria cultural*, *cultura de consumo* (BOSI, Alfredo. “Cultura brasileira e culturas brasileiras”. In: *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 (p. 309).



então denominados “Segundo e Terceiros Mundos” pois a mesma versa sobre um imaginário cultural que também faz parte de suas experiências.

Os efeitos posteriores frente à contribuição do trabalho de Jameson sobre o pós-moderno, foram tamanhos que, estabeleceram os termos presentes em todos os debates subsequentes. As intervenções mais significativas que foram adotadas quando Jameson estabeleceu sua teoria são, em sua origem, marxistas. As três contribuições mais importantes, na perspectiva de Anderson (1999), que se apresentaram podem ser vistas como tentativas de contribuição ou de correção, cada uma à sua maneira.

Against Postmodernism (1989), de Alex Callinicos, faz uma análise mais detalhada do *background* político pós-moderno. Condition of Postmodernity (1990), de David Harvey, oferece uma teoria bem mais completa de suas pressuposições econômicas. As ilusões do pós-modernismo (1996), de Terry Eagleton, aborda o impacto de sua difusão ideológica. (ANDERSON, 1999, p.93)

O conjunto de todas as obras acima citadas colocam problemas sobre a formulação do conceito pós-moderno e de suas limitações. O que, acaba por resultar em questionamento sobre seu período de surgimento, sua configuração intelectual e sobretudo, a qual reação seria a ideal para se esperar da cultura pós-moderna.

A questão central a ser discutida sobre o emprego do pós-modernismo como dominante cultural se refere ao tempo ao qual o mesmo foi empregado. Se o pós-modernismo era designado como a lógica cultural do capitalismo avançado, a dúvida constante era de como o mesmo poderia ser empregado se a data em que sugere seu surgimento do pós-moderno no início dos anos 70.

Em meados dos anos 70, o fordismo perde a sua relevância devido a crescente competição internacional e tendo em decorrência a baixa dos lucros corporativos e a inflação acelerada, com isso mergulha em uma crise até então sem precedentes.

Surge em resposta a esses fatores, um novo regime, de “acumulação flexível”, visando uma maior flexibilidade nos mercados de trabalho, nos processos de fabricação, na produção das mercadorias e acima de tudo no mercado de dinheiro e de crédito. Desta passagem do fordismo para a acumulação flexível traz uma mudança frente a posição e a autonomia dos mercados financeiros.

Segundo Anderson, junto ao regime da acumulação flexível, o pós-modernismo deve ser visto como um conjunto distinto de práticas artísticas e como uma cultura dominante que poderia ser vista em parte como uma ficção.

Virtualmente todo recurso ou aspecto estético atribuído ao pós-modernismo – a bricolagem da tradição, o jogo com o popular, a reflexividade, o hibridismo, o pastiche, o figurativismo, o descentramento do sujeito – podia ser encontrado no modernismo. Nenhuma ruptura crítica era igualmente discernível aqui. (ANDERSON, 1999, p.95)

O que se pode observar é uma degradação constante do próprio modernismo ao ser integrado aos circuitos capitalistas do pós-guerra. As fontes deste declínio estão diretamente relacionadas à história política da época e não às mudanças econômicas ou à lógica estética.

O ponto de ruptura proposto para o modernismo a partir de 1945 era certamente muito abrupto. Os legados das vanguardas de antes da guerra não podia se extinguir da noite para o dia, uma vez que ainda permanecia necessariamente como modelo interno e memória, não quão desfavoráveis fossem as circunstâncias externas para produzi-los. (ANDERSON, 1999, p.98)

Porém é apenas na virada dos anos 70 que o terreno se encontra preparado para as novas mudanças, em uma configuração totalmente nova, com o pós-modernismo. O mesmo que pode ser visto como um campo cultural constituído por três novas coordenadas históricas, o destino da própria ordem dominante após a Segunda Guerra Mundial, a evolução da tecnologia e as mudanças frente à política que será adotada na época. (ANDERSON, 1999)

Para Jameson, a modernidade chega ao fim mediante a possibilidade de outras ordens sociais, surgindo frente a essas mudanças o pós-modernismo, que emerge da combinação de uma ordem dominante sem classificação, de uma tecnologia midiática e de uma política sem nuances.

A reação do sistema à crise produziu o quadro dos anos 80: a derrota do movimento operário em áreas centrais, a transferência de unidades fabris para países periféricos de baixos salários, o deslocamento dos investimentos para os setores de serviços e comunicações, a ampliação dos gastos militares e o aumento vertiginoso do peso relativo da

especulação financeira às custas da produção. (ANDERSON, 1999, p.109)

Aliados a esses fatores se desenvolveram os elementos deteriorados da pós-modernidade, com a exibição desenfreada dos novos ricos e da política como ponto eletrônico em um consenso em desuso na era Reagan (1980-1989), nos Estados Unidos. É através desta conjuntura que irá gerar um novo senso de oportunidades que serão características centrais do pós-modernismo.

O pós-modernismo desde os anos 70 abandona a ideia repercutida pelo alto modernismo através das vanguardas. Entre elas podem ser citadas o simbolismo e o surrealismo, abandonando a ideia de um gênio individual, tais como os presentes neste momento do modernismo na literatura. Uma vez que há em cada momento menos movimentos coletivos. “Pois o universo pós-moderno não é de delimitação, mas de mistura, de celebração do cruzamento, do híbrido, do *pot-pourri*.” (ANDERSON, 1999, p.110)

A pintura mostra-se como o movimento mais sensível de mudança na transição para uma cultura pós-moderna, em uma combinação de características e um baixo custo de produção em comparação com a arquitetura e o cinema, apresentando uma forte presença na inovação formal.

Com o Warhol posterior, de fato, veio inegavelmente um pós-moderno completo: mescla indiferente de formas- artes gráficas, pintura, fotografia, cinema, jornalismo, música popular; abraçamento calculado do mercado; reverência heliotrópica à mídia e ao poder. (ANDERSON, 1999, p.113).

A *pop art*, movimento artístico surgido na década de 50 na Inglaterra, mas que alcançou sua maturidade na década de 60 em Nova York, oferece uma analogia com a cultura pós-moderna, (ANDERSON, 1999) na medida em que se direcionou a uma interdependência entre as diversas artes e se voltando para uma concepção estética, que é um dos pontos principais do pós-modernismo. A pintura fora derrubada como ápice do visual e sendo acoplada a outras diversas formas.

Frente às características apresentadas sobre a cultura pós-moderna, segundo Anderson, o pós-moderno nunca superou completamente o moderno, tendo em vista que os dois se encontram sempre de alguma forma atrasados frente ao futuro e ao passado.

O período pós-moderno traz com ele novos polos de identificação como sexo, raça, ecologia, orientação sexual, diversidade regional ou continental. (ANDERSON, 1999), que se constituem como um conjunto frágil de antagonismos.

O campo artístico passa a ser fundamentado e repercutido pelo princípio organizador da indústria cultural e da mídia.

A arte contemporânea passa a ser dividida em duas direções, a de um desejo de reavaliar a tradição modernista, incorporando elementos deste modernismo como corretivos da nova cultura visual pós-moderna ou de um impulso de se constituir através do mundo sedutor da fama, do comercialismo e o sensacionalismo. Estes serão os fios condutores de toda a teia formada pela cultura pós-moderna e seu ideal constituído pela fragmentação e incerteza presentes nesse período.

Momento este que David Harvey (2008) irá fundamentar sua discussão frente às condições necessárias e impostas por esse determinante cultural e em sua constituição, por meio de um aprofundamento de como se formam as estruturas da sociedade em meio a múltiplas formas de representação, pautada na diferença, subjetiva ou de classe, e por meio de um novo projeto urbano frente a proliferação da produção cultural.

### **3.2 - David Harvey e a constituição pós-moderna**

Em “A condição pós-moderna”, David Harvey (2008) apresenta um discurso sobre as mudanças detectadas no final dos anos 60 e começo dos anos 70 na história intelectual e cultural, mudança esta que pode ser denominada como pós-modernidade, com sua lógica cultural, o pós-modernismo.

Tais mudanças irão substituir a crença em um projeto linear, junto a uma padronização do conhecimento e da produção, presentes durante o modernismo e que segundo Harvey, em nada se parece com uma aceitação da heterogeneidade e da diferença como força totalizante, presentes na cultura pós-moderna.

Nos anos 60 e 70, o termo pós-modernismo tornou-se um conceito com o qual seu uso torna-se recorrente ao se analisar as transformações presentes não apenas no meio social, como também, no meio cultural (HARVEY, 2008) e na consequente formação das identidades. (HALL, 2001)

O que colabora para a formação de um campo onde forças conflitantes que se unem e buscam uma posição que seja adequada para o comprimento de suas satisfações.

Este é um momento em que a sociedade capitalista avançada passa por uma grande transformação em sua estrutura de formação e desenvolvimento. Na condição cultural do pós-modernismo como a lógica do capitalismo avançado(JAMESON, 2004).

Segundo Huyssens (1984) apud Harvey (2008), o pós-modernismo apresenta as seguintes transformações

O que parece num nível como o último modismo, promoção publicitária e espetáculo vazio, é parte de uma lenta transformação cultural emergente nas sociedades ocidentais, uma mudança da sensibilidade para qual o termo “pós-moderno” é na verdade, ao menos por agora, totalmente adequado. A natureza e a profundidade dessa transformação são discutíveis, mas transformação ela é. Não quero ser entendido erroneamente como se afirmasse haver uma mudança global de paradigma nas ordens cultural, social e econômica; qualquer alegação dessa natureza seria um exagero. Mas, num importante setor da nossa cultura, há uma notável mutação na sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas que distingue um conjunto pós-moderno de pressupostos, experiências e proposições de um período precedente. (HUYSENS, 1984 apud HARVEY, 2008)

O pós-modernismo, assim, pode ser considerado como um movimento que exerce uma forma de cópia das práticas apresentadas no passado, sejam elas sociais, econômicas e políticas vigentes na sociedade, e é também por reproduzir as mesmas práticas de forma diferenciada é que se apresenta com uma aparência cada vez mais diversificadas.

No sistema cultural do pós-modernismo a prática apresenta-se com um certo valor em reconhecer múltiplas formas que se apresentam, sejam elas, as diferenças de subjetividade, de gênero, de sexualidade, de raça, de classe e demais classificações sociais.

A ideia fundamentada de que estes grupos diversos têm o mesmo direito de se representarem com voz ativa e ter essa sua própria voz aceita como legítima é essencial, tendo em vista o pluralismo reconhecido pela cultura pós-moderna. O pós-modernismo, como um dominante cultural (JAMESON, 2004) está imerso nas fragmentárias e caóticas correntes de mudança, fazendo assim uma representação de tudo o que existe, dentro de seus múltiplos fatores.

As mudanças apresentadas na arquitetura desempenham um fator importante das transformações frente ao desenvolvimento da cultura pós-moderna, segundo o teórico

de arquitetura americano Charles Jencks a passagem do modernismo para o pós-modernismo é datada.

De 15H32M de 15 de julho de 1972, quando o projeto de desenvolvimento da habitação Pruitt-Igoe, de St Louis (uma versão premiada da “máquina para a vida moderna” de Le Corbusier), foi dinamitado como um ambiente inabitável para as pessoas de baixa renda que abrigava. (HARVEY, 2008, p.45)

As habitações de St. Louis sugerem, que a transformação a ser problematizada para os arquitetos é a da criação de uma nova fachada, onde o estudo sobre as paisagens populares e comerciais tenham maior relevância, fugindo da constituição até então abordada da arquitetura moderna. Que se apresenta em nome das necessidades dos habitantes em nome da defesa de uma revitalização do ambiente urbano.

Um fator preciso de mudança estrutural, do modernismo para o pós-modernismo é a arquitetura urbana contemporânea e suas transformações espaciais frente a vida cotidiana da condição pós-moderna.

No campo da arquitetura e do projeto urbano, considero o pós-modernismo no sentido amplo como uma ruptura com a ideia modernista de que o planejamento e o desenvolvimento devem concentrar-se em planos urbanos de larga escala, de alcance metropolitano, tecnologicamente racionais e eficientes, sustentados por uma arquitetura absolutamente despojada (as superfícies “funcionalistas” austeras do modernismo de “estilo internacional”). O pós-modernismo cultiva, em vez disso, um conceito de tecido urbano como algo necessariamente fragmentado. (HARVEY, 2008, p.69)

A única forma de acomodação da metrópole se dá aos pedaços, o que contribui para a formação de um ecletismo de estilos frente a construção e elaboração dos projetos arquitetônicos. O estilo do pós-modernismo irá se distanciar fortemente do padrão adotado pelo modernismo na forma de considerar o espaço.

O que se pode ressaltar diferente da proposta arquitetônica do modernismo para o pós-modernismo, é que o primeiro irá se fundamentar no espaço em vista dos propósitos sociais e a construção de um projeto social, enquanto o segundo visa a construção do espaço de forma independente e autônoma visando os objetivos estéticos e não mais visando um objetivo social abrangente.

Assim, a arquitetura e o projeto urbano do pós-modernismo apresenta um considerável debate sobre as maneiras pelas quais os juízos estéticos devem ser fundamentados e quais efeitos acarretariam na vida diária dos indivíduos.

Sobre os aspectos de transformação presentes na passagem do modernismo para o pós-modernismo, nota-se que muito do sentimento moderno foi perdido em uma grande fragmentação. O que acarreta na falta de coerência ou de um significado frente ao pensamento que o substituiu. Frente a estas incertezas torna-se difícil uma avaliação fidedigna em como ocorreram as transformações, que aqui quero denominar como “estrutura dos sentimentos”. (HARVEY, 2008)

Tendo como característica da era pós-moderna a atenção a grupos que até então se encontravam silenciados. Estes grupos são constituídos de mulheres, gays, negros e outros, frente uma comercialização sem limites e em nome de uma sociedade pós-industrial (HARVEY, 2008).

A ideia repercutida sobre a aceitação de diversos grupos e a necessidade dos mesmos serem representados no meio social busca uma voz autêntica e legítima que é a essência do pluralismo pós-moderno. A compreensão da diferença e da alteridade e seu potencial de libertação, que junta a ela oferece um conjunto de novos movimentos sociais.

Este novo movimento na formação cultural da era pós-moderna também é conhecida como a lógica cultural do capitalismo avançado frente a suas características que são empregadas.

O fato mais espantoso sobre o pós-modernismo: é sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelaireano de modernidade. Mas o pós-modernismo responde a isso de uma maneira bem particular; ele não tenta transcende-lo, opor-se a ele e se quer definir os elementos “eternos e imutáveis” que poderiam estar contido neles. (HARVEY, 2008, p.49)

O pós-modernismo se encontra completamente livre para se desenvolver frente a fragmentação e as correntes de mudança. Mas ao aceitar esta fragmentação, o pluralismo existente e dar espaço real a outras vozes e também voltando-se a outros mundos, traz consigo o problema da comunicação e de como criar novos meios para a exercer o poder através do comando cultural. São criadas assim novas possibilidades da informação, da produção, como também da análise e transferência do conhecimento.

Ao mesmo tempo, este novo sistema cultural, o pós-modernismo, não se afirma com referência ao passado, esta linha de pensamento encontra ressonância na obra produzida pelo filósofo Friedrich Nietzsche, que enfatiza o caos da vida moderna e impossibilidade de lidar com o pensamento racional.

Frente a esses apontamentos, Harvey argumenta que o pós-modernismo não passa de uma versão do modernismo. Onde é encontrada a continuidade da condição de fragmentação, efemeridade, descontinuidade e mudanças caóticas do pensamento modernista para o pós-moderno.

A criação e proliferação dos jogos de linguagem é um outro aspecto de grande importância e transformação do modernismo para o pós-modernismo. Onde a construção de símbolos e códigos se fundamenta em grande velocidade e frente a uma grande diversidade e enorme quantidade de possibilidades.

As possibilidades para a formação das linguagens são compostas de diferentes jogos de linguagem “...uma heterogeneidade de elementos, também temos de reconhecer que eles só podem “dar origem a instituições em pedaços.” (HARVEY, 2008, p.51)

Ao aceitar esta teia repleta de fragmentações e descontinuidades, frente ao pluralismo dos grupos sociais, o pós-modernismo, aliado a comunicação e a propaganda tem ao seu dispor novas possibilidades de informação e produção, em sua transmissão de conhecimento no capitalismo avançado.

Em uma sociedade denominada por Daniel Bell (1978) como “pós-industrial”, baseada na informação em uma dramática transição social e política nas linguagens propagadas pela comunicação.

Os pós-modernistas também tendem a aceitar uma teoria bem diferente quanto à natureza da linguagem e da comunicação. Enquanto os modernistas pressupunham uma relação rígida e identificável entre o que era dito (o significado ou “mensagem”) e o modo como estava sendo dito (o significante ou “meio”), o pensamento pós-estruturalista os vê “separando-se e reunindo-se continuamente em novas combinações. (HARVEY, 2008, p.53)

Vista desta maneira, a vida cultural pode ser compreendida como uma união frente a diferentes textos, através de figuras de linguagem, que acabam por resultar em entrelaçamentos de diferentes sentidos e que estão fora do nosso controle.



É o produtor cultural que cria possibilidades para que a participação popular esteja garantida e que ainda seja respeitado os valores culturais que irão se desenvolver frente à manipulação do mercado de massa, onde a preocupação com o dinheiro domina todos os campos da produção cultural e do mercado de troca então presente. “A propaganda e a comercialização destroem todos os vestígios da produção em suas imagens, reforçando o fetichismo que surge automaticamente no curso da troca no mercado.” (HARVEY, 2008, p.99)

A teia presente na constituição do pós-modernismo e sua nova maneira de interpretar o ser e mundo apresenta um grande problema quando voltado a formação da personalidade. Uma vez que a fragmentação e a instabilidade da linguagem acarretada pela falta de um verdade sentido frente a exposição dos símbolos da cultura de massa, levam o indivíduo segundo Jameson (2004), a esquizofrenia. Não como um diagnóstico clínico, mas sim como resultado da alienação e da paranoia que a cultura pós-moderna proporciona.

Jameson explora este tema com um efeito bem revelador. Ele usa a descrição de Lacan da esquizofrenia como desordem linguística, como uma ruptura na cadeia significativa de sentido que cria uma frase simples. Quando essa cadeia se rompe, “temos esquizofrenia na forma de um agregado de significantes distintos e não relacionados entre si. (HARVEY, 2008, p.56)

Neste sentido uma certa unificação entre o passado, presente e futuro que temos a nossa frente, quase não existe, o que acarreta em uma incapacidade de relacionar o passado, presente e o futuro de nossa própria experiência biográfica ou psíquica. Reduzindo a experiência a uma série de presentes puros e não relacionados no tempo. (HARVEY, 2008)

A teoria sobre a formação da identidade e como a mesma acarretará várias consequências para a formação do pensamento pós-moderno, é de grande relevância para se compreender as transformações apresentadas neste período.

Momento este em que não mais podemos conceber o indivíduo alienado como argumentou Karl Marx em sua fundamentação sobre a sociologia moderna clássica, pois este mesmo “eu coerente” do qual ele nos fala não mais pode ser encontrado na sociedade pós-moderna. Tendo sido substituído pelas transformações decorrentes de sua fragmentação. “Não obstante, há boas razões para acreditar que a “alienação do

indivíduo é deslocada pela fragmentação do sujeito” na estética pós-moderna.” (JAMESON, 2004)

Nesta redução da experiência a uma série de presentes puros e não relacionados no tempo, faz com que a intensidade em que este momento acontece, aliada a uma carga misteriosa que se encontra em grau elevado de excitação de energia alucinatória, possibilita a aceitação como presentes puros e não relacionados no tempo. (JAMESON, 2004)

Essa ruptura da ordem temporal de coisas também origina um peculiar tratamento do passado. Rejeitando a ideia de progresso, o pós-modernismo abandona todo sentido de continuidade e memória histórica, enquanto desenvolve uma incrível capacidade de pilhar a história e absolver dela o que nela classifica como aspecto do presente. (HARVEY, 2008, p.58)

Modelo este que se transfere para todos os campos da cultura pós-moderna, com fortes implicações. O que se encontra no pós-modernismo é pouco esforço para se fazer validar a continuidade de valores e crenças.

Outro impacto causado pela perda de temporalidade, é que a cultura pós-moderna repercute em seus meios de propagação de massa, uma grande perda de profundidade, tão difundida pelo comércio e pela propaganda, e pela produção cultural contemporânea.

A produção cultural apresenta um colapso em seus horizontes temporais, voltando a sua preocupação para a instantaneidade presente no campo de produção cultural, no qual os produtores culturais exploram as novas formas de tecnologia a seu favor, culminando, em uma celebração das qualidades transitórias da vida moderna. (HARVEY, 2008)

Isso resulta em uma aproximação entre cultura popular e produção cultural contemporânea, viabilizada pelos meios de comunicação e suas novas tecnologias, em vista da “ânsia” pós-moderna frente a comercialização e ao mercado, podendo até mesma estar rendidas a seus ditames, ao explorar as mídias e as arenas culturais aberta a todos. (HARVEY, 2008)

Isso evoca a mais difícil questão sobre o movimento pós-moderno: o seu relacionamento com a cultura da vida diária e a sua integração nela. Embora quase toda a discussão disso ocorra no abstrato, e, portanto, nos termos não muito acessíveis

que sou forçado a usar aqui, há inúmeros pontos de contato entre produtores de artefatos culturais e o público em geral: arquitetura, propaganda, moda, filmes, promoção de eventos multimídia, espetáculos grandiosos, campanhas políticas e a onipresente televisão. (HARVEY, 2008, p. 62)

Neste emaranhado da produção cultural e da mídia, o que não fica claro é de quem irá influenciar mais outro como resultado deste contato entre o público e o produtor cultural. Neste movimento frenético e fragmentado ao qual a cultura pós-moderna se manifesta.

O consumo capitalista da era pós-moderna se fundamenta na institucionalização dos impulsos criativos (BELL, (1978) apud HARVEY, (2008)), em nome de uma massa cultural, onde há uma degeneração da autoridade intelectual dos anos 60, substituída pela pop art e pela cultura pop. (HARVEY, 2008)

A televisão representa neste período um poderoso instrumento para a repercussão da cultura pós-moderna, e é mais um produto do capitalismo avançado, propagadora das promoções que são voltadas ao consumismo. Atua na produção de necessidades e de “...mobilização do desejo e da fantasia, para a política da distração como parte de um impulso para manter nos mercados de consumo uma demanda capaz de conservar a lucratividade da produção capitalista.” (HARVEY, 2008, p.64)

Fatos provocados pela comercialização de todos os veículos da mídia, presente no impulso propagado pela cultura pós-moderna. Que busca cada vez mais uma maior integração com a cultura popular. Em vias da comercialização intensa, de uma cultura sem barreiras, que os modernistas em parte rejeitavam.

Um fator de grande importância para a concepção do pós-modernismo pode ser encontrada no crítico literário e marxista Fredric Jameson, que segundo Harvey, aponta para o pós-modernismo como a lógica cultural do capitalismo avançado.

O que acarreta uma mudança de cenário para a execução dos conflitos, que antes eram travados na arena da produção cultural, formando com isso uma nova locação para o desenvolvimento dos conflitos culturais. O que repercute em uma transformação dos hábitos, atitudes de consumo e intervenções estéticas que não são encontradas no modernismo.

Frente à teia formada pela cultura pós-moderna, o pós-modernismo ou cultura de consumo, não deve ser visto como uma corrente artística que se fundamenta e se manifesta com total autonomia, uma vez que ela vai buscar seus fundamentos na vida

cotidiana. É o que argumenta Huyssens (1984) teórico da pós-modernidade e da função do pós-modernismo.

Com isso Harvey chega à conclusão de que o pós-modernismo tem um valor especial ao reconhecer “as múltiplas formas de alteridade que emergem das diferenças de subjetividade, de gênero e de sexualidade, de raça, de classe, de (configuração de sensibilidade) temporal e de localizações e deslocamentos geográficos espaciais e temporais. (HUYSENS (1984) apud HARVEY (2008), p.109)

O pós-modernismo representa um movimento radical frente as transformações presentes na sociedade e sua prática de imitação frente as transformações sociais, políticas e econômicas, podendo ser representados em práticas e aparências bem variadas.

Para Harvey, o pós-modernismo deve ser visto como um movimento voltado para suprir os males deixados pelo modernismo, este argumento se fundamenta que há mais continuidade do que diferença do amplo cenário do modernismo para o pós-modernismo.

Mas o pós-modernismo, com sua ênfase na efemeridade da *jouissance*, sua insistência na impenetrabilidade do outro, sua concentração antes no texto do que na obra, sua inclinação pela desconstrução que beira o niilismo, sua preferência pela estética, em vez da ética, leva as coisa longe demais. (HARVEY, 2008, p.111-112)

Assim, segundo Harvey, o pós-modernismo nos coloca em uma posição na qual nos é dado a aceitar suas reificações, suas partições apresentadas e celebrar as suas atividades repletas de mascaramento e envoltas de simulação, todos os fetichismos empregados, enquanto o mesmo nega a metateoria empregada para compreender os processos político-econômicos, que tornam-se cada vez mais universalizantes em sua profundidade, intensidade, alcance e poder sobre a vida cotidiana e a consequente formação da identidade.

No próximo capítulo será discutido em como a possível união do pós-modernismo e cultura de consumo irão se relacionar, através dos conceitos lançados por Harvey (2008) quanto a estrutura social e cultural, a arquitetura e a produção cultural com seus jogos de linguagem que serão utilizados como ferramentas para o desenvolvimento da cultura de consumo (BAUMAN, 2007). Que irá se consolidar e

determinar como se formam as identidades tendo em vista este novo ditame cultural, o pós-modernismo (JAMESON, 2004).

São conceitos que remetem a exposição da teoria neste momento apresentada por Harvey sobre as transformações na escala de produção (fordismo e pós-fordismo) e o desenvolvimento da economia pós-moderna. Palco para a transformação de uma sociedade de produtores com uma produção em larga escala, para uma sociedade de consumidores repleta de estímulos para a busca de satisfação pessoal.

Frente a incontáveis opções para a satisfação cultural dos indivíduos, que a cada momento podem experimentar uma nova identidade temporária, por meio dos produtores culturais, em uma sociedade pós-moderna, uma sociedade de consumo.

## CAPÍTULO 4

### PÓS-MODERNISMO E CULTURA DE CONSUMO

Este capítulo busca elucidar de forma mais precisa para o desenvolvimento da presente dissertação, como se constitui o pós-modernismo, como uma lógica cultural e a consequente cultura de consumo. Pois estão presentes na cultura pós-moderna, em seu modo de apresentação como dominante cultural. Os meios pelo quais a cultura de consumo se manifesta e passa a determinar a formação da identidade em uma sociedade de consumidores serão apresentados, de modo complementar, calcados nas concepções formuladas Fredric Jameson (2004), Mike Featherstone (1995, 1997) e Zygmunt Bauman (2007). Os termos adotados como pós-modernismo (Jameson, 2004; Featherstone, 1995, 1997), cultura de consumo (Featherstone, 1995, 1997) sociedade de consumo e modernidade líquida (Bauman, 2007) irão ser referentes as mudanças estruturais acarretadas pelo desenvolvimento social e cultural da alta modernidade<sup>11</sup>.

Para Fredric Jameson (2004), o pós-modernismo deve ser entendido como uma lógica cultural que articula e estabelece como se estrutura a nova ordem mundial, ou terceira fase do capitalismo, que através de um mapeamento do presente busca uma organização da vida contemporânea frente às múltiplas manifestações culturais que lhe são inerentes.

Este é um momento em que os estágios do capitalismo moderno, monopolista ou imperialista, cedem lugar ao capitalismo multinacional

...marca a apoteose do sistema e a expansão global da forma mercadoria, colonizando áreas tributárias de tal forma que não se pode mais se falar de algum lugar “fora do sistema”, como a Natureza ou o Inconsciente, constantemente bombardeado pela mídia e pela propaganda (JAMESON, 2004, p.5)

---

<sup>11</sup> Giddens (2002) utiliza como referência a alta modernidade, às mudanças importantes, em todos os aspectos da vida social, na extensão das atividades individuais e das instituições sociais, que atuam frente a uma crise, frente a mudanças de procedimento, e que podem ser encontradas na sociedades contemporâneas.

Neste momento não mais se trata de ver a cultura como uma forma de expressão autônoma e individual, como o presente na constituição das sociedades modernas, mas sim como um novo estágio do capital, sendo o pós-modernismo a lógica cultural deste sistema.

Jameson aponta que o pós-modernismo seria a consciência da cultura pós-moderna, que busca através de suas rupturas, e repleta de eventos, um instante revelador, através do qual possam notar as transformações presentes que jamais serão as mesmas. Toma como referência a representação dos objetos e ao modo como eles mudam constantemente.

Em relação ao processo de modernização e o pós-modernismo, Jameson argumenta que

O pós-modernismo é o que se tem quando o processo de modernização está completo e a natureza se foi para sempre. É um mundo mais completamente humano do que o anterior, mas é um mundo no qual a “cultura” se tornou uma verdadeira “segunda natureza”. (JAMESON, 2004, p.13)

Uma das características mais importantes para se chegar a cultura pós-moderna, pode ser encontrada na dilatação ocorrida na esfera da mercadoria e na consequente estetização da realidade.

Termo referente a estetização da realidade que Featherstone (1995) vai utilizar em sua teoria sobre o pós-modernismo e a cultura de consumo, como um traço fundamental para o desenvolvimento de construção de uma lógica de como o consumo poderia ser definido em meio a uma lógica cultural dominante e seus meio de representação. Em um momento histórico de homogeneização e integração cultural, no qual o processo de globalização nos conduz a uma aceitação do mundo como espaço singular sustentado por várias diretrizes ou como ele deveria ser.

A cultura pós-moderna é em si mesma o seu próprio produto, o consumo é quem gira a roda de manutenção do pós-modernismo, aliado a produção de mercadorias.

No modernismo o que mais se encontrava frente a produção cultural era uma faceta com a crítica as mercadorias, que segundo Jameson, apresenta traços residuais, assim como valores e atitudes, que deixam a sua marca, tornando impossível a emergência de uma cultura totalmente original.

Referente ao modernismo Featherstone vai ressaltar que mais do que a produção cultural, este movimento é pautado pelo desenvolvimento de regimes de conhecimento

que buscam a ordenação, o controle e a unificação entre natureza e vida social por meio das empresas capitalistas e da administração pública, aliados aos princípios de desordem e ambivalência.

Assim, o pós-modernismo, não se apresenta como um dominante cultural de uma ordem totalmente nova, mas sim como reflexo das modificações causadas pelos avanços do capitalismo, que atua através de sua grande ressonância cultural. Além da estética ou da arte interfere nos fatores econômicos e de organização social.

A tarefa ideológica fundamental do novo conceito, entretanto, deve continuar a ser a de coordenar as novas formas de práticas e de hábitos sociais e mentais (penso que é isso, em última análise, que Williams queria dizer com a noção de “estrutura do sentimento”) e as novas formas de organização e de produção econômica que vêm com a modificação do capitalismo – a nova divisão global do trabalho – nos últimos anos (JAMESON, 2004, p.18).

O que pode ser apresentado como uma revolução cultural, em uma produção em larga escala e distribuição das mercadorias aliadas a um amplo processo de estetização que é característico do pós-modernismo.

Trabalho que pode ser relacionado a uma discussão referente a cultura de consumo e ao pós-modernismo. Em “*Cultura de consumo e pós-modernismo*” (1995), Mike Featherstone busca um melhor entendimento frente a larga produção e consumo presente na cultura pós-moderna.

É inerente a posição adotada pelo consumo sem barreiras do pós-modernismo, o desenvolvimento de novos mercados e a multiplicação dos estilos de vida sendo propagados pela cultura de consumo.

Ao traçar um paralelo entre cultura de consumo e o nascimento do pós-modernismo Featherstone argumenta sobre o

O pós-moderno não apenas como um movimento cultural (pós-modernismo) produzidos por artistas, intelectuais e outros especialistas culturais; tenta-se, também, investigar como esse sentido restrito de pós-modernismo associa-se às alegadas mudanças culturais mais amplas nas experiências e práticas cotidianas que podem ser consideradas pós-modernas. (FEATHERSTONE, 1995, p.11)



O pós-moderno é colocado aqui em seu papel que envolve a união entre os produtores e os consumidores, uma vez que a produção cultural atinge uma enorme dimensão no desenvolvimento das sociedades, que apresenta um grande interesse na educação e na formação de indivíduos. Para Bauman este processo é resultante da passagem de uma sociedade de produtores para uma sociedade de consumidores.

O que acarreta em uma guerra de poder estabelecida entre os especialistas culturais e aos demais grupos (econômicos e políticos), que transmitem o conhecimento e bens culturais. (BAUMAN, 2000)

O objetivo central de utilizar a obra de Mike Featherstone (1995, 1997) é o de compreender como o pós-modernismo surgiu e transformou-se nesta imagem cultural tão significativa, que levanta questões sobre a produção, transmissão e disseminação do conhecimento na cultura contemporânea. Para Bauman, isto se trata na passagem de uma sociedade de produtores, que aposta na prudência e na segurança a longo prazo, para uma sociedade de consumidores, caracterizada por uma insaciabilidade de desejos e em uma tendência ao consumo instantâneo, onde as atividades existenciais são conduzidas a um futuro previsível.

Para Jameson, o pós-modernismo se constitui tendo como referência um enorme fascínio pela paisagem degradada do brega e do kistch, dos seriados de TV à cultura dos livros de bolso, na qual uma chamada “paraliteratura” se destaca e é incorporada à sua própria substância, em uma sociedade que pode ser conhecida como sociedade de consumo, das mídias, da informação e similares.

Pode-se notar, frente ao movimento causado pelo pós-modernismo é de uma cisão quanto a periodização, demarcando o período histórico passado como uma massa homogênea mediante a multiplicidade de característica que a mesma apresenta.

Meio este composto pela coexistência de uma série de características que apesar de unidas são bem diferentes uma das outras, em uma colocação sintagmática, que é um dos momentos da cultura pós-moderna.

A questão estética é de grande valia numa elaboração sobre os conceitos de pós-modernismo e que irão acarretar na formação de uma cultura de consumo, uma vez que sua produção está integrada à produção de mercadorias, em uma economia crescente e cada vez mais impulsionada pela venda. A economia consumista (BAUMAN, 2007) é alimentada através do movimento das mercadorias, que é mais bem avaliada através do número de dinheiro que fizer circular, em uma produção incessante de novos produtos

que cada vez mais necessitam de aparecer como novidade, pautado por uma produção estética e ao experimentalismo (JAMESON, 2004).

A economia consumista tende a se basear no excesso e no desperdício, no exercício de monitorar a conduta humana apresenta novos mecanismos de motivação e orientação. Desperdício este que pode ser caracterizado como decorrente da instabilidade dos desejos e da constante mutação das necessidades, onde “o ambiente líquido-moderno é inóspito ao planejamento com investimento a longo prazo.” (BAUMAN, 2007, p.45).

Em “*A corrosão do caráter*” (2006), Sennett apresenta uma narrativa que fica exposta à diferença na relação do trabalho na geração à longo prazo (modernidade sólida), em seu tempo linear e em empregos comuns e com uma certa, garantia, e a curto prazo (modernidade líquida), aberta as mudanças e aos riscos no trabalho que tornam-se frequentes, assim como também na transformação no tempo e no espaço em toda teia social, tendo em vista como atua a economia moderna e a vida emocional que se encontra a deriva, no capitalismo flexível.

Pode ser notado o aparecimento de um novo tipo de modelo de repercussão cultural que é propagado através de uma enorme falta de profundidade, um novo tipo de superficialidade, que é uma das grandes características da cultura do capitalismo avançado.

Estes aspectos apresentados sobre o pós-modernismo e a cultura de consumo levam a uma elucidação, que pode ser feita, referente a constituição da identidade, visto que é decretada a morte do próprio sujeito, que durante a modernidade clássica apresentava uma identidade fixa e que não mais pode ser encontrado na cultura pós-moderna, frente as fragmentações presentes em sua constituição e estruturação. (HALL, 2001)

Com o desenvolvimento da cultura pós-moderna, e através de seu processo de dominação cultural, pode ser decretado o desaparecimento do sujeito individual, aliado a uma crescente falta de um estilo pessoal a ser adotado. (FEATHERSTONE, 1995)

É muito comum associar a figura do produtor cultural com uma expressão de que sejam completamente destituídos de sentimentos, pois só pensam na produção cultural voltada para o lucro, este mesmo aspecto que repercute em todos os seus modelos propagados de representação e aceitação cultural. Uma vez que estes mesmos sentimentos agora devem ser impessoais.

Em uma possível comparação entre pastiche e paródia, pode-se dizer que ambos têm em comum a imitação de um estilo único, tendo em vista que o pastiche não representa os mesmos motivos sarcásticos da paródia, sem risos ou convicções. Que pode ser visto como “uma paródia branca, uma estátua sem olhos: está para paródia assim com uma certa ironia branca.” (JAMESON, 2004, p.45)

Uma abordagem sobre a produção cultural presente no pós-modernismo é constituída por uma linguagem artística, na qual o termo simulacro (BAUDRILLARD, 1991) e o termo pastiche são constituídos por um passado esteriotipado. O que pode ser detectado através dessas práticas, é que somos cada vez mais incapazes de produzir representações de nossa própria experiência coerente. (JAMESON, 2004)

Fazendo uma menção à periodização e à historicidade presente na cultura pós-moderna e à função desempenhada pelos produtores culturais, pode-se notar que suas produções são voltadas ao passado, a uma imitação de estilos que já se encontram mortos em uma cultura global acompanhada de uma ruptura na cadeia do tempo.

A crise da historicidade agora nos leva de volta, de um outro modo, à questão da organização da temporalidade em geral no campo de forças do pós-moderno e também ao problema da forma que o tempo, a temporalidade e o sintagmático poderão assumir em uma cultura cada vez mais dominada pelo espaço e pela lógica espacial. (JAMESON, 2004, p.52)

Esta crise na historicidade pode ser muito bem entendida através da produção cultural pós-moderna, que resulta em um amontoado de fragmentos, onde o sujeito perde a capacidade de entender de forma ativa sua extensão no tempo, o que resulta em uma tensão pungente quando relacionado com um complexo temporal e na incapacidade de organizar o passado e o presente da sua ação.

Jameson utiliza a exposição de Lacan sobre a esquizofrenia como um diagnóstico resultante das mudanças culturais e sociais, que irão fundamentar na constituição da identidade do sujeito. Pode ser vista assim, não como um diagnóstico clínico, mas sim, de forma análoga como descrição referente ao modelo estético adotado e sua interferência na formação dos significados.

O psiquiatra francês Lacan descreve a esquizofrenia como sendo originada por meio de uma ruptura na cadeia de significantes, presentes nas séries sintagmáticas repercutidas pela cultura pós-moderna, na qual estes significantes constituem um significado.

Sua concepção da cadeia da significação pressupõe, essencialmente, um dos princípios básicos (e uma das grandes descobertas) do estruturalismo saussuriano, a saber, a proposição de que o significado não é uma relação unívoca entre o significante e o significado, entre a materialidade da língua, entre uma palavra ou um nome e seu referente ou conceito. (JAMESON, 2004, p.53)

Visto por esta ótica o significado passa a ser gerado através do movimento do significante ao significado, sendo que o significado pode ser compreendido como o sentido ou conteúdo conceitual de um enunciado e que na cultura pós-moderna é visto como um efeito de significado. Quando se rompe as ligações entre o significado e o significantes é que, segundo Lacan, temos a esquizofrenia resultada de um amontoado de significantes diferentes e não relacionados.

Por meio dessa crise na historicidade e da concepção dos significados e significantes nos tornamos incapazes de unificar o passado, o presente e o futuro de uma sentença propagada, assim como também nos tornamos incapazes de unificar o passado, o presente e o futuro de nossa própria experiência biográfica e de nossa vida psíquica. É por intermédio deste panorama que o esquizofrênico se reduz a experiência dos puros presentes e seus significantes materiais. (JAMESON, 2004)

Este contexto apresentado sugere que esta ruptura da temporalidade ordenada libera um presente no tempo por meio de suas atividades e intenções. Onde o presente invade o sujeito por uma vivacidade sem igual que esmaga e dramatiza o poder do significante material, que traz acoplado as suas produções aspectos negativos, como a ansiedade e a perda da noção de realidade, e o que poderia ser considerado positivo como a euforia e as intensidades alucinógenas.

Uma vez voltada para a denominada modernidade líquida, ou melhor, para uma sociedade de consumidores, Bauman (2007) traça uma referência a como o tempo é abordado por esta cultura de bens culturais, apontando na supremacia do consumismo deste momento, sua relação com o tempo e o seu significado irão se constituir por meio de uma gama de possibilidades frente a negociação de seu conceito.

As experiências culturais mais recentes, que se enquadram frente a cultura pós-moderna são compostas de uma exposição exploratória no tempo e no espaço passando pela euforia e pela intensidade como suas características principais.

Frente a nova estética abordada e sua representação do espaço que são incompatíveis com a representação do corpo e acarretando com uma divisão do trabalho

pautada na produção estética que é mais acentuada do que as divisões de um período moderno. Ocorrendo junto a estes fatores uma estetização contemporânea do corpo humano.

Aquele momento de hesitação e de dúvida, quando nos perguntamos se essas figuras de poliéster estão vivas e respiram, tende a se voltar para os outros seres humanos reais que se movem a nosso redor no museu e transforma-lo, por um breve instante, em simulacros mortos, apenas pintados com as cores da vida. (JAMESON, 2004, p.58)

Assim, o mundo construído pela cultura pós-moderna se fundamenta no momentâneo, perdendo, assim, sua profundidade e correndo o risco de tornar-se uma película brilhante, em um apanhado de imagens sem profundidade.

A tecnologia da sociedade pós-moderna apresenta-se de forma hipnótica e fascinante sobre os seus consumidores, pois oferece uma forma de representação do mundo, e do poder veiculado ao controle exercido, que mostra-se de difícil compreensão para o imaginário dos indivíduos em sociedade.

Na concepção de pós-modernismo adotada por Jameson deve ser compreendida que se trata de uma concepção histórica de como a pós-modernidade atua como transformadores de toda a dinâmica cultural e econômica, e não apenas resultante de uma intervenção estética da cultura, que pode ser passageira. A lógica do simulacro presente nesta nova realidade gera através de seus produtos a transformação da realidade em imagens, reforçando e intensificando a lógica do capitalismo tardio.

O vício pela imagem é mais acentuado pela cultura pós-moderna, no qual as imagens constantemente propagadas transformam o passado em uma miragem visual, composta por estereótipos, textos em que quando relacionado ao sentido prático da sua existência não apresentam futuro e nem mesmo algum projeto coletivo.

A cultura pós-moderna não tem mais a mesma autonomia referente a um período moderno. O que representa uma mudança na forma de atuação, o que nunca pode ser entendido como o seu desaparecimento ou extinção.

A dissolução da esfera autônoma da cultura deve ser antes pensada em termos de uma explosão: uma prodigiosa expansão da cultura por todo o domínio do social, até o ponto em que tudo em nossa vida social – do valor econômico e do poder do Estado às práticas e a própria estrutura da psique – pode ser considerado como cultural em um sentido original que não foi, até agora, teorizado. (JAMESON, 2004, p.74)

Esta fundamentação sobre a esfera autônoma da cultura encontra-se em muitos aspectos relacionados com o diagnóstico proferido por Jameson, de uma sociedade estruturada culturalmente pela imagem e pelo simulacro. Em uma constante transformação do real em pseudo-eventos.

Este novo momento, original e global e ao mesmo tempo desmoralizante e deprimente é o novo e robusto momento de verdade do pós-modernismo. Uma vez que o que ora foi denominado grandioso, foi apenas o momento de seu surgimento e de seu encontro com as consciências, como um novo tipo de espaço coerente.

A produção cultural do pós-modernismo explora e expressa seu universo como uma série de abordagens de uma nova realidade, mesmo que paradoxal, em uma série de tentativas de nos distrair e nos desviar de nossa realidade, ou de disfarçar suas contradições internas. (JAMESON, 2004)

Para Featherstone (1995) o pós-modernismo representa uma acentuada aproximação entre a arte e a vida cotidiana, entre a alta cultura e a cultura de massa, que é repercutido através de uma múltipla celebração expositiva, que irá apresentar uma conceituação mais delimitada da cultura de consumo. Tal como Jameson, aponta para a falta de profundidade e originalidade propagadas pela cultura pós-moderna. O termo pós-modernismo se refere a cultura da pós-modernidade, assim como o termo modernismo, se refere a cultura da modernidade.

O interesse apresentado pelo termo pós-modernismo para Featherstone decorre de problemas na tentativa de elaborar um conceito de cultura de consumo e de sua associação com esta nova ordem de desenvolvimento cultural.

O pós-moderno não pode ser visto apenas como um movimento cultural, desenvolvido por artistas e especialistas culturais, sem levar em conta as mudanças culturais mais amplas nas experiências e práticas cotidianas, se transformando nesta imagem cultural tão influente e poderosa e determinante para o desenvolvimento social, que será fundamento para a constituição do simulacro (BAUDRILLARD, 1991).

#### **4.1) A cultura de consumo**

Na fase atual de oferta excessiva de bens simbólicos, na produção capitalista de mercadorias que irá acarretar em uma vasta acumulação de bens e locais de compra e consumo. O consumo não deriva apenas da produção que pode ser notada no desenvolvimento do pós-modernismo, é através de uma desordem cultural em seu relacionamento entre cultura, economia e sociedade que apresenta seu poder de monopolizar e desmonopolizar o conhecimento por meio de suas orientações e através de seus bens culturais que são constantemente reproduzidos.

Nesta relação apresentada entre pós-modernismo, a cultura de consumo e a ideia de uma sociedade de consumidores, Fredric Jameson (2004), Mike Featherstone (1995, 1997) e Zygmunt Bauman (2000, 2007), desenvolvem conceitos aqui apresentados que se complementam e traçam as características presentes neste momento específico da cultura de consumo, em seu âmbito social e cultural, relacionados à produção de mercadorias e sua proliferação neste momento da transformação da cultura contemporânea e na formação das identidades..

Assim torna-se indispensável neste momento apresentar como é formulado o conceito referente à cultura de consumo, que não pode ser limitado apenas com a incessante produção de mercadorias e com as apresentações de sua forma de consumo frente ao desenvolvimento frenético do pós-modernismo (JAMESON, 2004) ou modernidade líquida (BAUMAN, 2000).

Ao tratar do tema da cultura de consumo será necessário identificar alguns pontos centrais referentes à sua constituição. Em um primeiro momento convém ressaltar um ponto central, que é o da expansão da produção capitalista de mercadorias, que irá dar origem a uma vasta acumulação de cultura material em sua forma de bens e locais de compra e consumo, tomando esses aspectos como centrais e determinantes para a consolidação e perpetuação da cultura de consumo, sua dimensão cultural e econômica, a simbolização e o uso dos bens materiais como comunicadores. O que acarreta em uma amplitude cada vez maior do lazer e das atividades de consumo presentes nas sociedades ocidentais contemporâneas. Instrumentos estes que podem ser considerados como alimentadores da capacidade de manipulação ideológica e controle sedutor, interferindo assim na organização das relações sociais, na estrutura da sociedade e na constituição da identidade.

Tornar-se membro de uma sociedade de consumidores é uma tarefa árdua e que exige um grande esforço, tendo em vista que os mercados de consumo se especializam em tirar suas vantagens dos medos expostos pelos indivíduos e frente as suas escolhas por mercadorias e bens de serviço. Sendo que a entrada a esta sociedade de consumidores e tonar-se “sócio” da mesma, resulta em uma abordagem diferenciada. frente a decisão a ser tomada e que devem atender as condições eleitas como padrões do mercado.

Para a elucidação dessa questão, referente aos bens produzidos pela cultura de consumo e sua forma de constituição no meio social, apontarei sua real motivação entre as mercadorias veiculadas e os indivíduos que dela participam. A utilização do termo cultura de consumo não pode ser elucidado apenas da forma apresentada por Jameson em sua associação da produção estética e as necessidades geradas por seus produtos. Featherstone (1997) e Bauman (2007) irão destacar que o consumo irá dar lugar a fundamentação da reprodução social neste momento do pós-modernismo e da sociedade de consumidores respectivamente.

Aqui o termo cultura de consumo vai se pautar no modo pelo qual as atividades culturais unem-se a práticas significativas que são mediadas através deste consumo em larga escala de signos e imagens.

Assim, o termo cultura de consumo indica a maneira com que o consumo deixa de ser simples apropriação de um valor de uso para tornar-se consumo de signos e imagens, em que a ênfase na capacidade de remodelar incessantemente o aspecto simbólico ou cultural da mercadoria torna mais apropriado referir-se a signos-mercadorias. (FEATHERSTONE, 1997, p.109)

A cultura de consumo pode ser considerada como este vasto complexo flutuante, através de uma multiplicidade de signos e imagens que por si só são independentes e fragmentados, produzindo com isso uma possível interação que desestabiliza os significados simbólicos que irão repercutir na consequente manutenção da ordem cultural e social.

Torna-se necessário, para se fazer um retrato mais realista da sociedade de consumo e do desenvolvimento desta modernidade, um aparato do seu significado e sua forma de constituição neste momento histórico, aqui tratado em referência ao



desenvolvimento cultural do pós-modernismo (FEATHERSTONE, 1995) e também veiculado a ideia de uma modernidade líquida (BAUMAN, 2007).

Bauman irá ressaltar que o consumo deve ser visto como uma condição, até mais do que isso, em um aspecto permanente que os indivíduos irão encontrar frente ao desenvolvimento das sociedades. Este modo de consumo não apresenta limites temporais ou históricos, que devem ser visto como um elemento inseparável da sobrevivência humana. O consumismo é incorporado a um atributo decorrente da sociedade.

Frente a esta discussão do consumo como inerente ao papel individual aliado as decisões impostas por uma cultura de consumo, Bauman irá apresentar uma diferenciação entre uma sociedade de produtores (fundamentada pela modernidade sólida) para uma sociedade de consumidores (presente na modernidade líquida).

A sociedade de produtores pode ser caracterizada pela busca do conforto e do respeito como suas principais motivações frente aos desejos desta sociedade, que se compromete pela possibilidade da construção de padrões de reprodução a longo prazo por meio da padronização e rotinização do comportamento individual.

Tudo isso fazia sentido na sociedade sólido-moderna de produtores – uma sociedade, permitam-me repetir, que apostava na prudência e na circunspeção a longo prazo, na durabilidade e na segurança, e sobretudo na segurança durável de longo prazo. Mas o desejo humano de segurança e o sonhos de um “Estado estável” definitivo não se ajustam a uma sociedade de consumidores. (BAUMAN, 2007, p.44)

A sociedade dos consumidores pode ser entendida como a negação das apostas feitas pela sociedade de produtores, pautada pela instabilidade dos desejos frente a necessidades sempre renováveis. Aspectos estes que refletem a tendência do consumo instantâneo de suas mercadorias

O que mais se encontra presente frente a essa junção entre pós-modernismo, cultura de consumo e o consumismo em si, é a incapacidade presente para ordenar esta mesma cultura fragmentada, que repercute ao que Featherstone chamou de estetização da vida cotidiana. (1995, p.97). Esta incapacidade se mostra frente a impossibilidade de uma ligação contundente entre os signos e as imagens propagadas e a construção de um significado coerente.

Outro ponto a se ressaltar é o ilusão da satisfação e do status representado na lógica do consumo, os mesmos que dependem da exibição e conservação das diferenças.

Os indivíduos usam as mercadorias de forma a criar vínculos e até mesmo estabelecer distinções sociais.

Para Bauman esta questão da estratificação, quando visualizada à luz do consumismo e da necessidade de afirmação de reconhecimento de status social dos indivíduos, atua como um arranjo social que é ordenado tendo como referência a reciclagem dos anseios humanos e a satisfação dos seus desejos. O consumismo irá atuar como coordenador das estratificações sociais, sem deixar de lado a importância frente a formação individual.

Todo mundo está irremediavelmente lançado na moda do consumo, uma vez que todos almejam ser um consumidor e com isto aproveitar as oportunidades que esse modo de vida oferece, mas nem todos serão aceitos. “Todos nós estamos condenados à vida de opções, mas nem todos temos os meios de ser optantes.” (BAUMAN, 1999, p.94). É desse processo de inclusão e exclusão que se forma a sociedade de consumo, através da estratificação e da mobilidade social.

Dentro da reprodução dos bens culturais e a adequação dos indivíduos tais bens, os prazeres emocionais do consumo, os sonhos e desejos que são celebrados no imaginário consumista produzem uma gama de possibilidades voltadas para a excitação física e aos prazeres estéticos.

A publicidade é especialmente capaz de explorar essas possibilidades, fixando imagens de romance, exotismo, desejo, beleza, realização, comunidade, progresso científico e a vida boa nos bens de consumo mundanos, tais como sabões, máquinas de lavar, automóveis e bebidas alcoólicas. (FEATHERSTONE, 1995, p.33)

O signifiante unido às mercadorias veiculadas sofre uma manipulação dos signos na mídia e na publicidade, momento este em que os signos podem se apresentar independentes dos objetos, podendo estar disponíveis em uma multiplicidade de relações associativas.

Neste momento pode ser feita uma elucidação com a teoria desenvolvida por Baudrillard e a relação estabelecida neste momento da cultura de consumo com a formação da “mercadoria signo” (BAUDRILLARD, 1991). A presença de uma significação multifacetada dos bens de consumo cada vez toma cada vez maiores representações frente a cultura de consumo e a busca da satisfação das necessidades dos indivíduos que dela participam.

O aspecto cultural é o ponto central e determinante em uma sociedade de consumo, na medida em que transformou a vida social e as relações sociais através de suas variáveis. A superprodução de signos, imagens e simulações acarretam em uma perda de um significado estável e em uma estetização da realidade.

Fredric Jameson (2004) ao tratar do tema da cultura pós-moderna fundamenta o seu discurso cultural frente a uma “cultura sem profundidade”, a cultura ganha uma nova importância acarretada pela saturação de signos e mensagens, resultando em um apagamento na distinção entre alta-cultura e cultura de massa.

As representações simbólicas das mercadorias apresentam um aspecto duplo em que o simbolismo não se evidencia apenas no design e no imaginário acoplado nos processos de produção e marketing. As associações simbólicas das mercadorias podem ser utilizadas e renegociadas para enfatizar diferenças de estilo de vida, demarcando as relações sociais.

Dentre essa fundamentação das relações sociais, a mercadoria pode agir como delimitadora frente a derrubada das barreiras sociais, o que pode contribuir para a dissolução dos laços até então estabelecidos entre as pessoas e as coisas (mercadorias), atuando em um duplo aspecto atuando também como restrição e controle de status social.

Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos desta sociedade. Tornar-se e continuar sendo uma mercadoria vendável é o mais poderoso motivo de preocupação do consumidor, mesmo que em geral latente e quase nunca consciente. (BAUMAN, 2007, p.76)

Na cultura de consumo os problemas relacionados a oferta excessiva e a constante circulação de bens simbólicos e mercadorias apresentam um risco de atuar e transformar a legitimidade desses bens, que são usados como sinais da alocação no status social e sua consequente formação das identidades nesta sociedade do pós-moderna ou de consumidores.

Featherstone argumenta que este momento, em que a cultura de consumo irá representar a estruturação dentro da classificação do status social, é constituído através de “regras de desordem”, que controla as oscilações entre ordem e desordem, consciência de status, o jogo de fantasia e de desejo, aspectos esses que estarão presentes na constituição da estrutura da identidade. (FEATHERSTONE, 1995: 40)

As noções vigentes de consumo colocam em circulação as suas imagens com sugestões múltiplas de prazeres e desejos alternativos, visando seu excesso, desperdício e desordem. O capitalismo na era pós-moderna produz imagens e locais de consumo que voltam-se para os prazeres produzidos pelos excessos. Estas mesmas imagens também promovem uma aproximação entre a arte e a vida cotidiana e a consequente formação das identidades.

Em um mundo estetizado das mercadorias ofertadas pelas lojas de departamento, galerias e outros espaços este que evocam os sonhos deixados de lado que se transformam em uma curiosidade alimentada por uma paisagem em constante mutação, onde os objetos se apresentam alheios ao seu contexto de origem e submetidos a associações misteriosas.

A vida cotidiana das grandes cidades torna-se estetizada. Os novos processos industriais proporcionaram à arte a oportunidade de se deslocar para a indústria, verificando-se uma expansão das ocupações ligadas à publicidade, marketing, design industrial e mostruário comercial, de modo a produzir a nova paisagem urbana estética. (FEATHERSTONE, 1995, p.45)

Esta celebração e intensificação da estética incorporada à vida cotidiana das sociedades contemporâneas e voltada para uma cultura de massa gera nos indivíduos uma percepção estética que enfatiza a força e a capacidade de transgressão do pós-modernismo.

Isso acarreta em uma sobrecarga sensorial da imersão estética, que se situa nos sonhos destes mesmos sujeitos descentrados (HALL, 2001), onde todos tem acesso a uma ampla possibilidade de sensações e experiências emocionais.

Estes aspectos apresentados como uma tendência para estetização da vida cotidiana pode ser relacionado como uma distinção entre alta-cultura e cultura de massa, que irá apresentar o desfalecimento das fronteiras entre a arte e a vida cotidiana e uma maior especialização da arte como mercadoria. (FEATHERSTONE, 1995)

No âmbito criado pela cultura de consumo são apresentadas variáveis dentro da coerência da lógica de consumo, que procura sempre promover um estilo de vida que seja singular e ao mesmo tempo atrativo disponível para o público e seus consumidores.

Nesta sociedade de consumidores (BAUMAN, 2007) que retrata bem a questão da busca por um estilo de vida e uma estratégia consumista da existência, sociedade esta

em que a adaptação ao estilo consumista deixa de ser uma opção e torna-se um determinante social e cultural.

Assim, o que se pode argumentar, tendo em vista a discussão, aqui apresentada, sobre a cultura de consumo contemporânea é esta não representa uma perda de controle completo, tendo como foco a larga produção de mercadorias, mas deve ser salientado também que não se trata de uma instituição com controles rígidos, mas sim constituída de uma forma flexível capaz de lidar com o tempo e o descontrole, buscando uma troca favorável entre ambos.

A relação existente entre cultura de consumo e pós-modernismo nos leva a detectar sinais de que estamos passando por mudanças drásticas, que em um período pré-moderno não poderia ser encontrado, alterando assim toda a natureza do tecido social.

As mudanças apresentadas pela cultura pós-moderna colocam em evidência a produção e a disseminação simbólica. Neste momento torna possível garantir sua ressonância a um público cada vez maior que aceita a concepção de que a vida estética seria a via eticamente boa. O que resulta em uma coleção de possíveis formações da identidade, determinada pela modelagem estética.

Featherstone irá indicar três sentidos referentes a estetização da vida cotidiana, que em um primeiro momento apresenta uma consideração sob as subculturas artísticas como o dadaísmo e o surrealismo que procuram apagar as fronteiras entre a arte e a vida cotidiana, em segundo lugar a estetização como um projeto de transformar a vida numa obra de arte e um terceiro sentido que é o da estetização através de um fluxo constante de símbolos e imagens que por si só saturam a trama da vida cotidiana.

Esta estetização da realidade, em primeiro lugar, mostra a importância do estilo que é estimulado pela dinâmica do mercado, em sua busca constante por novas modas, estilos, sensações e experiências.

A expressão estilo de vida apresentada por Featherstone é colocada como da distinção do status social neste âmbito de consumo da cultura pós-moderna, que refere-se a individualidade, a auto-expressão e uma consciência estilizada.

As teorias aqui apresentadas, referentes ao pós-modernismo, modernidade líquida e a cultura de consumo, demonstram relevância para a discussão da constituição da identidade, uma vez que Jameson aponta para as mudanças culturais de uma cultura totalizante e seus meios de estruturação do meio cultural, com uma lógica do consumo pelo qual as mercadorias são constituídas por meio de seus significados e significantes

proferidos. É onde a sistematização contundente da cultura de consumo proposta por Featherstone se mostra necessária para elucidar as questões referentes a como o consumo e a produção de mercadorias corroboram com a constituição de um estilo de vida pautado pela estética e a consequente formação das identidades.

Featherstone aponta para o surgimento de nova classe média, no desenvolvimento do pós-modernismo e referente a estetização da vida agora pautada pela estética como força de manutenção e transformação do meio social, levando em consideração de que neste novo meio social uma grande parcela até mesmo se esqueceu de como são formadas as identidades, no lugar dos prazeres estéticos e de uma vida eticamente boa. O autor está se referindo ao meio onde a celebração da identidade se constitui em uma coleção de *quase-eus* em uma vida pautada pela modelagem estética.

As argumentações acima remontam a grande preocupação referente ao pós-modernismo, ao estilo e a estetização da vida, esta lógica dos ditames do pós-modernismo (JAMESON, 2004) e da cultura de consumo atuam como intermediários culturais. (FEATHERSTONE, 1997).

Segundo Bauman esta revolução consumista presente no período denominado como líquido-moderno corresponde a uma busca pela felicidade por intermédio de seus produtos de consumo. Consequências estas que não poderiam ser encontrada em nenhum outro momento histórico. O valor repercutido por esta sociedade de consumidores é a busca por uma vida feliz.

Esta sociedade de consumidores em contraponto com a modernidade sólida e até mesmo a um período pré-moderno, promete a felicidade a cada instante, abominando qualquer referencia a infelicidade.

Esta vocação consumista irá se basear nos desempenhos individuais em um último momento, levando em conta que os serviços oferecidos pelo mercado tornam-se necessários para o desempenho individual e de suma importância para a fundamentação da individualidade.

Este processo de transferência da sociedade de produtores para a sociedade de consumidores deve ser vista[O como constituído gradualmente na emancipação do individuo nas condições proporcionadas de “não-escolha” (modernidade sólida), passando para um processo de “escolhas limitadas” (modernidade líquida).

Este processo que pode ser chamado de civilizador (BAUMAN, 2007) tem como foco principal os indivíduos que assumirão o trabalho que antes era exercido

pelos controles comunais, que não mais estão disponíveis nesta sociedade consumidores.

Tais esperanças e apelos só fazem sentido, é evidente, se dirigidos a pessoas com contas bancárias no azul e uma carteira cheia de cartões de crédito, cidadãos “dignos de crédito” a quem os “bancos que ouvem” irão ouvir, os “bancos que sorriem” irão sorrir e os “bancos que gostam de dizer sim”, irão dizer sim. (BAUMAN, 2007, p.102)

Os indivíduos, nesta sociedade de consumidores são constituídos pela tarefa de tornarem-se membros desta sociedade, mas para isso devem ser detentores de crédito e utilizar este limite no máximo possível, que neste momento são esforços presentes no processo de socialização.

Estas fundamentações apresentadas pelos autores aqui tratados provem da dificuldade da compreensão deste novo movimento da sociedade de consumo, transformações estas as quais todos estamos imersos e envolvidos.

O que justifica na necessidade apresentada de uma compreensão do surgimento e proliferação do pós-modernismo como parte constituinte deste longo processo e ao aumento do poder da produção e disseminação simbólica. Nesta sociedade de consumidores (BAUMAN, 2007), que aqui foi abordada como uma consequência da cultura pós-moderna (JAMESON, 2004) e em sua consequente formatação da identidade frente às transformações sociais acarretadas pela busca de estetizar a vida cotidiana (FEATHERSTONE, 1995).

Aspectos estes que serão fundamentais para um estudo de como são formadas, mantidas e transformadas as identidades imersas neste meio de rupturas e celebração da estética empregada nas mercadorias no setor de consumo, assim como uma lógica cultural que irá determinar a posição dos indivíduos na escala social, pautadas pelos ditames culturais da cultura de consumo e do pós-modernismo.

No próximo capítulo utilizo como ferramenta ilustrativa o filme Ela, 2013, que apresenta por meio de sua narrativa e imagens propagadas um retrato de sociedade pós-moderna, na multiplicidade e diversidade de uma metrópole, e mais do que isso como o desenvolvimento tecnológico irá ser cada vez mais importante quando voltado para a constituição da identidade, que irá ser buscada através do desenvolvimento do pós-modernismo (JAMESON, 2004) , da cultura de consumo (BAUMAN, 2007) e do simulacro (BAUDRILLARD, 1991).

## **CAPÍTULO 5**

### **A IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE: O SIMULACRO COMO SOLUÇÃO**

Neste capítulo procuro apresentar como se constitui a identidade na pós-modernidade tendo como mola propulsora o desenvolvimento da tecnologia e do simulacro. Esta análise será apresentada em dois momentos: o primeiro, com destaque a pontos referenciais do que foi teorizado sobre o significado de sociedade pós-moderna e a dimensão da identidade neste contexto; o segundo, com atenção a argumentação de como este meio cultural e social irá se desenvolver e determinar a formação da identidade.

Para a realização de tal intento, recorro à análise sobre a identidade pós-moderna tendo como recurso metodológico a leitura do filme *Ela* (Her, 2013), uma produção norte-americana vencedora do Oscar de melhor roteiro original e do Globo de Ouro na mesma categoria. Trata-se de uma comédia dramática, com traços de ficção científica, escrita, dirigida e produzida por Spike Jonze, que narra a relação do ser humano contemporâneo com a tecnologia. Mais do que isso, em uma aproximação com a teoria aqui abordada, procuro observar como o simulacro presente na sociedade pós-moderna está vinculado ao próprio desenvolvimento da identidade como resultante do desenvolvimento do pós-modernismo e da cultura de consumo. O filme conta com as atuações de Joaquim Phoenix como Theodore Twombly, um escritor solitário de cartas de saudações, términos e felicitações para terceiros, Amy Adams documentarista e amiga de Theodore, Rooney Mara como Catherine a ex-esposa do protagonista e Scarlet Johansson, como a voz de Samantha o sistema operacional pelo qual Theodore encontra um sentido para a sua vida.

Como objetivo deste capítulo final, procuro traçar um paralelo entre o desenvolvimento de uma sociedade onde a tecnologia determinará como se constituirão as identidades e mais do que isso como o meio globalizado, com a tecnologia arrojada e um ideal de consumo passa a determinar a própria existência, para não dizer a própria constituição da identidade.



Tendo como base a formulação da teoria apresentada sobre a constituição da pós-modernidade e consequente a formação da identidade, a apresentação do filme servirá como recurso analítico e ilustrativo destes mesmos conceitos e teorizações.

### **5.1 - A constituição da identidade na pós-modernidade**

Segundo Harvey (2008), o período denominado como “moderno” na história das sociedades ocidentais, representa um momento no qual se encontra à disposição das sociedades e de seus indivíduos, um ambiente com todas as possibilidades de realizações, e que, ao mesmo tempo, tudo pode vir a ruir. Todas as certezas construídas e tudo que até então formava a personalidade fixa do indivíduo pode desabar. Ou seja, há um campo de forças opostas onde certezas e a permanências são questionáveis. O indivíduo que participa deste momento histórico faz parte de uma sociedade em que, na afirmação de Karl Marx (1848), “tudo que é sólido se desmancha no ar”.

Transformações estas que marcaram toda a sociedade moderna, a rapidez da mudança na modernidade, aliadas aos meios culturais e sociais fornecem uma averiguação quanto ao futuro da sociedade, aliados a força de produção capitalista. Em um conjunto fundamentado por ideias e valores da modernidade.

Anthony Giddens (1991) defende que a modernidade rompe com todas as condições que antecederam o seu surgimento, em um interminável processo de rupturas e fragmentações características de seu modo de desenvolvimento. Através dessa grande mudança, torna-se quase impossível a preservação de algum sentido de continuidade histórica.

A modernidade pode ser vista como uma era ainda a se encerrar devido ao fim de todas as postas que foram feitas sobre o progresso, em campos diversos como o das artes, da arquitetura, da literatura, da economia etc. Tal transformação iniciada a partir do momento em que a Modernidade não mais responderia aos anseios da sociedade, teria inaugurado a Pós-Modernidade. Segue-se a este paradigma emergente um novo conjunto de conhecimento e ideias que coloca por terra as premissas modernas de sustentação do mundo.

Fredric Jameson (2004), tornou-se uma das mais importantes referências no que diz respeito ao debate sobre a cultura pós-moderna, e sua dominante cultural, o pós-modernismo. Sobre o tema enuncia que

Os últimos anos têm sido marcados por um milenarismo invertido segundo o qual os prognósticos, catastróficos ou redencionistas, a respeito do futuro foram substituídos por decretos sobre o fim disto ou daquilo (o fim da ideologia, da arte, ou das classes sociais; a “crise” do leninismo, da socialdemocracia, ou do estado de bem-estar, etc.); em conjunto é possível que tudo isso configure o que se denomina, cada vez mais frequentemente, pós-modernismo. (JAMESON, 2004, p.27)

Segundo Jameson (2004), o Pós-Moderno, em contraste ao Moderno, se fundamenta na heterogeneidade e na diferença como forças libertadoras capazes de redefinir o discurso cultural e lhe trazer uma nova força de transformação e novos modos de interação nunca antes experimentados na história das sociedades ocidentais.

O argumento que legitimaria a Pós-Modernidade e sua existência apóia-se em uma ruptura radical, que data do fim dos anos 50 ou começo dos anos 60, com os preceitos anteriores. É uma ruptura que se caracteriza pelo repúdio ideológico e estético aos elementos do movimento moderno/modernista que teria vindo a ruir em seu centenário, impulsionada por uma produção cultural caracterizada entre outros fatores pelo pastiche e pela esquizofrenia (JAMESON, 2004).

O desaparecimento do sujeito individual, segundo Jameson (2004), ao lado de sua consequência formal, a crescente inviabilidade de um estilo pessoal, produz a prática denominada pastiche.

O pastiche como a paródia é o imitar de um estilo único peculiar, é colocar de uma máscara linguística, é falar em uma linguagem morta. Desse modo, o pastiche é uma paródia branca, uma estátua sem olhos: está para a paródia, assim como uma ironia branca. (JAMESON, 2004, p.44).

É que os produtores culturais não podem se voltar a lugar algum a não ser o passado, na imitação de estilos mortos, a fala através de todas as máscaras estocadas no museu do imaginário e que se repercutem a toda a sociedade. (JAMESON, 2004).

Há, também, uma ruptura referente ao centro da identidade do sujeito, que ocorre através de um bombardeamento ininterrupto de signos e imagens que por si só já são fragmentadas, dificultando qualquer tipo de continuidade social ou pessoal,

transformando a vida, e suas direções e aspirações variadas, num projeto onde o que realmente falta é um significado coerente. (JAMESON, 2004).

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente (HALL, 2003).

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas —desalojadas —de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente". Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (HALL, 2001, p.75)

Neste momento, da pós-modernidade, somos confrontados por uma enorme quantidade de possibilidades na formação das identidades, aspectos esses que se apresentam através da difusão do consumismo, que se toma um aspecto dominante na cultura pós-moderna, onde as diferenças e as difusões culturais entre os indivíduos foram reduzidas a um tipo de “moeda global”, uma vez que as diferenças entre as identidades podem ser traduzidas e reinterpretadas, fenômeno conhecido como “homogeneização cultural”, que se apresenta como uma tentativa de unificar as diferentes identidades nacionais (HALL, 2001)

As culturas nacionais são compostas tanto por instituições culturais, repletas de símbolos e representações, em uma forma de discurso que influencia e organiza as ações sociais. “As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar as “culturas nacionais” constroem identidades.” (HALL, 2001)

Através dessas características determinantes das identidades nacionais, constituídas neste momento na pós-modernidade, conforme Stuart Hall, torna-se necessário fazer uma síntese de como são conceituadas as identidades e o estilo de vida tendo em vista o desenvolvimento cultural do pós-modernismo.

Frente ao desenvolvimento social e cultural da pós-modernidade, que se apresenta com um brilho resplandecente e ideal de certeza, mas que na verdade é repleta

de dúvidas e questionamentos frente a sua real constituição, que se forma através de estruturas sociais e instituições culturais aos pedaços. Já o meio cultural é formado tendo como alicerce na força de transformação e dominação. Através dos novos mecanismos utilizados pela publicidade, e pela propaganda, assim como a busca por uma estética perfeita e chamativa, seja nos produtos vinculados a vida social, seja na vida individual de cada um. Este meio social e cultural, de uma sociedade, na modernidade líquida (BAUMAN, 2000) vai se desenvolver frente a diversidade de povos, de culturas e na consequente formação das identidades.

Segundo Featherstone (1995), o pós-modernismo deve ser visto como um momento de transformações que trouxeram à tona as questões estéticas, através de modelos e justificativas, buscando a formulação de novos modelos estéticos para a vida. “O “pós-modernismo”, teorizado e expresso em práticas artísticas e intelectuais, pode ser visto como indicador ou precursor de uma “cultura pós-moderna” mais ampla, um conjunto mais abrangente de mudanças na produção, consumo e circulação de bens e práticas culturais.” (FEATHERSTONE, 1995)

O movimento do pós-modernismo, pode ser melhor apresentado através das práticas artísticas e intelectuais, podendo ser usado também como um termômetro da cultura pós-moderna, em um conjunto de mudanças na produção, consumo e circulação de bens e práticas culturais.

Em “O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade” (1997), Mike Featherstone apresenta traços fundamentais para a constituição do pós-modernismo

Primeiramente, é um movimento que afasta das ambições universalísticas das narrativas mestras, em que a ênfase se aplica à totalidade, ao sistema e à unidade, e caminha em direção à uma ênfase no conhecimento local, na fragmentação, no sincretismo, na “alteridade” e na “diferença”. Em segundo lugar, é a dissolução das hierarquias simbólicas que acarretam julgamentos canônicos de gosto e de valor, indo em direção ao colapso populista da distinção entre alta cultura e a cultura popular. Em terceiro lugar é uma tendência a estetização da vida cotidiana, que foi impulsionada pelos esforços, no âmbito da arte, afim de diluir as fronteiras entre a arte e a vida (arte pop, dadaísmo, surrealismo, etc.) e o movimento em direção a uma cultura de consumo simuladora, na qual o véu das imagens apaga a distinção entre aparência e realidade. Em quarto lugar, é uma descentralização do sujeito, cujo o senso de unidade e cuja continuidade biográfica dão lugar a fragmentação e a um jogo

superficial de imagens, sensações e “intensidades multifrenéticas”. (FEATHERSTONE, 1997, p.69)

Através da apresentação destes traços constituintes do pós-modernismo, fica claro como este novo meio de repercussão da cultura pós-moderna, se diferencia dos meios culturais até então existentes, como o modernismo, atuando como formadores da identidade. Sendo que o quarto lugar destaca as principais características para uma constituição do indivíduo frente às mudanças estéticas trazidas pelo pós-modernismo.

Segundo Featherstone (1997), o pós-modernismo deve ser visto como um movimento que busca estetizar a vida cotidiana, impulsionada pelos esforços traçados no âmbito da arte, afim de romper com as fronteiras entre a arte e a vida. Realidade esta que quando voltada à constituição do indivíduo pós-moderno, se fundamenta na fragmentação, em um jogo superficial com imagens, sensações e intensidade múltiplas. Penso que tais características podem ser mencionadas em um paralelo entre a relação estabelecida entre Theodore e Samantha, no filme Ela.

Em um mundo onde a estética se desponta como um critério fundamental para a formação de uma boa vida, deve-se levar em conta que a formação da identidade como era no modernismo não mais pode ser encontrada, e agora se apresenta descentralizada, em uma sede de novas experiências que conduzem a cultura pós-moderna.

O eu descentralizado, argumenta Featherstone (1997), não possui uma essência humana coerente, subjacente aos nossos vários papéis sociais. Em vez de ser algo unificado e consistente, o eu é concebido como um conjunto de “quase-eus” conflitantes, um ajuntamento aleatório e incerto de experiências.

Uma vez que o antigo eu foi descartado como algo impossível de ser encontrado, a sede por novas experiências e a auto-ampliação constante podem tornar-se a justificativa ética da vida. A estética se torna critério ético de uma boa vida. (FEATHERSTONE, 1997, p.70).

O que mais irá ser ressaltado pelos teóricos pós-modernos, em se tratando da constituição da identidade, será o fato da fragmentação ter tomado o lugar da unidade, assim como da desordem ter ocupado o lugar da ordem, o que remete a mudanças drásticas na constituição da sociedade pós-moderna.

Mike Featherstone apresenta uma relação entre pós-modernismo e cultura de consumo, na qual a utilização do segundo termo se apresenta em uma referência fundamental para a reprodução social, uma vez que o consumo não deve ser visto apenas como um reflexo da produção, mas determina também como irão se fundamentar os ditames das sociedades e a própria constituição da identidade, tendo em vista as atividades culturais e as práticas sociais são mediadas pelo consumo. Como fica claro na propaganda do novo sistema operacional com personalidade, o pós-modernismo e a sociedade de consumo se encontram altamente desenvolvidos.

Assim, o termo cultura de consumo indica a maneira com que o consumo deixa de ser simples apropriação de um valor de uso para tornar-se consumo de signos e imagens, em que a ênfase na capacidade de remodelar incessantemente o aspecto simbólico ou cultural da mercadoria torna mais apropriado referir-se a signos-mercadorias. (FEATHERSTONE, 1997, p.109)

O consumo, aliado às práticas do pós-modernismo passam a ser referências determinantes para a constituição e regulamentação da sociedade. Os signos acoplados às mercadorias passam a desempenhar o papel de referência para veiculação dos produtos da cultura de consumo, assim como também para a constituição da identidade social. Movimento este que se refere ao termo simulacro.

Segundo Jean Baudrillard (1991), o simulacro é o que caracteriza o sistema cultural e econômico do capitalismo na era do pós-modernismo, marcando assim a vida real em um misto de signos e sensações determinadas pela cultura de consumo, tal modo de ação adotado pela cultura Pós-Moderna se diferencia completamente de qualquer formação social que lhe seja anterior. Forma-se um mundo onde o real não mais terá oportunidade de se reproduzir, o que se difere da cultura presente na “modernidade sólida” (BAUMAN, 2000), tomando como exemplo o desenvolvimento da Indústria Cultural e seu poder de persuasão.

O simulacro se manifesta em um território onde os fragmentos resultantes da cultura pós-moderna se encontram espalhados pelos cantos. Através de um modelo do real que nem mesmo é fiel a sua origem. Uma vez que o real é produzido “a partir de células miniaturizadas, de matrizes e de memórias, de modelos de comando – e pode ser reproduzido um número indefinido de vezes a partir daí.” (BAUDRILLARD, 1991)

A grande arma de poder que o simulacro apresenta é de apresentação de seus modelos através de um ponto real e referencial por toda a parte, convencendo de que a verdadeira realidade é a mesma apresentada em suas simulações.

Esta é a função do simulacro, traçar um sistema de morte ou de reprodução, do hiper-real e do imaginário, onde não mais restará espaço para o real, transformando a realidade em uma sequência de imagens e sensações.

O real nunca mais terá oportunidade de se reproduzir- tal é a função vital do modelo em um sistema de morte, ou antes de ressurreição antecipada que não deixa já qualquer hipótese ao próprio conhecimento da morte. (BAUDRILLARD, 1991, p.9)

Assim, vivemos por toda a parte que nos rodeia em um universo estranhamente parecido com o original, em formas mais sorridentes, mais reproduzidas a luz do próprio fim do sujeito unificado.

Essa é a lógica dos simulacros, já não é a predestinação divina, é a precessão dos modelos, sendo igualmente inexorável. E é por isso que os acontecimentos já não tem sentido: não é que sejam insignificantes em si próprios, é que foram precedidos pelo modelo, com o qual o seu processo só faz coincidir. (BAUDRILLARD, 1991, p.43)

Esses apontamentos levam inevitavelmente a decretar o que mais se repercute na teoria contemporânea, o do fim da existência do próprio sujeito e da constituição de uma identidade, de sua forma de pensamento, ou do sujeito que fora encontrado em outros tempos arcaicos e modernos, lugar este onde a tecnologia passou a dominar.

Segundo Jameson (2004), a cultura do simulacro entrou em circulação em uma sociedade onde o valor de troca se generalizou a tal ponto que mesmo a lembrança de seu real valor, de seu valor de uso fora esquecida.

Tendo como fundamento uma crise na historicidade causada pela cultura pós-moderna, o indivíduo perde a capacidade de organizar o seu passado e o seu futuro como uma experiência coerente, que a mesma se constitui de um amontoado de fragmentos aleatórios.

A referência à formação da identidade se apresenta na teoria de Fredric Jameson (2004), por meio da utilização do conceito de esquizofrenia para designar o estado real da sociedade contemporânea. O psiquiatra francês Jacques Lacan (1901-1981), descreve a esquizofrenia como sendo uma ruptura na cadeia de significados, transformando-os

em uma série de ligações de significantes sem sentido que compõe um enunciado ou que determina um significado. E que pode ser usada como característica diagnóstica do desenvolvimento da cultura pós-moderna na formação dos indivíduos.

A exposição de Lacan sobre a esquizofrenia torna-se importante no presente contexto da formação da identidade pós-moderna, uma vez que se volta não para um diagnóstico clínico, mas que pode ser tomada decorrente de um modelo estético. (JAMESON, 2004)

A formação de uma identidade se forma com efeito de uma certa ligação entre passado, presente e futuro; o que não ocorre na cultura Pós-Moderna. Sendo assim, os sujeitos sociais tornaram-se incapazes de unificar sua própria história e sua experiência biográfica, ou de sua vida psíquica.

Com a esquizofrenia social e a ruptura na cadeia de significações, o esquizofrênico se reduz à simples experiência dos significantes materiais, ou, em outras palavras a uma série de puros presentes, que não estão relacionados no tempo. Jameson recorre ao conceito de esquizofrenia de Jacques Lacan, não como uma doença patológica, mas sim como um estado de estagnação presente na sociedade e que acarreta esta grande presença visual e social de significantes múltiplos, sem que possa ser concluído seu significado específico. (JAMESON, 2004).

O que geralmente chamamos de significado – o sentido ou o conteúdo conceitual de uma enunciação – é agora visto como um efeito-de-significado, como a miragem objetiva da significação gerada e projetada pela significação interna dos significantes. Quando essa relação se rompe, quando se quebram as cadeias da significação, então temos a esquizofrenia sob a forma de um amontoado de significantes distintos e não relacionados. (JAMESON, 2004, p.53).

Assim a formação da identidade do “esquizofrênico”, ocorre com uma quebra na cadeia de significados para os indivíduos que passam a se encontrar frente a uma enxurrada de significantes eternos presentes nesse meio cultural, onde a reprodução da imagem e estetização da vida se repercute em toda a exposição da vida social e mais do que tudo na formação da identidade do sujeito.

Na busca de como se fundamenta a constituição da identidade na pós-modernidade (HALL, 2001; FEATHERSTONE, 1995, 1997; BAUDRILLARD, 1991 e JAMESON, 2004) se fundamentou a presente discussão, tendo em vista as elaborações fundamentadas sobre as identidades culturais desenvolvidas por Stuart Hall,



apresentando o caráter da formação da identidade pós-moderna como sendo constituído através de uma estrutura formada pela fragmentação e a pluralidade presente neste momento da história. É focando nestas identificações descontínuas da vida pós-moderna, que pode ser salientado que a formação da identidade pós-moderna se difere das formadas em um período moderno ou pré-moderno, uma vez que é decretada uma crise de identidade em uma variedade de possibilidades para sua adequação.

Um fator de grande importância ao tratar da constituição da identidade pós-moderna, é o movimento cultural do pós-modernismo, ou seja, aquele que se fundamenta nas questões estéticas, através das práticas artísticas e intelectuais, tendo como principal critério estetizar a vida cotidiana, rompendo assim as fronteiras entre a arte e a vida. Mike Featherstone argumenta que o eu descentralizado é formado de um ajuntamento incerto de experiências, onde a fragmentação tomou o lugar da unidade. Meio cultural este no qual os indivíduos estão inseridos, e que é determinante para a formação de sua identidade, onde o pós-modernismo se alia a uma cultura de consumo desenfreada, a mesma que será de grande importância na formação da identidade através de signos e símbolos que essa mesma cultura repercute.

Concluindo, a presente abordagem sobre a constituição da identidade na pós-modernidade, com o trabalho desenvolvido pelo crítico marxista Fredric Jameson (2004), no qual frente aos ditames do pós-modernismo e da cultura de consumo a formação da identidade pós-moderna se encontra tomada por uma crise na historicidade, pois não há uma relação que seja possível entre passado, presente e futuro de sua ação.

## **5.2 - A identidade pós-moderna vinculada ao simulacro: uma leitura do filme Ela (2013)**

Filmes como, Quero ser John Malkovich (1999), Adaptação (2002), e Onde vivem os monstros (2009), fazem parte da filmografia do diretor Spike Jonze. Os referidos títulos versam sobre temas que abordam as incongruências, os desejos e superações do homem contemporâneo.

Pode-se dizer que em seu filme mais recente Ela (2013), o diretor e roteirista nos apresenta uma visão clara e assustadora da sociedade em que vivemos, na qual o desenvolvimento das instituições sociais aliado a uma “desunidade” frente a formação social dos indivíduos resulta em vidas solitárias e melancólicas.

Esse é um aspecto da contemporaneidade, na qual os meios culturais e o próprio ambiente social são formados tendo como roldanas propulsoras o desenvolvimento tecnológico e o distanciamento cada vez maior de uma unidade frente a formação social e individual, em um constante movimento de transformação do real, em uma hiper-realidade. Tendo em vistas as constantes transformações das sociedades e suas instituições, que proliferam cotidianamente várias possibilidades de realização, e mais do que isso, com um conhecimento sempre renovável, característica presente no desenvolvimento das sociedades modernas, é que Giddens (1991, 2002) irá denominar a reflexividade.

Esse é o meio pós-moderno, onde as certezas que podiam ser levantadas quanto a constituição da identidade foram completamente perdidas. Vivemos uma revolução, uma nova adequação aos meios culturais e ao sentido de efemeridade.

O ideal de uma sociedade pós-moderna retratado no filme se desenvolve tendo como premissa o uma relação entre Theodore (Joaquim Phoenix), escritor frustrado de cartas para outros e Samantha (voz de Scarlet Johanson), um sistema operacional com voz e personalidade. É o simulacro tão presente na teoria pós-moderna aqui abordada, tendo como referência a constituição da identidade, do desenvolvimento cultural e tecnológico da sociedade pós-moderna.

Na primeira cena que abre o filme, podemos ver o personagem central Theodore narrando belas frases de amor, de saudações, envolventes e cheias de considerações positivas, o que poderia sugerir, que o mesmo está completo, mais do que isso, que sua identidade fora encontrada, insaciado pelo amor e por toda a sua representação. No

decorrer da cena se percebe, porém que na verdade ele está em seu ambiente de trabalho, no qual se ocupa de narrar cartas, frente a uma nova tecnologia, Theodore, é um escritor. O espaço físico onde trabalha se constitui de escritórios com divisórias que muito se assemelham a qualquer repartição burocrática. No caso ele faz parte de seu negócio: “Cartas escritas a mão.com”, repartição que mais parece ter sido decorada com papel celofane, junto a plantas e abajures.

Seria este o nosso destino? O pós-modernismo e a cultura de consumo conduziram a isto? Viver e acreditar no sentimento de outros? Enquanto a vida das sociedades avançadas estariam sem direcionamento ou centralidade, frente a grande quantidade de estímulos visuais e simbólicos

Quando Theodore deixa o seu trabalho nos deparamos com um grande aglomerado de pessoas, o que sugere ser uma metrópole, que o autor informa que é Los Angeles, em um futuro próximo. Nesta cena é possível notar a multiplicidade étnica das pessoas que circulam pelos espaços públicos: loiros, morenos, ruivos, asiáticos. Que remetem a que a teoria de Stuart Hall apresenta quanto a grande diversidade das identidades nacionais da pós-modernidade.

Ao tratar do tema sobre a formação da identidade pós-moderna, Hall desenvolve os seus estudos tendo como referência a formação das identidades nacionais e como as mesmas são utilizadas na construção da identidade cultural, uma vez que são constituídas e transformadas no interior das representações sociais, à globalização e à formação de novas identidades frente a pluralidade constituinte pelas diferenças étnicas e culturais na formação de uma nação.

A dinâmica do filme se apresenta como uma busca pelo amor, assim como vários outros elementos que repercutem a teoria pós-moderna, que pode ser demonstrada tendo como pano fundo a solidão e a melancolia. As apostas modernas de emancipação e individualização se transformaram na solidão dos indivíduos e em relações efêmeras.

Quando Theodore se lembra de seu antigo casamento, momento em que fora constituído através do que se pode chamar de *significado*, assim como foi apropriado por Lacan, o verdadeiro sentimento, as verdadeiras manifestações, que serão deixadas para traz, tentarão ser substituídas pelo sentimento proposto pelo *significante* (Samantha), que o mesmo irá encontrar.

Essa questão do significante eterno e da despersonalização é contundente no desenvolvimento do pós-modernismo, que busca através de seus meios chamativos e

direcionados dar um sentido latente, mesmo que mal regulamentado da necessidade dos produtos e a adequação dos indivíduos como necessidades operantes. É frente a este desenvolvimento que podemos encontrar uma significação ao processo de esquizofrenia social proposto por Jameson, como sendo constituído justamente a partir da quebra nas cadeias de significado, gerando uma sequência ininterrupta de significantes eternos e sem direcionamento.

O ponto central que remete a busca de identidade se apresenta na cena onde Theodore se depara com a propaganda do novo sistema operacional com personalidade, é seduzido por perguntas como: “Quem é você? O que você pode ser? Aonde você vai? O que está lá fora? Quais são as possibilidades?” Esta é a apresentação do novo sistema operacional, uma consciência própria, uma resposta para as perguntas até então quase sem solução. O homem pós-moderno se depara constantemente com estas mesmas interrogações, tanto as instituições sociais, como os meios culturais das quais fazem parte são transformados e modificados com uma rapidez e dinamicidade cada vez maiores.

A identidade torna-se uma celebração móvel (HALL, 2001), onde a resposta as questões existenciais são apresentadas e substituídas por um novo meio cultural, e em um novo ambiente social. “Quem é você?” está impregnado em todos e com pouquíssimas resoluções. A tecnologia do pós-modernismo se torna cada vez mais forte e destinada a resolver certos conflitos da razão.

O que pensar de um simulacro (BAUDRILLARD, 1991) que conseguiria satisfazer as necessidades individuais, existenciais e atuar como um papel organizador da própria vida, em uma sociedade desenvolvida, na qual a tecnologia cada vez mais ocupa o espaço que antes era composto por pessoas reais. Esta junção é apresentada no relacionamento estabelecido entre o sistema operacional OS1, auto-denominado Samantha. Pode ser traçada uma analogia tendo como parâmetros as relações cada vez “líquidas” que, segundo Bauman (2004), encontramos em nossa sociedade contemporânea, (modernidade líquida), ou ao que Featherstone (1995) e Jameson (2004) denominarão por pós-modernidade.

O termo simulacro, empregado por Jean Baudrillard (1991), é utilizado como referência frente à junção do pós-modernismo e à cultura de consumo transformando a realidade em uma sequência de imagens sem direcionamento em uma hiper realidade. Sendo visto como um reflexo da realidade, a mesma que é mascarada, que deforma e

anula por meio de suas simulações, em uma total falta de relação com a verdade, e como a mesma é expressada no pós-modernismo.

Pode se destacar que o indivíduo passa por uma crise na constituição de sua identidade, aliado a uma sociedade global, as diversas identidades nacionais. Ao inserir-se no mundo globalizado, o indivíduo passa a ser apenas a engrenagem de uma lógica cultural (JAMESON, 2004) que parece não possuir freios, sempre apresentando novos produtos e ideais, sempre renováveis de satisfação.

Samantha é um simulacro da realidade, um significante, uma vez que personifica o ideal verdadeiro do que seria o amor, ou mais que isso, a própria realização e satisfação pessoal, tão almejada no mundo contemporâneo, e tão difícil de ser encontrada. Este ideal de felicidade na pós-modernidade é repercutido através da publicidade e da propaganda como algo a se alcançar e sem nenhuma garantia. A confiança, como destaca Giddens (2002), é o ideal buscado em todas as esferas da vida moderna.

Na cena em que Theodore vai a seu primeiro encontro às cegas, fruto de um site de relacionamentos, revela como a busca pelo amor, mais do que isso, a busca por um relacionamento satisfatório, apresenta as características que encontramos nas argumentações empregadas por Bauman (2004) ao abordar sobre o amor líquido, em um relacionamento construído tendo como parâmetro a satisfação imediata e passageira na modernidade líquida. São estas algumas das características presentes nas sociedades contemporâneas.

O relacionamento fugaz presente nesta sociedade líquida, fica bem expresso quando Theodore experimenta este encontro às cegas, fruto de um relacionamento virtual. O casal proposto se apresenta aflito, dinâmico quanto a satisfação de seus desejos e ao mesmo tempo, tendo em vista a vulnerabilidade que o mesmo pode repercutir.

Uma marca estética do filme é a colocação do jogo de cores e como as mesmas são importantes ao dar significado às emoções de Theodore. Quando está no trabalho ou em casa, mas sem contato com Samantha, o cenário tem cores vivas e gritantes. Feito o contato, com o qual ele esperava ser único, tudo fica mais discreto, acinzentado e apático, o que é curioso, pois o que se espera de um relacionamento é exatamente a vivacidade para se dar uma continuidade as relações. Várias metáforas são apresentadas dando sequencia as conversas tensas e desagradáveis, onde os mesmos discordavam de

suas opiniões. A janela que expõe o filme reflete uma metrópole, cheias de luzes, prédios, o que transparece uma grande população e uma sociedade desenvolvida.

A estética do filme apresenta em seus quadros o desenvolvimento das grandes cidades, os arranha-céus cortando por todos os lados, a câmera funciona como moldura de uma imensidão, mas uma imensidão tão direcionada a respeito destas possibilidades e sempre de forma inconsolável. Seus indivíduos sempre se encontram perdidos em meio a grande diversidade.

As roupas vestidas pelos personagens nos remetem aos anos 1970, calças levantadas próximas ao umbigo, compostas por camisas de cores chamativas com um padrão estético robotizado. Em se tratando de uma sociedade futura, mesmo que tão próxima da atual, pode ser feita uma colocação a respeito da temporalidade proposta por Jameson, pois as roupas são referentes ao passado, enquanto o comportamento e a tecnologia apontam para o futuro.

Na cena em que Theodore apresenta Samantha para a aniversariante, pode-se destacar uma alusão à fundamentação do significado e do significante apresentado por Giddens em “Modernidade e Identidade”, no qual o autor faz uso da teoria de Lacan ao apresentar como se forma o verdadeiro significado para a criança, que seria a figura da mãe, tendo como significante o pai. Nesta cena podemos notar esta referencia quanto a alusão do simulacro no lugar da realidade. Uma vez que Samantha é um programa, dentro de um computador, o significante, tomando o lugar do real significado.

O simulacro, assim como descrito por Baudrillard, é abordado no filme como uma estrutura dotada de sentimentos e que atua, além de um meio para as satisfações amorosas como uma secretária, ou melhor, como organizadora das atividades intelectuais de Theodore, que pode ser visualizado quando são enviadas as cartas de Theodore para publicação.

O Programa criado por Amy, nos mostra novamente como o simulacro, ou melhor, a hiper-realidade toma cada vez mais espaço no desenvolvimento das sociedades, o que acarreta cada vez mais na distância entre as pessoas e a aproximação com a tecnologia, onde a simulação, adere ao sistema operacional como resposta a questões existenciais, que até mesmo em seu meio de simulação não apresenta estabilidade.

A relação amorosa líquida identificada no filme pode se entendida na cena em que Theodore encontra com sua ex-mulher Catherine para assinar o divórcio, eles lembram constantemente de momentos aos quais viveram e a significação dos mesmos,

o comprometimento e a alegria que viveram juntos. Quando Theodore apresenta sua atual namorada e diz que se chama Samantha e é um sistema operacional complexo e inteligente. Fica claro como Theodore prefere não encarar os problemas da vida e se vincular ao “amor líquido” tão presente nos tempos contemporâneos.

Para Bauman (2004), ao contrário dos relacionamentos antiquados, que envolvem compromisso, na modernidade líquida esses relacionamentos são feitos sobre medida para que surjam e desaparecem em uma velocidade cada vez maior com a promessa de serem mais satisfatórios e mais completos que as relações reais, no filme Ela este relacionamento líquido se apresenta com o surgimento do simulacro.

Até onde a presença do simulacro torna-se uma referencia na vida do indivíduo contemporâneo? A que ponto a falta de um corpo, do real pode se apresentar como satisfatório se mostra presente na cena em que Samantha contrata uma mulher real para se apresentar como o corpo ausente do sistema operacional, um parceiro sexual substituto para o S.O. Esta cena remete como a falta de um real significado, no caso um corpo real, pode ser visualizada como um ato de ultrapassar todos os limites entre realidade e hiper-realidade.

A contradição presente no desenvolvimento da teoria pós-moderna quando referente a constituição da identidade e sua decorrente crise, pode ser constatada até mesmo na “consciência” do simulacro Samantha, o significante da realidade, a ilusão criada pelo mecanismo de desenvolvimento da cultura de consumo aliado ao pós-modernismo. Na cena em que Theodore diz “Só não precisamos pensar que você que é algo que não é.” Fica exposta a fragilidade dos laços, assim como a contradição da hiper-realidade. Na mesma cena quando Samantha diz: “Eu não gosto de quem eu sou.” Haveria uma contradição quanto a formação de sua personalidade. Tempos estes rápidos e de desenvolvimento veloz, as paisagens seguintes mostram uma visão panorâmica dos edifícios, assim como as luzes chamativas das propagandas em neon.

O poder da publicidade pode ser demonstrado na cena em que depois de discutir com Samantha, Theodore, desolado se encontra sentado frente a um grande televisor, em sua tela a figura de uma águia com suas garras prestes a agarrar o que ali se encontra. Seria uma metáfora provável de como os meios tecnológicos estão voltados para a dominação individual e mais do que isso a momentos de profundo desespero. O que se segue é a confusão do protagonista e o desenvolvimento chamativo da tecnologia a o envolver por todos os lados.

O que é um relacionamento real? Para Bauman (2004), os relacionamentos na modernidade líquida são fruto da fragilidade nos laços humanos, em um mundo repleto de sinais confusos, dinâmicos e imprevisíveis. Em ideal que só pode ser encontrado em curto prazo e sem garantia de satisfação. Este é o questionamento proposto por Theodore quanto ao seu relacionamento com o simulacro Samantha e até mesmo presente no filme quanto aos outros relacionamentos empregados.

Nesta sociedade composta em redes (CASTELLS, 1997) estar conectado é sinal de estabilidade, nota-se a ruptura com este sistema quando Theodore não encontra uma estabilidade com o sistema operacional. A multiplicidade se mostra presente até mesmo no mundo dos simulacros quando ele percebe que todos a sua volta estão relacionando com a nova tecnologia. E que Samanta se relaciona ao mesmo tempo com 8.360 pessoas e que está apaixonada por 641, onde fica claro a instabilidade e a multiplicidade de momentos e sensações proposta pela era pós-moderna.

O filme retrata a atmosfera pós-moderna, seja pela paisagem construída pelo concreto em seus prédios enormes, seja pela publicidade arrojada, na constituição de uma historicidade incongruente, pela estética que envolve suas sequências, uma estetização da realidade, ou pelos sentimentos desapropriados.

Essa característica ao simulacro e a hiper-realidade é uma premissa da sociedade atual, pois com as novas tecnologias, novos softwares e equipamentos, quase não ocorre a quebra de expectativas. Tudo é programado de acordo com os nossos desejos e limitações e nada além do que se possa praticar é realizado. Entretanto, a tecnologia não consegue suprir ou substituir todas as sensações e sentimentos humanos e sua busca de identidade.

O que se percebe no filme Ela é a rápida capacidade que um próprio equipamento tem de se tornar obsoleto, assim como as relações humanas na modernidade líquida de Bauman. A Era do virtual também é descartável.

Este arcabouço teórico sobre a sociedade pós-moderna e suas transformações eminentes remontam aos anos 80. Porém a realidade apresentada no filme é cada vez mais atual. Uma sociedade formada e transformada pelos meios eletrônicos e pela busca de um sentido para a vida, pode ser encontrada no personagem Theodore.

O diretor nos mostra uma sociedade avançada onde os relacionamentos para consigo mesmo, assim como para os demais se mostram cada vez mais distantes e inatingíveis. Frente a essa multiplicidade desconcertante e tendo em vista a crise de



identidade, o indivíduo tende a cada vez mais de individualizar, em uma vida solitária e na troca do real pela hiper-realidade.

Este é o diagnóstico apresentado sobre a cultura pós-moderna e mais do que isso, em um futuro da humanidade, modernidade transformação, pós-modernidade extrema mudança, frente a múltiplos fatores de transformação o indivíduo irá se encontrar perdido, em uma procura incansável por uma identidade que possa ser satisfatória.

A busca por definir a identidade na pós-modernidade se encontra aberta, tendo em vista a construção de ambientes culturais e sociais que mais do que permitir a formação da identidade se apresenta em identidades múltiplas.

A cultura de consumo aliada ao pós-modernismo, conforme a argumentação de Featherstone, transforma a vida em um multiplicidade desconcertante de possibilidades de realizações e ao mesmo tempo não responde a perguntas essenciais, como quem sou eu? O que me representa?

Dentro desta visão turva e nebulosa que a realidade apresenta, em ser o que o meio me atribuir a busca pela identidade unificada se encontra cada vez mais distante. Identidade pós-moderna? Sou o reflexo do meio? Perguntas que remetem a mais perguntas com poucas soluções.

Uma vez apresentadas as características que fundamentam a constituição da identidade na pós-modernidade, fica claro que a mesma irá se constituir frente a um meio de fragmentação e descontinuidade. Bem mais do que salientar todas as suas descontinuidades na pós-modernidade cabe destacar a crise de identidade deste momento e suas transformações constantes frente às mudanças apresentadas pela cultura pós-moderna, uma vez que a formação da estrutura da sociedade remete a vários papéis e formatações e crises na historicidade, que acarretam em múltiplas possibilidades na constituição da identidade. Sendo este o ponto central apresentado pelos autores aqui tratados e de grande importância para traçar como se dá a constituição da identidade na pós-modernidade.

O simulacro deixa de ser repercutido apenas nas imagens veiculadas pela mídia, e passa a constituir um forte elemento no desenvolvimento da cultura pós-moderna. A realidade exposta pelo filme, pode ser vista como uma visualização de um futuro que não está muito distante. Mais do que isso, cada vez mais os sentimentos e o ideal de individualização passa a determinar como se constituirão os relacionamentos para consigo mesmo e para com outros.

O ideal proposto no presente trabalho é o de apresentar um estudo de caso, através da obra fílmica, como se constitui o meio social e cultural pós-moderno e como o desenvolvimento individual aliado a relação estabelecida pelo desenvolvimento consumista e tecnológico irá responder a grande pergunta da identidade. Quem sou eu??

A resposta precisa tendo como fundamento a teoria abordada é de que essa pergunta não encontra meios para a sua satisfação. Seja em um meio cultural constituído por diversas identidades nacionais (HALL, 2001), constituído pelos meios propagados do pós-modernismo (FEATHERSTONE (1995, 1997), JAMESON (2004), ou pela cultura de consumo (BAUMAN, 2007).

Os tempos atuais, estes líquidos e individuais remetem a distância, seja na constituição individual, seja no meio coletivo. A crise da identidade está formada, seja ela composta por passageiros ou tripulantes (TOURAINÉ, 1994), por produtores ou consumidores (BAUMAN, 2007). Por inclusos e excluídos, ou seja, pela grande multiplicidade que a teoria pós-moderna apresenta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta dissertação foi buscar um melhor entendimento de como se constitui a identidade na etapa da pós-modernidade, como a mesma se constitui e mais do que isso como a mesma irá se representar no espaço social e cultural.

O primeiro momento do trabalho foi o de conceituar o termo identidade, visto como resultante das transformações e do desenvolvimento dos meios sociais e culturais dos quais os indivíduos fazem parte, e são deles resultantes. Análise esta que leva em conta tanto as necessidades particulares como as coletivas por meio das normas de condutas que são expostas e determinantes. É na relação proposta em o indivíduo e a sociedade, que se apresenta de modo dinâmico, contínuo e diversificado, quando relacionadas às mudanças constantes da era moderna, seu processo de modernização (BERMAN, 1992) e consequentemente sociedade pós-moderna, e sua lógica cultural o pós-modernismo (JAMESON, 2004).

A formação da identidade só apresentará relevância com o surgimento da modernidade, e o ideal de individualização presente neste momento, no qual não mais será representada através do modo religioso do período pré-moderno (TOURAINÉ, 1994), dando mais espaço ao desenvolvimento da razão e ao direcionamento à individualização (BAUMAN, 2000).

É na era pós-moderna que este ideal de identificação entra em “crise” (HALL, 2001), em um meio no qual a determinação e apropriação de signos, imagens e instituições sociais entram em colapso, dando a oportunidade de uma gama de possibilidades, muitas vezes sem direcionamento para a constituição da identidade, correspondendo aos fenômenos do multiculturalismo e a globalização (BAUMAN, 1999).

No segundo momento a discussão valeu-se dos conceitos de modernidade, sociedade moderna e sujeito moderno, com o intuito de revelar a emergência do indivíduo e sua consequente constituição como sujeito, frente aos processos de modernização (BERMAN, 1999). Procurei, também, destacar a mudança das instituições seu dinamismo (GIDDENS, 1991, 2002). A modernidade e seu processo de consolidação e ruptura, apresenta características sociais e culturais diversas que serão determinantes para a formação da identidade que paulatinamente, irá se fragmentando.

De maior interesse neste momento serão a modernidade pós-tradicional (GIDDENS, 1991), líquida (BAUMAN, 2000) ou tradicional (TOURAINE, 1994). No transcurso do século XXI, é possível observar que muitas características até então arquitetadas na modernidade ainda se encontram presentes. Porém, muitos fatores apresentam uma “nova roupagem” que são incessantemente repercutidos pelo meio cultural. Ação essa que se mostra como necessária. Termos adotados como *fichas simbólicas*, sistemas *peritos*, os ideais de *confiança* e *ansiedade*, e o mais importante a se ressaltar a *reflexividade*, [onde o Eu passa a ser um projeto existencial e reflexivo] são características do desenvolvimento da modernidade, neste mundo tecnológico em que a informação chega a todos como uma potente arma frente às distinções e a tomada de poder.

Em um terceiro momento procurei elucidar como o termo pós-moderno surge, em qual lugar e por qual necessidade e de como o mesmo irá tomar cada vez um contorno maior, chegando à sua compreensão como uma determinação do desenvolvimento cultural frenético e de uma lógica cultural. Fredric Jameson foi tomado neste momento como um autor central para a abordagem do termo pós-modernismo, a partir da sua análise sobre a lógica cultural da pós-modernidade. As formas visuais começam a competir com a escrita e logo passam a predominar o movimento do pós-modernismo. É onde pode-se encontrar o início de análise sobre a supremacia de ordem cultural que se encontra presente no pós-modernismo e em sua relação com a cultura de consumo. Para Harvey (2008), essas mudanças trazidas na pós modernidade viriam substituir as crenças lineares da modernidade, por um projeto calcado na heterogeneidade e diferença, em sua produção cultural, em cópias das formas do passado sob uma nova aparência diversificada.

No quarto momento procurei elucidar como se dá esta relação entre o pós-modernismo e a cultura de consumo, tomando de referência não apenas a veiculação incessante dos produtos, como também a necessidade apresentada pelos indivíduos que através dos mesmos buscam um complemento para a constituição de suas identidades. Nesta etapa de consolidação de uma nova ordem mundial, ou terceira fase do capitalismo (JAMESON, 2004), se constitui uma busca por meio da cultura e de um ampliação na esfera da mercadoria. Busca essa que se configura cada vez mais num processo de estetização da realidade por meio de seus diversificados produtos. É através da estética que a economia consumista se alia a produção de mercadorias, com um slogan chamativo, mas que poderia se encontrado no passado. Este pode ser um indicio

da crise de historicidade presente neste momento, em que o indivíduo não consegue ter um panorama totalitário de seu passado e seu futuro de sua ação. Encontra-se uma perda de sentido de continuidade, pois o futuro é todo remendado por apostas que foram obtidas no passado e na construção de significantes e significado quase sem relação. A publicidade traz para o indivíduo em sociedade uma ampla gama de direcionamentos e sem um sentido determinado. Na cultura de consumo as atividades culturais unem-se a práticas significativas mediadas pelo consumo de signo e símbolos que cada vez mais se multiplicam. Frente a este momento de diversidade o próprio indivíduo não encontrará uma satisfação significativa frente a suas necessidades pessoais, na passagem de uma sociedade que produz, e se fundamenta nesta ação, para uma sociedade que consumo, no amplo leque proposto por seus produtores. Este é o cenário que se abre para a formulação do conceito de simulacro e de sua necessidade para compreender o comportamento na formação da identidade do indivíduo.

O filme *Ela* (2013), despontou, para os objetos propostos na dissertação, como referência ilustrativa de toda a situação até o momento abordado, tendo em vista que é possível identificar em sua narrativa, elementos como a sociedade de consumidores, no desenvolvimento do pós-modernismo, onde uma semelhança com o desenvolvimento das sociedades contemporâneas fica claro, preciso e ao mesmo tempo assustador uma vez que a sua premissa se desenvolve na busca por suas características existenciais frente a um simulacro, uma reprodução da realidade, uma hiper-realidade, que vem tomando cada vez mais rápido seu espaço e nadando de braçadas como auxiliar da constituição das identidades.

O presente trabalho apresenta seu ponto forte, ao desenvolver o termo simulacro e o ideal de hiper-realidade, apresentado como decorrente do desenvolvimento tecnológico, formado por estruturas aos pedaços e uma grande confusão entre os significados constituintes e os significantes sem direcionamento. Não apenas em sua relação com a obra de arte (JAMESON, 2004), mas tomando um direcionamento cada vez maior, ao buscar um rompimento entre a realidade vivida e as manifestações do simulacro cultural. Em nosso mundo globalizado, onde o poder da mercadoria é cada vez mais indissociável da vida cotidiana, tornando-se mais do apenas necessário.

O retrato traçado pelas argumentações presentes, remete a vários lugares que se encontram presentes dentro de cada um, frente a busca de uma identidade. Ainda mais em nossa sociedade, se possível chamá-la de pós-moderna. Na qual a identidade será constituída frente ao largo desenvolvimento das tecnologias e um aspecto cada vez

maior de poder no âmbito cultural. Assim caminha a nossa sociedade, na transferência de identidades, sejam elas nacionais, ou culturais. Seja em situações interligadas no tempo e no espaço, mesmo que distanciados por quilômetros. É neste meio que o indivíduo se perde, na busca de uma solução para a sua identidade que lhe seja determinante frente às escolhas propostas pelo meio social e cultural sem limites.

Esta análise apresenta um pano de fundo contundente com o desenvolvimento das sociedades contemporâneas, será possível conceituá-las mesmo como pós-modernas? Ou apenas fruto do desenvolvimento cultural e suas múltiplas características? Mesmo com esta possível aproximação com a realidade das sociedades atuais, fica a questão, se estas representam um ideal já vencido, superado, ou se ainda suas características fragmentadas ainda constituem as sociedades contemporâneas.

## REFERÊNCIAS:

ANDERSON, Perry. As origens da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulações. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. X. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 1982.

CASTELS, Manuel. O poder da identidade. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.2. São Paulo: Paz e Terra, 1999

\_\_\_\_\_. Sociedade em rede. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel. (Coleção Cidade Aberta – Série Megalópolis), 1995.

\_\_\_\_\_. O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel; Sesc. (Coleção Megalópolis), 1997.

GIDDENS, A. As consequências da Modernidade. X. Ed. São Paulo: Editora UNESP. (Biblioteca Básica), 1991.

\_\_\_\_\_. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 103–35.

HARVEY, David. Condição Pós-moderna. 17. ed. São Paulo: edições Loyola, 2008.

JAMESON, Fredric. Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. 2 .ed. São Paulo: Ática, 2004.

PASTANA, Debora. Mudanças Sociais Contemporâneas. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política. Uberlândia*. v.3,n.2, Dez.2013.

RITZER, George. Teoría sociológica moderna. Madrid: McGraw-Hill, 2002.

SÁ, Marcio. Pós-modernidade, dimensões e reflexões. Revista pós Ciências Sociais – São Luis, v.3, n.4, Jul/Dez. 2006

SENNET, Richard. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (Org.). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007.

TOURAINE, Alain. Crítica da modernidade. Petrópolis, Vozes, 1994.



Filme:

Ela (*Her*), direção de Spike Jonze, São Paulo, Sony Pictures, 2013, DVD (125 min.), son., color, legendado.